



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E  
INTERCULTURALIDADE**

**PEDRO CAIO SOUSA ALMEIDA**

**A ESTRUTURA DO PODER E AS ESTRATÉGIAS DE CONTROLE NO ROMANCE  
DISTÓPICO *DESTA TERRA NADA VAI SOBRAR A NÃO SER O VENTO QUE SOPRA  
SOBRE ELA***

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

**PEDRO CAIO SOUSA ALMEIDA**

**A ESTRUTURA DO PODER E AS ESTRATÉGIAS DE CONTROLE NO ROMANCE  
DISTÓPICO *DESTA TERRA NADA VAI SOBRAR A NÃO SER O VENTO QUE SOPRA  
SOBRE ELA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, área de concentração Literatura e Estudos Interculturais, na linha de pesquisa Literatura, Memória e Estudos Culturais em cumprimento à exigência para obtenção do grau de mestre.

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva

**CAMPINA GRANDE - PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447e Almeida, Pedro Caio Sousa.

A estrutura de poder e as estratégias de controle no romance distópico Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela [manuscrito] / Pedro Caio Sousa Almeida. - 2022.

99 p.

Digitado.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Distopia. 2. Autoritarismo. 3. Ditadura. 4. Poder. 5. Condicionamento social. I. Título

21. ed. CDD 801.95

**PEDRO CAIO SOUSA ALMEIDA**

**A ESTRUTURA DO PODER E AS ESTRATÉGIAS DE CONTROLE NO  
ROMANCE DISTÓPICO *DESTA TERRA NADA VAI SOBRAR A NÃO SER O  
VENTO QUE SOPRA SOBRE ELA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura e Interculturalidade (PPGLI).

**Área de Concentração:** Literatura e Estudos Interculturais.

Aprovado em: 05/07/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



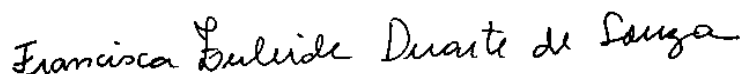
Orientador

Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva (UEPB)



Examinadora externa

Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima (UFCG)



Examinadora interna

Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza (UEPB)

## RESUMO

O ambiente distópico de *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018), de Ignacio de Loyola Brandão, é permeado por uma relação despótica na relação do governo com os cidadãos, a partir da manipulação social emanada pelo poder autoritário. O problema é que o excesso de uso de poder é utilizado de forma (des)ordenado sobre um grande número de pessoas, afetando negativamente a população. Isso as leva à escravidão, à dor e tristeza, tendo a liberdade, que é próprio da disposição humana, cerceada de forma tirânica. A hipótese então, é a de que a distopia serve como uma ferramenta social de denúncia para situações que muitas vezes não estão sendo percebidas pelos sujeitos de uma sociedade. Nesse sentido, a tese é a de que a relação dos personagens, a partir do contexto da obra, denuncia situações cotidianas que calcam a liberdade, impedem o uso da razão, e consequentemente, da ação coletiva, situação que rompe a noção de vivência em sociedade, observando as situações que condicionam o comportamento dos indivíduos dentro de um ambiente degradante. A pesquisa tem como base, principalmente os trabalhos de Moylan (2016), Suvin (2015), Arendt (1989), Jouvenel (2010), Montesquieu (1973), Durkheim (2007) e outros, que a partir de dados empíricos sobre situações cotidianas desenvolvem ideias sobre a organização dos múltiplos mecanismos de controle que dilapidam a autonomia física, psicológica e mental dos indivíduos em uma sociedade desequilibrada. Portanto, o objetivo da pesquisa consiste em analisar essas relações sociais, permeada pelo desequilíbrio de poder e da manipulação entre o governo e os cidadãos a partir da visão do narrador que descreve as diversas situações.

**Palavras-chave:** Distopia; Autoritarismo; Ditadura; Poder; Condicionamento Social.

## ABSTRACT

The dystopic ambient *Of this land nothing will be left, except for the wind that blows over her* (2018), of Ignácio de Loyola Brandão, is permeated by a despotic relationship in the government's relationship with citizens, from the social manipulation emanated by the authoritarian power. The problem is that the excessive use of power is used in a disorderly way over a large number of people, negatively affecting the population. This leads them to slavery, pain and sadness, having the freedom, which is proper to the human disposition, tyrannically curtailed. The hypothesis, then, is that dystopia serves as a social tool for denouncing situations that are often not perceived by the subjects of a society. In this sense, the thesis is that the characters' relationship, from the context of the work, denounces everyday situations that trample freedom, prevent the use of reason, and consequently, of collective action, a situation that breaks the notion of living in society, observing the situations that condition the behavior of individuals within a degrading environment. The research is based mainly on the works of Moylan (2016), Suvin (2015), Arendt (1989), Jouvenel (2010), Montesquieu (1973), Durkheim (2007) and others, which based on data empirical studies on everyday situations develop ideas about the organization of the multiple control mechanisms that squander the physical, psychological and mental autonomy of individuals in an unbalanced society. Therefore, the objective of the research is to analyze these social relations, permeated by the imbalance of power and manipulation between the government and the citizens from the point of view of the narrator who describes the different situations.

**Keywords:** Dystopia; Authoritarianism; Dictatorship; Power; Social Conditioning.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. O PODER E O CONTROLE DISTÓPICO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 A distopia .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 O espaço urbano da/na distopia .....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 Poder e controle de uma distopia não tão distante .....</b>	<b>29</b>
<b>2.4 As condicionantes distópicas.....</b>	<b>35</b>
<b>3. A CIDADE EM <i>DESTA TERRA NADA VAI SOBRAR, A NÃO SER O VENTO QUE SOPREA SOBRE ELA</i> .....</b>	<b>42</b>
<b>3.1 O cenário do condicionamento distópico no ambiente da obra <i>DTNVS</i> .....</b>	<b>48</b>
<b>4. AS CONDICIONANTES DISTÓPICAS EM <i>DESTA TERRA NADA VAI SOBRAR, A NÃO SER O VENTO QUE SOPRA SOBRE ELA</i> .....</b>	<b>69</b>
<b>4.1 As relações das personagens no ambiente distópico .....</b>	<b>76</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO A – Estrutura básica do Esquema .....</b>	<b>99</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A recorrência com que tenho percebido o interesse pelo estudo das relações político-sociais na atualidade mostra cada vez mais a atenção que está sendo empregada na busca do saber através do estudo de como se dão estas relações. Estas, desse modo, podem ser observadas tanto em momentos do passado como na contemporaneidade, chegando até especulações de como os relacionamentos futuros podem se dar. O número de pessoas interessadas nesse tipo de estudo e análise ainda parece insuficiente quando se considera a importância do assunto e a quantidade de pessoas que residem no Brasil, dando a impressão de que ainda há lacunas que necessitam de preenchimento a partir de pesquisa, estudo, análise, todas capitaneadas pelo interesse que surge da dúvida ou das necessidades de saber sobre determinada situação ou tema.

Hannah Arendt, em seu livro *A condição humana* (2007), ao se aprofundar na temática humana, analisa os “tipos de vida” dispostos por Aristóteles, que usa o termo de origem grega *bioi*, ou simplesmente *bio*, que significa “vida”, para falar sobre a relação dela com a política, utilizando-se do termo *bios politikos*, descrevendo a “vida” com a “política”, que podem ser conceituadas separadamente, mas como frutos de uma mesma natureza própria do instinto humano. Arendt fala sobre o emprego deste termo no contexto aristotélico, comparando-o ao uso no contexto medieval:

A principal diferença entre o emprego aristotélico e o posterior emprego medieval do termo é que o *bios politikos* denotava explicitamente somente o domínio dos assuntos humanos, com ênfase na ação, práxis, necessária para estabelecê-lo e mantê-lo. Nem o trabalho nem a obra eram tidos como suficientemente dignos para constituir um *bios*, um modo de vida autônomo e autenticamente humano; uma vez que serviam e produziam o que era necessário e útil, não podiam ser livres e independentes das necessidades e carências humanas. Se o modo de vida político escapou a esse veredicto, isso se deveu à compreensão grega da vida na *pólis*, que, para eles, denotava uma forma de organização política muito especial e livremente escolhida, e de modo algum apenas uma forma de ação necessária para manter os homens juntos de um modo ordeiro. (ARENDR, 2007, p. 21, grifo do autor)

Arendt chama a atenção para a importância dessa temática das práticas políticas na Grécia Antiga, a partir do que diz Aristóteles, e mostrando que o termo foi se desenvolvendo até chegar na era medieval. Ela coloca que o termo *bios* delimitava especificamente as atividades da população voltadas às ações políticas, ignorando as atividades “extra políticas”, que partem de uma contextualização política intrínseca ao ser humano e ao seu desenvolvimento, sendo por meio da *polis* que surge o ápice desse desenvolvimento, onde a



população participava das reuniões e tinha votos que incidiam no resultado de uma dada proposta. Na Grécia Antiga, os estudiosos se dedicavam tanto tempo ao entendimento e desenvolvimento das “práticas políticas” que se podia separar e delimitar a presença da política na prática da vida cotidiana em relação aos que não participavam, pois dependiam de outras atividades.

Há de se olhar também para o que Arendt diz sobre a “forma de organização política muito especial” no funcionamento da *Polis*, porque foi a partir do pleno funcionamento daquelas atividades que se obteve grande progresso e melhoria da sociedade partindo principalmente dos direitos do cidadão, da noção de justiça entre eles próprios e de suas relações com as regiões circunvizinhas, principalmente com a busca pelo entendimento do estopim das guerras e assim desenvolver técnicas de comércio e troca de favores como uma possibilidade de controlar os danos que as batalhas causavam, propiciando a boa convivência e melhoria da qualidade da vida.

Com isso, pesquiso um dos ramos que parte do gênero literário: o subgênero distopia, que descreve uma sociedade no futuro a partir de uma perspectiva negativa. Essa percepção própria da distopia se dá no romance que é a base do estudo, descrevendo as relações assimétricas entre os cidadãos e os governantes, pois há um domínio do uso totalitário de poder, que controla, cala e manuseia todo o resto das relações entre os indivíduos, acabando com a ideia primordial de sociedade<sup>1</sup>, ou seja, acabando com a fruição da liberdade e estabelecendo condicionantes para o funcionamento da máquina estatal que trabalha no intuito de suprir interesses próprios, submetendo todos a isso.

É nessa perspectiva que tenho pensado o desenvolvimento dessa pesquisa, partindo das aproximações que se pode estabelecer diante da representação distópica da realidade. Portanto, a análise se dá através dos aspectos internos do romance *Desta Terra Nada Vai Sobrar, a Não Ser o Vento que Sopra Sobre Ela* (2018)<sup>2</sup>, de Ignácio de Loyola Brandão, sobre como se dá as relações entre a cidade e as influências do Governo, detentor do poder, e também das relações entre as personagens e as consequências causadas pelas decisões desse sistema.

Nesta dissertação percebo alguns eixos que estão minimamente interligados, são eles: sociedade, poder e controle. É possível entendê-los distintamente, mas relacionando-os,

---

<sup>1</sup> A “ideia primordial de sociedade” da qual falo é a que está calcada na manifestação da vantagem que o homem sentiu de viver em grupos, seja por questões relacionadas à alimentação, afetividade ou satisfação de necessidades, sendo a vivência social uma vertente ao longo da história que une os povos sobre regras comuns que regem todos buscando o máximo de respeito quanto à manifestação das liberdades individuais.

<sup>2</sup> Pelo título da obra ser extenso, resolvi utilizar uma sigla para facilitar a comunicação. A sigla: DTNVS; que são as letras iniciais referentes a: *Desta Terra Nada Vai Sobrar*, que é a primeira parte do título.

chega-se à ideia de que um é potencial desenvolvedor para a realização do outro, como por exemplo, a manipulação advinda do controle que é intensificada pela existência de uma sociedade com diversos grupos de pessoas. As relações sócio-políticas podem estar permeadas de manipulações (próprias do indivíduo, principalmente em um ambiente que contém ideias e concepções de diversas naturezas), não apenas no sentido primeiro do termo, mas também no sentido pejorativo que, ao ser interpretado e a depender do contexto, alcança um entrelaçamento dos eixos e um direcionamento para o entendimento dessas relações.

Com o que é constatado pela história ao longo dos anos, as relações, principalmente as que resultaram em grandes desavenças, como a Segunda Guerra Mundial, não impactam apenas no momento de sua manifestação, mas podem perdurar por longos anos, atingindo principalmente a forma com que os cidadãos vivem, sua cultura e crenças, que acaba por alterar de forma indireta as sociedades subsequentes. Por esse ângulo, o temor que afeta o psicológico das pessoas se torna mais presente, de modo que é notável o aumento do número de produções que abordam as temáticas distópicas nas últimas décadas, tanto quanto se expande o interesse do público pelo assunto.

Da literatura contemporânea surgem diversas novas produções literárias que retomam assuntos necessitados de uma maior visibilidade sobre as relações sociais, como as questões de gênero, de memória e testemunho, de etnia e os estudos interculturais, por exemplo. Para isso, há uma busca por entender, nos dias de hoje, quem somos, onde vivemos, como nos relacionamos e como se pode lidar com os outros na busca de uma sociedade melhor. A distopia, nesse sentido, narra não apenas as relações sucumbidas como a importância de se olhar para o lugar em que se vive e fazer algo por ele.

Com todo o abalo mundial e com o processo de restituição dos escombros deixados, do fim do século XX e o início do século XXI, marcado pelo processo de constatação do que aconteceu no passado, atento para o fato de que hoje se tem um período de maior produção artística relacionadas aos acontecimentos desse período passado. Isso se dá justamente no fim de um e início de novo século, composto por inúmeras produções, contabilizando diversas pesquisas, artigos, livros, documentários, filmes, séries e outros. Em meio a enxurrada de materiais que foram sendo produzidos, há uma grande relevância para pensar o que essas relações representam e que será o escopo dessa dissertação, que é a distopia. Está ligada a obras literárias, como um subgênero literário, e aparece em filmes e séries, com relevância para o complemento documental.

Para tanto, se dá a importância de estudos como a distopia, pois a partir de fatos como o poder autoritário, controle e manipulação de uma sociedade, se consegue facilmente

rememorar episódios de um passado não tão distante, ocasionada por instabilidades das quais vivemos a cada instante. A distopia, nesse sentido, não só é uma representação que parte da percepção do autor, como também inventa possíveis situações a começar do que se passou, e também exagera, chamando a atenção do leitor para certos acontecimentos.

Pensando no desenvolvimento desta dissertação, o percurso a ser feito precisa passar por algumas questões, uma vez que, para analisar as relações entre a sociedade e uma política autoritária, adentramos em mais de centenas de anos, perpassados em diversos países e introduzidos por contextos variados em tempos distintos. Fazer um levantamento de todas essas relações sócio-políticas seria um grande trabalho. Por isso, pensando em traçar o corpus de análise, para fins metodológicos, é preciso estabelecer delimitações que auxiliem no andamento da pesquisa.

Seguindo uma ordem cronológica, entendo que as relações sociais entre a cidade, o Governo e as personagens, mesmo que melhoradas ou pioradas, se acumulam por experiências passadas, sempre a partir da ideia de “progressão” no tempo, independente das ações e escolhas. A obra ficcional do autor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, *Desta Terra Nada Vai Sobrar, a Não Ser o Vento que Sopra Sobre Ela* (2018), é uma distopia, já que narra a degradação do meio social, o controle dos meios de comunicação e um poder tirano que exerce suas vontades e mostra o desamparo de alguns personagens.

Explicitado o *corpus* e as problemáticas, a análise se dá pela relação sociopolítica, com base no modo como as personagens se relacionam e do que é imposto pelo governo dominante no ambiente da cidade, que são os elementos para o entendimento da relação entre o poder autoritário, a manipulação e a sociedade. A análise se apoia em outras obras distópicas de lugares pelos quais as situações de cunho ditatorial embasaram, e por isso servem de relato histórico, na qual as ideias filosóficas e antropológicas se desenvolvem pelas relações de poder e manipulação.

Metodologicamente, para desenvolver a análise, elaborei um capítulo teórico que perfaz um panorama de como era composta as sociedades e como ela se encontra representada na distopia de Brandão. Reflito sobre determinadas práticas e discursos que alicerçam a distopia: o poder e o controle (das comunicações, da política, da economia, dos ministérios, etc.) até chegar a ideia de que o romance é propriamente distópico por fundar uma cidade (São Paulo, no Brasil) estritamente caótica, antidemocrática, monopolizada por uma relação de poder despótica.

A seguir, a análise se divide ao longo de dois capítulos, depois de passar por uma introdução e um capítulo teórico, tem-se os dois capítulos analíticos que se voltam para as

concepções sobre o uso do poder e do seu aspecto tirânico, do controle social, das condicionantes, ambos como elemento da distopia, analisados sob a narrativa dos personagens, sendo na modernidade que a distopia parece ganhar um cunho mais voltado à crítica social, como desenvolvido na hipótese.

No primeiro capítulo analítico demonstro a presença dos conceitos gerais de poder e o uso da manipulação como meio de controle pela cidade distópica, teoria já vista no capítulo teórico. Esses elementos são analisados pelo escopo da distopia, da obra de Brandão, de modo a selecionar acontecimentos do romance por meio das relações delimitadas que encarceram e condicionam negativamente toda a esfera daquele local, além de apresentar um organograma com os setores de poder. Os conceitos desenvolvidos partem de autores como Hannah Arendt (1989), Hilário (2013) Bertrand de Jouvenel (2010), Maquiavel (1995), Montesquieu (1973), entre outros, que constituem o arcabouço teórico para melhor desenvolvimento do assunto em análise.

No segundo capítulo analítico serão vistas as relações entre as personagens da obra, dadas por diálogos, conflitos e amizade permeadas pelas condicionantes provenientes das ações de controle do regime, a partir da análise sociológica de Durkheim (2007) e também pela via psicológica, com as pesquisas desenvolvidas a partir da teoria de Freud e Kraepelin sobre as psicoses, e estudados pela pesquisadora Ana Oda (2010), Jaques (2012) e outros. Esse tipo de análise se dá por momentos da obra ligados a transtornos mentais e delirantes decorrente das condicionantes que degradam o ambiente. A análise parte dos personagens principais, na busca de defender a tese de que a relação dos personagens entre si e com o estado, se realizam em um ambiente caótico e ditatorial.

Por fim, as considerações finais, na qual serão retomados os principais aspectos da pesquisa, na busca de confirmar a hipótese e a tese, seguido de considerações entre o capítulo teórico e os capítulos de desenvolvimento analítico. Para isso, serão retomados de forma sucinta as ideias principais desenvolvidas nestes capítulos, como norteadores do desenvolvimento da análise, perpassando pela importância e necessidade de refletir e escrever sobre essas problemáticas a partir de um ponto de vista criado no futuro e tecer as ideias, considerações e conclusões pela pesquisa realizada.

## 2. O PODER E O CONTROLE DISTÓPICO

Como há diversos modos teóricos de se apropriar dos conhecimentos diversos, é necessário buscar embasamento nas teorias e conceitos que combinem com a análise literária proposta. Inicialmente, pensei em utilizar mais de uma obra para análise, mas não tinha um motivo claro, já que acabaria resultando em uma pesquisa muito extensa e que, para ter razão de ser, abarcaria dois vieses. Primeiro, uma análise das obras à luz de teorias que se relacionem com as preocupações proporcionadas pela distopia. Em segundo, uma comparação entre as obras do mesmo autor, que seriam: *Não verás país nenhum* (1981) e a obra de análise desta dissertação, *Desta terra nada sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018).

A pesquisa refletiria sobre a forma com que o autor criou suas narrativas distópicas, tendo em ambas um cenário como o Brasil. Porém, avaliando o andamento das escolhas que vinha realizando para a pesquisa, percebi que com apenas uma obra seria suficiente para alcançar o objetivo: que consiste em analisar as relações sociais deterioradas pelo desequilíbrio de poder e da manipulação do governo sobre os cidadãos, a partir da visão do narrador que descreve numerosas situações e possui várias facetas. Isto significa dizer que há um narrador que se apossa da fala de sujeitos e objetos diferentes, pois narra tanto da perspectiva do personagem principal, em primeira pessoa, como também do que é publicado pelos noticiários jornalísticos, do que é captado pelo microfone dos drones que sobrevoam os locais e das câmeras espalhadas pela cidade, o que expande a noção sobre como o local distópico está constituído.

Pensando no seguimento ao que estou propondo, serão vistos conceitos que são norteadores para o desenvolvimento da análise, como as noções do entendimento sobre a formação das cidades, que advém das tribos, ressaltando a natureza criativa do homem como uma determinante para esse desenvolvimento. Também pensar os conceitos de “poder” e de sua interferência no meio político-social que resultam no “controle”, cuja situação emerge pela edificação desse novo espaço como uma ampliação do que se tinha antes nas relações de menor quantidade de sujeitos entre as tribos, já que a análise parte da relação dos seres humanos em conjunto na sociedade. Esses termos têm peso, por isso é natural que sejam aprofundados de maneira que sirvam para a mediação do entendimento e da proposição da tese, que figura sobre o desgaste do uso despótico do poder por um governo tirânico que irroga uma relação desequilibrada no meio político-social da narrativa.

Nesta introdução do “capítulo teórico”, os conceitos que estão sendo levantados apresentam diversas possibilidades de significações e perspectivas diferentes, que podem ser

pensadas diante de vários recortes, mas é contundente que, para uma pesquisa como esta, eu siga um recorte definido que direciona a certos enfoques, na busca da melhor estratégia com o intuito de atingir o objetivo da pesquisa pelo desenvolvimento das hipóteses e afirmação da tese.

Serão explorados conceitos e ideias que surgem da distopia e das preocupações que dela decorrem. Portanto, passarei por obras categóricas sobre os temas que levam ao enfoque da obra em análise, observando o conceito sobre poder e o controle a partir do que proporciona o Estado e que está diretamente ligado à presença da cidade. O termo “condicionante distópica” é proposto no sentido de levantar hipóteses sobre como a influência do Estado autoritário condiciona a cidade e seus habitantes a viverem na extrema degradação apresentada na obra, como as diversas novas doenças, grande quantidade de doentes sem os devidos cuidados e o perigo de se andar na rua, atentando que, para haver esse tipo de condicionamento, há uma estrutura que precisa ser organizada previamente, calcada pelas más condutas do Estado sobre a cidade, que dá as condições para o desenvolvimento das ações como se verá posteriormente.

## **2.1 A distopia**

A narrativa distópica, enquanto objeto de estudo, delimita alguns temas de pesquisa e aprofundamento próprios dela. Quando a penso conceitualmente percebo que ela está em expansão e se mostra ampla fonte de estudo, já que envolve questões humanas que estão sempre em pauta e por isso são constantemente revisitadas. Uma delas, por exemplo, é a cidade, da qual irei falar e que já está alinhada a uma perspectiva próxima do que será analisado. Por agora, expando a pesquisa sobre a distopia para seus aspectos mais externos, que nos levará ao entendimento de como o conceito “distopia” surgiu, e disso o desenvolvimento das raízes: como ela vem se desenvolvendo e dando base tanto às literaturas quanto às pesquisas teórico-conceituais.

As narrativas distópicas, segundo Moylan (2016), partem de três movimentos que embasam uma estrutura crítica, ele coloca:

Eles são (1) a separação categórica da Utopia como impulso ou força histórica de suas expressões variadas (como textos, sociedades comunitárias, ou teorias sociais); (2) a diferenciação formal do texto distópico do texto antiutópico; e (3) a diferença política entre os textos distópicos que trabalham de uma posição de pessimismo utópico daqueles que são totalmente antiutópicos. (MOYLAN, p. 91)

Disso surgem novos elementos que ainda não tinham sido citados, e que são necessários para o entendimento desses tipos de narrativa. A distopia não surge só, já que conceitualmente ela advém de longos processos de reflexões e pesquisas sobre como funciona a mentalidade dos povos e suas relações vivenciadas principalmente nas sociedades, abordando três mecanismos que nos possibilitam um melhor entendimento das estruturas e capacidades de cada uma quanto ao seu “potencial sociopolítico”, como o autor pontua. É nessa perspectiva que insiro minha pesquisa, partindo dos elementos simbólicos e representativos dadas pela obra literária ao apresentar uma pretensão intuída pelo autor da obra literária, que é a de posicionar o leitor como agente observador de uma sociedade pior do que a sociedade em que ele mesmo vive.

Moylan (2016), nas suas considerações sobre a estrutura, pontua que os textos utópicos são os grandes propulsores das expressões que desembocam nas distopias e no que se chama “antiutopia”, que possui diferenças formais se comparada aos textos distópicos. Ao pensar nesse termo, é necessário que se tenha uma base firme da qual se possa partir. O conceito de utopia do qual parto, advém da obra de More (2017). Nessas considerações, o termo “antiutopia” deve ser esclarecido para o entendimento do conceito “distopia”.

A partir das considerações chamo atenção para o perceptivo movimento histórico sobre as condutas formais entre os textos que se iniciam e partem da utopia, sendo uma delas a “distopia”, que é diametralmente oposta. Isto é, a utopia possui determinadas perspectivas que resultam nessa ramagem de classificações. A “antiutopia” possui o prefixo “anti” de origem grega, que indica “oposição” e seria um dos tipos de distopia por representar uma sociedade cujo movimento político foi corrompido, resultando em uma sociedade piorada na qual se encontra uma crítica direta à utopia quanto a sua estrutura e proposta de funcionamento, visto que em ambas as sociedades se parte do mesmo “corpo político” que apresenta um poder central, alterando apenas a intenção e conduta dos participantes como em “boas ou ruins” no sentido de serem “justas ou injustas” para a sociedade. O pesquisador Suvin diz que:

A utopia pode ser dividida nos opostos polares: [...] e a simetricamente oposta DISTOPIA (cacotopia), organizada de acordo com um princípio radicalmente menos perfeito. A diferença radical na perfeição é em ambos os casos julgada do ponto de vista e dentro do sistema de valores de uma descontente classe social ou um aglomerado de classes, refratados através do escritor [...] A distopia, por sua vez, se divide em anti-utopia e o que chamarei de distopia “simples”. (SUVIN, 2015, p. 469)

A distopia, portanto, é dividida em duas formas: a antiutopia e a distopia simples<sup>3</sup>. A distopia simples é a não presença do que constitui a forma antiutópica, portanto o estudo dessa classificação não será relevante para a pesquisa, em razão da obra em análise se encaixar nos termos da antiutopia, ou apenas da “distopia”. Vale ressaltar que esses dois elementos que aparecem nos romances são apresentados dentro das “estratégias ficcionais”, como afirma Suvin, no intuito de os incluir como parte constituinte dos gêneros narrativos.

Na forma antiutópica há, para além da preocupação social-política, a percepção da “crítica biológica” à estrutura proposta na utopia ao demonstrar o padrão biológico do ser humano que faz parte de uma sociedade muito longe de sua “perfeição”, no sentido de ser “radicalmente menos perfeita”, apresentando os impactos de determinadas conduções que resultam na ruína, embasada por acontecimentos do passado. Comumente há um poder central totalitário que muitas vezes parte dos elementos cotidianos do funcionamento das sociedades e as projetam nesse “suposto” ambiente futuro, apresentando os impactos das más decisões que este sistema pode causar, por isso que se entende a distopia como uma variação da utopia, em uma perspectiva negativa, com diz Suvin.

Para representar o que está sendo dito sobre a utopia, o primeiro projeto de sociedade imaginada se dá na obra de Platão, *A República*, que propõe os primeiros elementos para o surgimento de uma sociedade que possua uma harmoniosa gestão sustentada pelo princípio de justiça como virtude essencial ao desenvolvimento dos cidadãos, livre da anarquia, dos interesses e disputas particulares. É uma obra do século IV a.C. dividida em dez partes e narrada a partir de diálogos entre sábios pensadores que debatem sobre a sociedade no que tange às suas melhorias, resolução de problemas, questões de cunho social. Na parte um, por exemplo, há um diálogo entre o sofista Trasímaco que, considerando a força como um direito, entende que a justiça deve ser garantida ao que é mais “forte”, como aquele que cumpre as regras e põe o injusto como alguém que infringe as regras sendo, portanto, alguém “fraco”.

Há de se atentar para a cultura geral desta época, fortemente influenciada pela obra magnânima de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*, que fez parte da educação grega, o que dá uma noção mais precisa de como funcionava a vida na época, permeada por guerras ligadas a conflitos como a busca da expansão de territórios, posse de bens, o qual se percebe altos valores ligados à preparação do guerreiro como aquele que tem prestígio, tendo sua morte

---

<sup>3</sup> Pensando em termos mais didáticos e que não levem a posterior confusão, usarei o termo distopia contemplando a sua forma antiutópica, já que a distopia simples não é relevante para o desenvolvimento da pesquisa.



como valorosa pela bravura e pelas causas por qual luta, sendo visto por todos e, inclusive, pelos deuses.

A literatura, portanto, dispõe não apenas da fruição literária da narrativa épica, mas fornece também uma espécie de panorama cultural e histórico, que pelo fato de o autor sempre repetir determinados acontecimentos, nos revela certa naturalidade com que se abordam essas ações, revelando possibilidades de que aquilo se baseia em algo do que realmente aconteceu na época<sup>4</sup>. Naquele dado momento, as preocupações eram outras, mas na obra d'A *República*, Platão consegue abordar aspectos próprios do ser humano que nos permeiam até hoje, como buscar entender os desejos, as pretensões, as escolhas que são feitas a partir do indivíduo e seus impactos no meio coletivo. Aspectos esses que estão presentes nos personagens gregos de Homero e em outros da mesma época<sup>5</sup>, expondo reflexões sobre as escolhas e condutas dos homens a partir do que se tem na vida cotidiana.

Algo semelhante acontece na *Utopia* (2017) de Thomas More, outra obra fundamental que dá sólidos embasamentos para os temas de interesse da utopia, e que foi influenciado por Platão ao escrever seus diálogos, tendo um ponto de partida anterior. Por ser uma obra mais “acabada”, no sentido de possuir uma construção mais completa quando relacionada à obra de Platão, Casertano (2011) ressalta que os escritos de Platão são de cunho mais filosófico, no sentido de lançar hipóteses sobre a base do comportamento humano e suas implicações em um dado espaço que simula um local que houvesse uma política funcionando em sua perfeição. Dessa noção, há uma preocupação que More aponta acerca da sobreposição do bem individual ao bem comum. Nesse sentido, o ideal seria que houvesse uma divisão dos bens entre todos, baseado no critério da equidade, garantindo a abundância e a não concentração de riquezas nas mãos de um pequeno grupo.

Obras como essas, que possuem grande influência no meio sociocultural, são referências quando se trata do assunto utopia. É nesse mesmo viés que surge o tema da distopia, como uma variação. Esse tipo de narrativa já surge com um forte teor político, por ser essa a proposição advinda da utopia, com representações que se aproximam de acontecimentos históricos vividos ao longo do tempo e de acontecimentos mais recentes abarcadas pela modernidade que dispõe de novas e variadas formas de governo. Mesmo podendo considerar esses sistemas como mais maduros por terem sua raiz no passado da

---

<sup>4</sup> Pollak (1992) fala da repetição como função da memória que aumenta o grau de certeza de que aquilo é verdadeiro pela naturalidade com que o assunto é abordado, são os “marcos da memória”, como pontos relativamente invariantes.

<sup>5</sup> Algumas dessas obras que circulavam em períodos próximos dos quais se estipulam a época de Homero, são de autores conhecidos ainda hoje como Hesíodo, Ésquilo, Sófocles, Aristófanos, que também tratavam da condição humana e demonstram as primeiras reflexões sobre a vida humana a partir da literatura no ocidente.

Grécia Antiga, podem e são corrompidas por diversos fatores administrativos e culturais como acontecia naquela época, partindo de grandes grupos de pessoas que formam um todo cultural, como também de pequenos grupos que possuem certas viabilidades e podem exercer mais poder.

As distopias de referência para esta pesquisa são frutos da modernidade, permeadas pelos novos tipos de conflitos que, contextualmente, possuem uma mesma “base humana” dos outros conflitos, como as divergências de ideias, culturas, ideologias, condutas diversas sobre certos assuntos que se ramificam em outros conflitos posteriores. Também há de se considerar as novas habilidades surgidas na modernidade, como as capacidades de armazenamento de informações e recursos de pesquisa, que de alguma forma, oferece mais embasamento a pesquisas com o armazenamento e o compartilhamento de dados para estudos e pesquisas, principalmente de tempos mais recentes, favorecendo o quesito do “prestígio” por pesquisas de cunho investigativo, por haver documentações de valor, como os relatos, as notícias de jornal, as comunicações via rádio, as câmeras de gravação, os documentos oficiais e assim por diante.

Nesse sentido, uma obra de grande interesse para o estudo da distopia é *1984*, de George Orwell, lançada em 1949 na Inglaterra, considerado como um dos clássicos do gênero. Ao situar o contexto histórico dessa obra, há um marcante histórico do pós-Guerra, permeado pela tensão da Guerra Fria, que suscita o surgimento da atmosfera na qual situa a gravidade da narrativa de Orwell, e que parecem ter grandes influências sobre sua escrita, já que há uma conexão entre as representações de sua narrativa com semelhanças do período histórico em que ele viveu.

Na constituição da narrativa distópica, é possível perceber o que se chama de “advertência”, que se refere às informações apresentadas que chamam a atenção do leitor por serem semelhantes com aquilo que se passa na realidade, como as obras clássicas desse subgênero representam e favorecem a inúmeras publicações neste sentido. O psicanalista Erich Fromm (1961), em um dos posfácios da obra *1984* de Orwell, diz que

Orwell não está só nesse esforço. Dois outros escritores, o russo Zamyatin em seu livro *Nós*, e Aldous Huxley em seu *Admirável mundo novo*, exprimiram o sentimento do presente e uma advertência para o futuro de maneiras muito similares à de Orwell. Essa nova trilogia do que pode ser chamado “utopias negativas” de meados do século XX. (1961, p. 310)

Orwell considera como importante e apresenta duas novas obras, *Nós* e *Admirável Mundo Novo*, consideradas pilares do tema distópico, que abrangem novos horizontes de

possibilidade para o que propõe o tema, considerando a linha que já vinha sendo exaltada: a de que essas narrativas “exprimiram o sentimento do presente e uma advertência para o futuro”, isto é, naquela época havia uma marcante presença desse “sentimento”, que chamou atenção e, portanto, se deu a divulgação da “advertência”, lançando o olhar sobre os sistemas que fundam as sociedades e seu alcance, expondo os riscos e assim propagando um novo tipo de olhar para o que vinha acontecendo.

A distopia em nosso tempo contemporâneo vem ressignificar o nosso olhar diante das atrocidades percebidas nos governos vigentes, envolvendo principalmente uma despreocupação com sua gestão e os cidadãos. Diante disso, o conceito de “estranhamento”, desenvolvido por Suvin, apresenta uma nova dimensão para esse fenômeno, ele coloca que:

Estranhamento [...] é uma estratégia cognitiva de percepção-cum-avaliação baseada no desejo crítico radical. Ele comporta múltiplas possibilidades de anamorfose e eversão de aspectos salientes no mundo do autor e possui como propósito o reconhecimento de que o leitor realmente vive num mundo de valores às avessas (SUVIN, 2015, p. 468-469)

Pensando uma estratégia cognitiva de percepção e avaliação, o autor diz que há uma intenção previamente formulada para a exposição da configuração antiutópica, visto que se trata de uma estratégia baseada no desejo do fazer crítico e radical. Disso se percebe o sistema da “antiutopia” e ao mesmo tempo reafirma que há situações preocupantes necessitadas de serem percebidas e avaliadas de alguma maneira. Ao ver representadas, nas obras distópicas, as condutas que levam a um “desmoronamento” moral e físico de determinado ambiente – na obra DTNVS acontece também no espaço físico da cidade São Paulo – atíça-se o senso crítico de cada leitor, principalmente quando a construção da narrativa é feita de forma “radical”. As considerações de Suvin, sobre o estranhamento, se harmonizam com uma das hipóteses desta pesquisa acerca do uso das narrativas distópicas como uma forma de alertar os leitores sobre os elementos que levam uma sociedade a ser tomada ditatorialmente.

É nesse sentido que, refletindo sobre esses conceitos, principalmente no conceito moderno da distopia, a pesquisadora Resende (2008) expõe que a presença da multiplicidade é uma característica dessa época, e dela surgem diversos pontos predominantes e de preocupações em comum com o que estou apresentando. Ela escreve:

A primeira questão dominante que quero apontar é a presentificação, a manifestação explícita, sob formas diversas de um presente dominante no momento de descrença nas utopias que remetiam ao futuro, e de certo sentido intangível de distância em relação ao passado (RESENDE, 2008, p. 27).

Resende utiliza o termo “manifestação explícita”, que aparece a partir de “formas diversas de um presente dominante”. Considero que as distopias, por apresentarem situações de um tempo futuro, partem de um momento presente, um momento de descrença, tanto ao que propõe as utopias, quanto ao contexto político-social de épocas ditatoriais e ainda sobre um presente que dá indícios e ameaça o sentido da democracia presente atualmente e que necessita da devida manutenção para seu funcionamento. O pesquisador Hilário (2013), ainda fala sobre esse olhar que a narrativa distópica suscita:

A narrativa distópica não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente. Ela busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie (HILÁRIO, 2013, p. 206-207).

A distopia possui sua devida importância quanto ao aspecto do tempo presente diante do tempo futuro. O desenvolvimento de quaisquer atividades e/ou tomadas de ação precisam e são dadas de acordo com o tempo. Por isso que, mesmo havendo a importância do presente e do futuro, há o tempo passado, do qual todas as coisas sucederam, como uma constante base de apoio para o seguimento das próximas. Nas distopias, este aspecto do tempo é interessante porque diversas narrativas propõem uma sociedade futurística, baseada em acontecimentos do passado e ainda pautadas no contexto presente do autor, da situação específica em que se escreve.

Portanto, estruturalmente, não se pode afirmar que as narrativas distópicas sempre apresentam narrativas semelhantes, já que cada história depende de um contexto, da criação artística que envolve os personagens, os ambientes, dentre outros. As semelhanças percebidas, como diz Suvin, advém dos elementos estruturais, e mesmo assim, cada obra possui um estopim, conflitos, impactos e tomada de ações. Nesse sentido, refletindo com o que concordo para esta pesquisa, Souza e Manguiera (2016) definem a estrutura comum encontrada nas distopias, colocando que:

O mundo distópico é desequilibrado, uma vez que, por exemplo, organiza sua sociedade em grupos com características comuns; muda constantemente, pois está sempre “eliminando” aquilo que impede o controle absoluto; é composto por elementos desproporcionais, sejam eles sociais, econômicos e/ou culturais; e, definitivamente, evolui à medida que o tempo passa, quer dizer, o jogo de poder/controla aumenta (SOUZA e MANGUEIRA, 2016, p. 19).

Os estudiosos dão algumas características normalmente encontradas nas narrativas distópicas como o “desequilíbrio”, sobre o estar “eliminando o que impede o controle

absoluto”, e “evolui à medida que o tempo passa”, mostrando que o nível de poder aumenta com o desenvolvimento da obra. Estruturalmente, segundo os pesquisadores, posso afirmar o que é dito, apenas ressaltando que essa é uma estrutura que pode flutuar em alguma medida, dependendo da obra em análise. Na obra DTNVS, por exemplo, o “jogo de poder/controlado” apresentado não se altera, ele já parece estar em seu máximo vigor, sem alterações ao longo da narrativa. Há a presença da “eliminação” daquilo que impede o controle absoluto, e os elementos desproporcionais aparecem ao longo de toda a obra, como as restrições incumbidas aos cidadãos e os deveres que não condizem com as funcionalidades práticas dispostas pelo governo.

Por isso é importante o cruzamento de ideias, pesquisas e desenvolvimentos sobre o tema, já que nem sempre os conceitos trabalhados se dão de forma única e sólida. As teorias selecionadas e expostas dessa forma são as que acho melhor combinar com a narrativa de Brandão, já que, por exemplo, ela costuma “fugir” em alguns aspectos do que comumente são definidos e redefinidos nas pesquisas, proporcionando novas experiências e situações para as quais se pode dar atenção. Sendo assim, a distopia possui classificações e definições que ajudam a percebê-la de forma mais elucidativa.

Isso demonstra a riqueza da criatividade artística e também a quantidade de possibilidades das críticas e análises político sociais que são feitas ao longo do tempo. Também por esse motivo que as distopias estão em vigor e merecem ser revisitadas, como uma atividade que traz sentido ao que é visto no mundo de hoje e que também serve de manutenção pelo zelo com que se deve olhar a política hoje, muitas vezes apresentando constantes ameaças à democracia que tanto se clama para ter em pleno funcionamento.

## **2.2 O espaço urbano da/na distopia**

Coloquei o tópico sobre distopia antes deste com um intuito claro de ressaltar a importância das organizações civilizatórias, isto é, das organizações político-sociais que constituem uma sociedade, para alcançar um entendimento mais pleno do conceito sobre distopia, já que esta precisa de uma cidade minimamente organizada para que se desenvolva, enquanto um dos seus “objetos” primordiais para o desenvolvimento dos estudos distópicos. Destaca-se, portanto, as organizações de cada lugar independente da época ou do momento em que foram criadas as narrativas distópicas. Isto evidencia que há certas variações em questões fundamentais da cidade, como a cultura, por exemplo, que alteram o valor de análise da pesquisa na narrativa.

O tema das cidades, sejam na literatura ou não, possui fundamental valor para o alcance que busco nesta pesquisa, já que o ponto primordial para o desenvolvimento das distopias modernas são as cidades, que primeiramente foram fundadas com um espírito de que tudo o que fosse desenvolvido nele serviria como aprimoramento para as condições de vivência do homem, o que conseqüentemente poderia tornar-se o cerne possibilitador para uma degradação de maiores proporções, conforme se dão as condições da cidade, como pilar da qual as distopias são propostas.

Cabe aqui, além da cidade, incorporar a esse subcapítulo pesquisas referentes à noção das condutas humanas que partem, sobretudo, dos espaços da cidade. Ponho, portanto, como imprescindível que, ao falar da cidade, fale-se também das pessoas que constituem essas cidades, notando que elas surgem de necessidades humanas e se desenvolvem a partir de melhorias. Nesse sentido, pensando no referencial teórico que contextualiza a cidade e sua formação, utilizo os autores Mumford (2012), Coulanges (1998) e Rolnik (2004).

Já quando se parte da cidade, enquanto aquela que comporta milhares de grupos de pessoas refletindo sobre o avanço das relações sociais nesses espaços, é preciso entender seu funcionamento básico pela conduta das pessoas a partir das suas individualidades quanto nas relações em coletividade. Teóricos como Montesquieu (1973), Maquiavel (2010), Kitto (1979) e Coulanges (1998) são referenciais, já que falam mais detidamente sobre o diálogo social que surge com a formação da cidade e do funcionamento desse novo espaço enquanto formação de novas culturas que mudam as condutas e costumes sob uma nova escala de influências.

O historiador Lewis Mumford, em sua obra *A cidade na história* (2012)<sup>6</sup>, ao estudar num contexto moderno sobre a formação e definição do significado do termo cidade, ressalta que ainda não existe uma definição que consiga englobar uma compreensão completa sobre o significado, “Uma vez que levou mais de cinco mil anos para alcançar o que apenas é uma compreensão parcial da natureza e do drama da cidade [...] No começo da história a cidade já é uma forma madura” (MUMFORD, 2012, p. 10)<sup>7</sup>, o historiador ainda atenta para uma consideração importante que é sobre o uso do termo “cidade”, visto que para usá-la já considera uma série de fatores a serem considerados como a ideia de maturidade do processo civilizacional, que é estabelecido por princípios, normas, cultura, havendo uma espécie de

---

<sup>6</sup> O livro está escrito na língua espanhola. Todas as traduções que partem dessa referência são traduções minhas, inclusive o título do livro, que no espanhol está *La ciudad en la historia: Sus orígenes, transformaciones y perspectivas* (2012).

<sup>7</sup> No original espanhol: En la aurora de la historia la ciudad es ya una forma madura [...] Puesto que ha llevado más de cinco mil años llegar a lo que solo es una comprensión parcial de la naturaleza y el drama de la ciudad (p. 10).

ordenação para a maneira como se vive em coletividade e de forma que se sustente firme ao longo do tempo. Isso mostra que o estudo da cidade parte de relações complexas, principalmente quando se busca estudar a origem e formação das cidades nos tempos mais antigos.

Ao passo que, para dar as primeiras noções sobre a formação das cidades, o historiador francês Foustel de Coulanges, em sua obra *A cidade antiga* (1998), diz que o que formava as cidades eram as tribos, considerando que a cidade não era simplesmente um grupo de indivíduos, mas que funciona como uma confederação de tribos e famílias. “Assim, a cidade não é um agregado de indivíduos, mas uma confederação de muitos grupos já anteriormente constituídos e que a cidade deixa subsistir” (COULANGES, 1998, p. 49). Então, a cidade iniciou como uma espécie de união entre diversas tribos e outras novas que surgiam, chegando a criar vínculos entre elas. A esse vínculo entre os indivíduos se dá o início da formação da sociedade, isto é, a origem da palavra “sociedade” vem do latim *societas*, ou seja: uma associação de um grupo com outros.

Apesar de cada tribo possuir suas individualidades e cultura própria, ao se unirem em uma cidade, começam a ser submetidas por uma espécie de cultura geral que dá início ao desenvolvimento das normas e condutas dentro daquela confederação, na busca de manter o melhor convívio entre os grupos. A origem da palavra cidade vem do latim *civitas*, que significa “direitos do cidadão”, ou seja, na origem da palavra para falar da cidade, considera-se as regras comuns que a regem, levando a consequente ideia dos direitos do cidadão, no qual a convivência em um ambiente permanece estável pelas inúmeras vantagens que se pode alcançar com grupos trabalhando de forma ordenada em prol do conjunto.

Nesse sentido, observando a cidade a partir de um aspecto coletivo, noto que para reunir tantos grupos e mantê-los unidos em uma confederação haveria de ter benefícios para permanecer no mesmo lugar. Coulanges diz que o primeiro pilar de sustento das cidades é a crença, visto que a cidade se torna um ambiente propício para voltar-se ao culto das divindades nos templos e santuários, criando laços mais fortes entre as diversas tribos que participavam daquele espaço. De forma concomitante, mas ainda posterior, que se entram as práticas da agricultura, as possibilidades de proteção e os comércios, também alimentada pelas trocas de bens e favores.

A fixação do homem a um local foi desenvolvida pela revolução da agricultura. Segundo os estudos de Rolnik, “a cidade, enquanto local permanente de moradia e trabalho se implanta quando a produção gera um excedente, uma quantidade de produção para além das necessidades de consumo imediato” (ROLNIK, 2004, p. 16). Portanto, com o

desenvolvimento da cultura agrícola surge um zelo pela moradia fixa em conformidade com o alcance das facilidades na busca do alimento, sendo desenvolvida com as trocas de favores dentro de uma sociedade, que dão condições para o aprimoramento e melhoria daquele local, permeada de uma subsistência mútua entre a prática e o compartilhamento de diversas novas atividades, tanto agrícolas quanto sociais e políticas.

A criação e sistematização de regras comuns é algo que acaba se tornando necessário, já que começa a surgir uma variação de condutas dos novos grupos sociais, nesse sentido que novos conflitos surgem, decorrente dos costumes que cada povo traz. A individualidade de cada pessoa é um dos fatores que leva ao desequilíbrio das sociedades, proporcionado pelas más condutas – como aquele que invade, rouba e mata – tanto pela violação das normas estabelecidas coletivamente quanto pela ineficácia de certas normas na vivência prática. Todos esses conflitos levarão ao que se entende hoje por sistema de leis, que se baseia, sobretudo, em princípios essenciais ao homem, norteados pela Constituição.

O filósofo e político francês Charles Montesquieu, ao escrever sua obra *Do espírito das leis* (1749), debruça-se sobre como se constituía as sociedades desde os primórdios, desenvolvendo então um capítulo chamado “Das leis da natureza”, que investiga as leis naturais que regem a relação entre os homens. É devido levar em conta que Montesquieu, ao desenvolver suas ideias nesta obra, deixou grandes influências às Constituições Ocidentais, já que ele é considerado como um filósofo primordial para o entendimento e desenvolvimento das Constituições e de seus aperfeiçoamentos. Também vale notar que o esforço posto por Montesquieu é de dar as noções mínimas para a permanência da Constituição em uma sociedade.

No desenvolvimento dessas leis ele cita um outro filósofo chamado Thomas Hobbes<sup>8</sup>, a fim de contestá-lo, pois este diz que o primeiro desejo entre os homens é o de subjugar-se mutuamente, ao passo que Montesquieu coloca que a primeira tendência é a paz, já que o sentimento de fraqueza brota a partir do medo que um homem tem do outro, quando se há o contato daquele que não se conhece, descrevendo que “Tal homem sentiria, antes de tudo, sua fraqueza e seu medo seria grande; [...] Nesse estado, todos se sentem inferiores e dificilmente alguém se sente igual. Ninguém procuraria, portanto, atacar e a paz seria a primeira lei natural” (MONTESQUIEU, 1973, p. 34).

---

<sup>8</sup> A obra de Hobbes ao qual Montesquieu faz referência chama-se *Do cidadão* (2002), em que é dito: “não haverá como negar que o estado natural dos homens, antes de ingressarem na vida social, não passava de guerra, e esta não ser uma guerra qualquer, mas uma guerra de todos contra todos.” (HOBBS, 2002, p.33).



Junto da percepção do sentimento de medo, o sentimento de suas necessidades apareceria, incitando-o à busca de alimentos para sobrevivência, dando o princípio da segunda lei sobre as necessidades. Montesquieu contesta Hobbes ao colocar que:

Disse que o medo levaria os homens a afastarem-se uns dos outros, mas a comprovação de um medo recíproco levá-los-ia logo a se aproximarem. Aliás, eles seriam levados pelo prazer que sente um animal à aproximação de outro da mesma espécie. Demais, este encanto que os dois sexos, pela sua diferença, inspiram-se mutuamente aumentaria esse prazer, e o pedido natural que sempre fazem um ao outro seria uma terceira lei (MONTESQUIEU, 1973, p. 35).

Portanto, o sentimento mútuo de fraqueza gerado pelo medo, unido ao prazer que um animal sente ao se aproximar de outro da mesma espécie, levaria os homens a se aproximarem mutuamente, resultando no princípio da lei da paz, munidos da necessidade de se alimentar, se reproduzir e se proteger. A percepção dessa natureza leva os povos a se unirem e a formarem povos maiores, e isso só é possível diante da capacidade humana de “conhecer”, que resultará na quarta lei, conforme diz: “Além do sentimento que os homens inicialmente possuem, conseguem eles também ter conhecimentos; assim, possuem um segundo liame que os outros animais não têm. Existe, portanto, um novo motivo para se unirem, e o desejo de viver em sociedade constitui a quarta lei natural” (MONTESQUIEU, 1973, p. 35).

A imaginação, diante daquilo que se vê, favorece melhorias que concedem ao homem novas possibilidades e facilidades, o elevando da esfera animal para a esfera humana e é por essa capacidade de conhecimento que se fortifica e dá razão para a união dos povos. O crítico Northrop Frye (2017), em sua palestra<sup>9</sup> intitulada “O motivo da metáfora”, diz que, ao notarmos o mundo como algo imposto a nós, a mente se divide em duas perspectivas, a primeira advém da curiosidade e o querer estudá-lo, e a segunda os sentimentos ou emoções que o veem como belo ou austero ou terrível, isto é, a nossa mente percebe que há um mundo exterior e que nossas emoções nos dizem algo sobre ele. Pensando no ato da verbalização, Frye (2017) diz:

A linguagem que usamos nesse nível mental é a da consciência ou perceptividade. É, em grande medida, uma linguagem de nomes e adjetivos. Temos de dar nomes às coisas e atribuir-lhes qualidades tais como ‘úmido’, ‘verde’ ou ‘belo’ para descrever como elas se nos afiguram. Essa é a posição especulativa ou contemplativa da mente, posição em que as artes e as ciências começam (FRYE, 2017, p. 14).

---

<sup>9</sup> Os textos do livro *A imaginação educada* (2017), do autor Northrop Frye, advêm de uma série de transcrições de palestras que aconteceram na “Canadian Broadcasting Corporation”, realizadas pelo próprio Frye.

O processo de percepção do sujeito sobre algo visto é um primeiro movimento em que temos a “consciência” de algo, e é segundo isso que “nomeamos” as coisas para conseguir qualificar aquilo que foi visto. Disso surge o elemento especulativo ou contemplativo da mente, como coloca Frye. O termo contemplativo surge do momento que se analisa algo para conhecer e que se consegue desenvolver o elemento especulativo, a pressuposição, que nos leva ao nível criativo, de melhorar, reestruturar algo já dado anteriormente.

Quando Montesquieu sistematizou as leis naturais, foi criada uma espécie de especulação perceptiva dos movimentos interiores dado entre os homens para a ideia de formação social. É nesse dado momento que Montesquieu considera o que Hobbes disse, pois a partir dessa união e formação da sociedade que os sentimentos de fraqueza se esvaem. A noção de igualdade entre eles, antes de se unirem, dominava aquele momento que estavam, e por esse motivo que a igualdade desaparece, já que é a partir do momento em que dois grupos se unem, inicialmente em busca de objetivos semelhantes, que surge a percepção de força que cada um tem diante do que se almeja.

Percebo, portanto, uma consciência da hierarquia de poderes na qual, naturalmente, alguns possuem mais “força” do que outros. Força no sentido do desenvolvimento de habilidades para certas atividades, ou seja, a forma de se relacionar, o uso de sua disposição e inteligência para executar tarefas, saber trabalhar de forma coletiva. Cada indivíduo, portanto, passa a expor sua força perante a sociedade, onde uns buscam liderar e outros preferem ser liderados realizando as proposições.

Entre os sujeitos que tem em si um chamado para a liderança, por seu modo de agir, é que se têm o princípio pelos quais se chega ao “estado de guerra”. Montesquieu coloca que:

Cada sociedade particular passa a sentir sua força; isso gera um estado de guerra de nação para nação. Os indivíduos, em cada sociedade, começam a sentir sua força: procuram reverter em seu favor as principais vantagens da sociedade; isso cria, entre eles, um estado de guerra. (MONTESQUIEU, 1973, p. 35)

Nesse sentido, a ideia que Hobbes apresenta se insere quando se tem essa relação de união entre os homens, desvalidando que os homens nascem em estado de guerra. Há primeiro uma tensão ao se encontrarem, tendo algum reconhecimento entre eles pode se ter a união desses de grupos e só após isso, já em união que os sujeitos passam a comparar suas forças entre o próprio grupo, que resulta no estado de guerra.

Isso posto, apresenta uma noção mais aproximada de como vão se formar as sociedades, entendidas a partir das complexas relações sociais. Visualizo, portanto,

determinadas situações em que os conflitos internos resultam na decadência de uma determinada sociedade, ou que conflitos externos entre sociedades diferentes chegam a gerar conflitos de maiores amplitudes, em cada situação específica. A partir dessas situações que “acarretam o estabelecimento de leis entre os homens [...] existem leis nas relações que esses povos mantêm entre si” (MONTESQUIEU, 1973, p. 35).

Nas interações nas cidades, criam-se uma gama de possibilidades, guiadas pelos interesses individuais ou coletivos. Acredito que os conflitos são o efeito “colateral” de todos os possíveis benefícios que se pode alcançar por meio das cidades. Um conflito bastante marcante na história da humanidade são as guerras, como situação última para solução de um ou vários problemas. O contexto da cidade aparece desde os textos mais tradicionais, como na *Ilíada*, que apesar de não haver um consenso exato do ano de publicação (aproxima-se que entre o século XII e VIII a.C.), foi onde aconteceu a Guerra de Troia, (antiga cidade de Troia localizada hoje na atual Turquia).

Também há de se considerar que as organizações proporcionadas pelas cidades possibilitaram todo o avanço alimentício, econômico, dentre outros. Na *Bíblia*, no *Antigo Testamento* apresenta-se a cidade de Jericó, na Cisjordânia, aproximadamente no século quarto a.C., e Jerusalém, em Israel e na Palestina aproximadamente na mesma época, como parte das cidades mais antigas já descobertas. Nesse sentido, surge desde a Grécia Antiga, em Egina, Esparte e Atenas, o desenvolvimento da *Polis* e do termo “cidade-estado”, tradução essa que não é suficiente para definir o que, de fato, é a *Polis*, como coloca Kitto (1979).

A filósofa Marilena Chaui, em sua obra intitulada *Convite à filosofia* (2003), no capítulo nove em que fala da “invenção política” coloca como primeiro ponto o “surgimento da cidade” e, se referindo à época da Grécia e Roma fala sobre o funcionamento da organização econômica-social de tipo despótico, mas que em certo momento foram tomadas um conjunto de medidas pelos dirigentes, conhecidos como legisladores, para que pudessem impedir a concentração dos poderes e da autoridade nas mãos de um rei. Nesse sentido, ela fala sobre o desenvolvimento da política a partir da cidade:

[...] há três aspectos comuns a ambas e decisivos para a invenção da política. O primeiro, como assinalamos há pouco, é a forma da propriedade da terra; o segundo o fenômeno da urbanização; e o terceiro, o modo de divisão territorial das cidades. (CHAUI, 2003, p. 351)

Os interesses precisavam ser mediados para que o funcionamento da sociedade não saísse do controle, com a propriedade da terra, a urbanização e o modo de divisão territorial. Isso significa dizer que a política tem sua raiz no princípio da harmonia e equilíbrio e esses

três aspectos apontados por Chaui são elementos advindos da cidade, mediados pela política de forma elaborada e racional, conforme se dá a origem do nome política ligada à ideia da *Polis*.

O filósofo grego Platão e suas ideias formuladas pela elucubração dos aprimoramentos de melhoria para a cidade e o meio social resultam na criação da *A República*, uma obra inacabada do autor, que levanta grandes questões, mesmo não mostrando uma solução para elas. Esse exemplo é pertinente para a pesquisa já que se trata de possibilidades de organização para uma melhor vivência, tal qual o é na distopia que serve para pensar mais livremente sobre o tema.

Um outro exemplo é a *Utopia* de Thomas More, no qual se encontram novas possibilidades criativas. O tema da cidade, na perspectiva utópica, é considerado obra mais antiga, mas que é basilar para o desenvolvimento da ideia em torno das sociedades, pois são discutidas quais as melhores condutas para atingir a harmonia, como no exemplo de Platão, em que há a criação de certas condutas que resultariam no surgimento de uma sociedade que zela pelo correto uso da justiça ao considerar valores associados à ética, imparcialidade, equidade e outros.

Fazendo um recorte dos exemplos levantados e observando as duas obras citadas como exemplos fundadores da perspectiva utópica, em que há o desenvolvimento sobre uma cidade, há uma busca por entendê-la a partir de princípios: por um ordenamento de condutas e leis que funcionem como regente para a criação, aplicação e funcionamento de uma sociedade quase que perfeita, senão totalmente perfeita em relação à convivência entre os habitantes e fatores que devem ser supridos em igualdade para todos os habitantes como alimentação, proteção, trabalho. É possível englobar as condutas a todos os cidadãos que estão vivendo em conjunto, com a inserção de mudanças nessas condutas, de forma individual, para que não se tenham conflitos no coletivo, já que precisam seguir as normas para o bom andamento da sociedade, evitando os conflitos entre a relação dos viventes, e deles com o sistema.

Já pensando nas ideias distópicas, visto que decorrem em primeira medida da utopia, o princípio parte da ideia que a execução das leis e condutas para o alcance de uma vivência mais equilibrada na cidade – sempre de forma rígida e séria, como na utopia – foi corrompida pelos próprios “governantes”, os detentores do poder que, a princípio, deveriam executar os preceitos da regulamentação já instituída. Nesse sentido, havendo um pequeno grupo de sujeitos que detém grande parte do poder, acaba-se perdendo o controle do uso desse poder, dando uma ênfase nas vontades individuais dos governantes, que rompem com a perspectiva coletiva.

Mesmo que houvesse uma instituição democrática<sup>10</sup>, ao invés de dar ouvidos para a opinião pública pela participação coletiva do povo, o pequeno grupo dos poderosos executaria suas vontades de forma arbitrária. Assim sendo, o governo passa a funcionar de forma despótica, comprometendo o equilíbrio e harmonia que se almeja para uma cidade perante os interesses individuais que não são transparentes, enfatizando a “cortina de fumaça” sobre quais decisões estão sendo tomadas e para qual direção se vai caminhar aquela nação.

A cidade é o principal local por onde são manifestadas as ações para a criação de um ambiente que funcione em coletividade. Quando, por exemplo, se tem a ação de mentir (ou omitir) que gera a enganação. Atualmente, com a ascensão das redes sociais, uma forma de mentira que ganhou grande repercussão, e serve de exemplo para o que está sendo dito, são as chamadas *Fake News*, termo advindo da língua inglesa que significa “notícias falsas”. O termo refere-se ao ato de mentir na emissão de uma notícia que pode acontecer além do âmbito nacional, para nível internacional. Podem haver diversos motivos pelos quais isso seja feito com certa frequência, e dentre elas pode dizer que se encontra a vontade de manipulação, de domínio, pois isto é sinal de poder e favorece algo ou alguém. Nesse sentido, a manipulação é uma meta, advinda da realização da “vontade” do sujeito por poder e controle.

Nicolau Maquiavel, diplomata e filósofo do século XVI, vai contra o pensamento tradicional que considera a tendência do ser humano voltada para a vivência em sociedade por uma busca de coletividade entre os cidadãos, coadunando com o que diz Hobbes. Maquiavel (2010) diz que a vivência em sociedade é permeada pela divisão, desunião e corrupção dos sujeitos, ou seja, considera que a tendência humana se volta a forma individual de vivência. Nesse sentido, o ambiente da cidade torna-se marcado por conflitos dos desejos e necessidades entre dois grupos sociais. Um dos grupos seria o “povo”, que tem como busca não ser oprimido pelos “poderosos”. Em segundo, os poderosos que buscam oprimir e dominar o povo.

Porque em toda cidade se encontram essas duas tendências opostas: de uma parte, o povo não quer ser comandado nem oprimido pelos poderosos, de outra, os poderosos querem comandar e oprimir o povo; desses dois desejos antagônicos advém nas cidades uma das três consequências: principado, liberdade ou desordem. O principado é instituído pelo povo ou pelos poderosos, segundo a ocasião aproveitada por uma dessas forças: quando os poderosos veem que não podem resistir ao povo, começam a favorecer um deles até torná-lo príncipe, a fim de poder saciar o próprio apetite à sua sombra; por seu turno, quando o povo percebe que não pode resistir aos

---

<sup>10</sup> Algo que não é possível na utopia, visto que o sistema é criado de forma “fechada”, no sentido que já se cria pensando nos limites possíveis entre as individualidades, portanto inalterável por voto popular, em que o conceito de “maioria” é abolido e deveria ser substituído por igualdade sob qualquer perspectiva.

poderosos, favorece um deles e o torna príncipe a fim de ser protegido por sua autoridade (MAQUIAVEL, 2010, p. 65)

É interessante essa perspectiva colocada por Maquiavel já que são situações elaboradas e descritas pela vivência individual. A partir das experiências surgem novas perspectivas que contribuem com esta pesquisa. É de se assumir que as consequências do que é dito possuem coerência com a realidade: as experiências, para além do que é teorizado pelo autor, apresentam semelhanças com certas condutas que se percebem na vida urbana. Nas sociedades, por exemplo, quase sempre existem elementos negativos quanto a vivência, fruto de uma experiência humana que em toda a história apresenta algum grau de “corrupção”.

A troca de valores entre as classes, descrita por Maquiavel, demonstra uma espécie de “desconfiguração” das ideias propostas por um ou por outro, sobre as “tendências opostas”. O principado<sup>11</sup> dos poderosos deve seguir a demanda de “comandar” e “oprimir”, sendo esta a “configuração” padrão da classe. Portanto, percebendo uma ameaça que vai de frente com o que prega o principado, tem-se uma exaltação de determinado sujeito que ameaça (pode ser o líder, ou os líderes, que fazem o movimento contrário funcionar), para que possa cessar o perigo e a relação entre as duas classes permaneça, como é a vontade da classe dominante.

Levando em conta estes aspectos acerca das relações em sociedade, há uma estrutura governamental que sempre se volta ao benefício da classe dos poderosos, pois por ela sempre se tem domínio da outra. Percebo isso pela estrutura que é montada a partir dos que tem uma descendência familiar dessas classes dominantes e das capacidades de cunho intelectual mínimo para a avaliação e condução de determinado ambiente que, por exemplo, no caso das terras brasileiras se iniciou com a liderança do rei de Portugal, Dom Joao VI, e depois, no império, passou para seu filho Dom Pedro I, descendente direto da família nobre de Portugal.<sup>12</sup>

A estrutura de governo de um país é montada e configurada para o uso do poder. A partir do aparato estrutural advindo das regras comuns definidas pela Constituição, tem-se a força do mando a nível nacional com a possibilidade de relações internacionais. As decisões que podem ser tomadas devem ser executadas dentro das configurações já prescritas na lei. Dessa forma, considerando o que disse Maquiavel, a classe dos “poderosos” sempre tem para si o poder para executar ações que necessitam de grande poder para serem realizadas. Com

---

<sup>11</sup> Nesse contexto em que Maquiavel usa o termo “principado”, está se referindo ao príncipe, enquanto sujeito que possui um título hereditário, colocando também como poderosos pela grande influência dos principados no local em que vivem.

<sup>12</sup> Esse duplo movimento colocado pelo Maquiavel não acontece apenas em grandes hierarquias, como no caso de um imperador, mas acontece também em hierarquias menores, como em uma relação de empregado e empregador, por exemplo, mas que nem sempre o elemento “opressivo” está presente.

uma vontade própria do homem de corromper o sistema para benefício próprio, pois o que tem importância diante de todo o cenário é a sua individualidade acima das outras. Por esse motivo também que o sujeito com grande acesso de poder quer comandar e oprimir. Nem sempre foi exatamente assim que aconteceu, mas percebo que ao longo da história diversas situações desse tipo aconteceram pelos indivíduos.

Começo a perceber que estes agravamentos se dão por uma estrutura organizacional, criada propriamente pelo homem e que, por isso, denotam certas nuances que se repetem e funcionam de forma semelhante, como uma classe opressora que incide diretamente e indiretamente sobre uma classe oprimida, tendo o capitalismo como um dos valores do funcionamento dessa estrutura que se expande consideravelmente pelo mundo como um todo. Estes traços são explícitos até os dias de hoje, como podemos ver o recorte do governo no Brasil e, de forma mais delimitada na cidade São Paulo, que nos leva para mais próximos da organização social dada na cidade de Brandão.

A cidade São Paulo é tida como uma das cidades mais importantes do Brasil e da América do Sul, pois está em primeiro lugar ao versar sobre centro financeiro, corporativo e mercantil. É influente não só nacionalmente como internacionalmente em diversos setores como cultura, política e economia. É uma das cidades mais amplamente conhecida nos setores mencionados, mostrando que esta cidade provavelmente possui uma carga de problemáticas e agravantes superior as outras cidades, podendo até influenciar as que estão aos arredores. É nessa perspectiva que se parte o desenvolvimento da cidade da obra DTNVS.

O estudo da cidade nos mostra que muito dos entendimentos passados nas narrativas distópicas possuem sua problemática na própria estrutura da cidade. O que quero dizer é que, sendo a cidade um desenvolvimento inevitável do progresso humano, há de se atentar para as variadas expressões que podem ser encontradas nessa forma de organização. Quando Platão fala que somos animais racionais e por isso políticos, se mostra mais claramente para nós a relevância deste tema para a sociedade e ressalta o que é proposto pela distopia enquanto aquela que nos faz voltar mais uma vez para nós mesmos enquanto viventes no meio em que estamos.

### **2.3 Poder e controle de uma distopia não tão distante**

O poder, na prática política, pode ser exercido por um grupo de pessoas, seja uma família real, um parlamento ou até por sujeitos de âmbito ditatorial que surgem de grupos menores da sociedade a qual fazem parte. Do sentido da palavra surge a noção de que o uso

de poder pelos governantes sempre se dá por más intenções de tom opressivo. Há certa intuição de que para eles é mais fácil movimentar decisões, avaliações e intenções em relação a alguém que não o tem em igual medida. Por exemplo: alguns sujeitos que possuem poder conseguem se utilizar de inúmeras ferramentas ao seu alcance para conseguir executar algo, dando ela certo ou não. As possibilidades são imensas e as barreiras que limitam o seu uso podem ser mais facilmente ultrapassadas. Mesmo que se possa usar o poder sem prejudicar ninguém, em mesma medida se pode utilizá-lo de forma que prejudique o outro.

Essa sondagem serve para que se possa especular sobre qual o local que nós vivemos enquanto sujeitos de uma sociedade para assim investigar o passado. Essa ideia de saber se posicionar no presente para investigar o passado ajuda a aprimorar as possíveis especulações que podem ser feitas para o futuro, tanto como forma de pensar um futuro melhor, como para pensar em um pior, com o enfoque da mudança em âmbito político-social. O ponto de desenvolvimento dessa dissertação é dado pelo enfoque de análise possibilitada pela narrativa distópica, que narra e reflete sobre aspectos do futuro, que parte, em primeira medida, de aspectos negativos do presente e do passado.

A percepção de “alerta” que dizia Orwell, sob o contexto da modernidade, é marcado por acontecimentos “negativos”, já que possui forte ligação com a raiz do pensamento que expus anteriormente quanto, por exemplo, ao uso do termo poder. Amplio essa percepção, em primeira medida, para alcançar uma escala mais geral, ressaltando que os estudos antropológicos e literários sobre a condição do homem atual, em vistas do passado (e consequentemente do futuro, por especulação), tem aumentando em quantidade, tanto em artigos de folhas de jornal, quanto em publicações no meio acadêmico e também em escala internacional pelas editoras, com as publicações de obras. O número de livros, filmes, séries, artigos sobre a distopia, lançadas nos últimos anos, tem sempre aumentado, o que denota mais enfaticamente a reflexão do ambiente de cada tempo em um futuro piorado, falando, especulando e analisando.

O surgimento de obras distópicas, uma produção de caráter crítico social, se dá em um mesmo período em que aconteceram mudanças no sistema político brasileiro, e também em vários outros países do mundo, com a chegada da era moderna, que é constituída por novos espaços, circunstâncias e concepções que mudaram ainda mais a forma de se viver, como por exemplo a Revolução Industrial brasileira, no fim do século XIX e início do XX. Ao mesmo tempo em que há uma implementação de um novo sistema de governo, há também uma mudança em como aquele sistema funciona. No Brasil, até o século XIX funcionou o sistema do Império e que foi substituído com a entrada da República.



A partir das mudanças recentes não só no território brasileiro, mas advindos primeiramente da efetuação dessas alterações em outros países, conseqüentemente há influências culturais próprias dessa grande mudança, profundas com relação a como era antes, o que altera as diversas regiões do país pela efetivação das novas indústrias ao longo de todo o território e que incita a criação de novas leis, possibilita novos investimentos, interesses e vontades que implicam em mudanças dos hábitos sociais, como os horários de sono, trabalho, distribuição do tempo. A sociedade começa a ser profundamente alterada pelo processo de industrialização, um período de transição no modo de viver, pensar, educar e escrever.

Nesse entremeio, o Estado rege e regulamenta com o objetivo de equilibrar as atividades e manter a ordem ao limitar certas ações, implementar novos direitos e indicar condutas. Chamo atenção para uma dessas alterações que foi o alistamento militar obrigatório. Com o que dizia anteriormente, estabeleço uma conexão entre a questão do controle populacional a partir de uma forma de poder que dá a alguém a devida regularidade para se poder viver no Brasil. Essa é uma das teses de Bertrand de Jouvenel, senador e embaixador da França no século XX, e um reconhecido jurista, escritor de um livro considerado essencial para a teoria política chamado *O poder: história natural do seu crescimento* (2010), que aborda questões sobre a implementação do Estado moderno e o conseqüente aumento de poder centralizado e do grande controle que esse exerce sobre a vida dos cidadãos.

Jouvenel descreve uma linha histórica que se inicia desde as monarquias, explicando como elas foram angariando recursos e meios, que ele nomeia como as “alavancas de utilização do estado”, para que se chegasse a um conflito de grande extensão. Dessa forma, ao longo dos anos, a capacidade de manuseio e uso do poder pelo homem foi progressivamente crescendo com as mudanças de sistemas de governo e expandindo as capacidades de intervenção. Essas capacidades foram sendo reunidas em volta da instituição do Estado, ampliando sua influência e, portanto, seu poder concentrado em uma única instituição. Jouvenel diz que:

Vivemos a guerra mais atroz e mais devastadora que o Ocidente já conheceu. A mais devastadora por causa da imensidade dos meios empregados. Não apenas exércitos de dez, quinze, vinte milhões de homens foram recrutados, mas na retaguarda a população inteira foi requisitada para fornecer-lhes as mais eficazes ferramentas de morte. Tudo o que um país contém de seres vivos serviu à guerra, e os trabalhos que mantêm a vida só foram vistos e tolerados como o suporte indispensável do gigantesco instrumento militar no qual o povo inteiro se transformou. (JOUVENEL, 2010, p. 23)

O jurista diz que “vivemos a guerra mais atroz e mais devastadora”, em que toda uma população foi requisitada para fornecer “ferramentas de morte”. Nesse sentido, a população masculina está submetida ao anúncio oficial do estado que pode, a qualquer momento, os convocar a se apresentar ao exército para servir à nação, caso necessário. Mesmo o povo possuindo “armas” democráticas que os possibilitem exercer sua liberdade de voto, e de certa forma limitando o usufruto do poder de forma autoritária, estamos submetidos a uma entidade regida por um pequeno grupo de representantes que possuem o poder de controle sobre parte da população. Esse movimento se dá por um dos elementos do “poder estatal” que detém as forças armadas.

Quando se coloca “por causa da imensidade dos meios empregados”, só demonstra a força que o Estado detém de controle, sabemos, com o intuito primeiro de melhor entender a constituição do país e conseguir distribuir os recursos de forma devida. Mas, para haver uma “dominação” mais ferrenha, os meios já estão disponíveis, como por exemplo o controle do registro civil que cada indivíduo deve conter. Se alguém não possui os documentos essenciais para se viver na sociedade, ele não é considerado um cidadão, não possui direitos dentro daquela sociedade e não pode usufruir dos direitos como se prevê dentro dos regimentos.

As forças armadas, desde a Antiguidade, aparentemente surgem por uma necessidade específica com o intuito de se defender e preservar determinado povo, assim evitando invasões, furtos e mortes. Também servia para o ataque, com a ideia de expansão dos territórios e enriquecimento. São dois pontos contemplados de forma genérica, mas que servem de exemplo, pois se considera também que na Antiguidade as sociedades eram constituídas por muitos soldados ativos. Considerando o exército militar na atualidade do Brasil, com aqueles que estão na “reserva”, pode-se equiparar aquele tempo com a quantidade de soldados mesmo nos dias de hoje. Também em vista da ênfase sobre a necessidade de um exército pronto e preparado para a defesa e ataque com o intuito de garantir o bom andamento do país e da preservação de seus povos.

Dessa forma, o exército sempre se manteve preservado ao longo dos tempos, mas sabemos que, até o surgimento das monarquias, o funcionamento dos exércitos aconteceu de forma diferente de quando surge o Estado moderno. Não é todo rei, por exemplo, que tinha poder de manobrar seu exército da maneira que bem entendia, era necessária uma comissão com os líderes e de uma causa justa para o qual se movimentar. Mas os desvios do correto funcionamento são inferidos e constatados ao longo da história. Isso significa que, quando se leva da ideia para a prática, considerando os desvios morais próprios do homem, surge a monarquia absolutista como uma vertente possível.

Com o Estado moderno, surgem novas ferramentas de funcionamento dos seus sistemas. Essa quantidade de poder jamais foi vista nas sociedades anteriores a moderna, ainda mais reunido em uma única instituição. O filósofo Marx, em seu livro *O dezoito brumário de Luís Bonaparte* (2011), contextualizado pela França do século XVIII com a ascensão de Napoleão fala sobre o golpe de Estado de 18 de brumário:

Esse Poder Executivo com a sua monstruosa organização burocrática e militar, com a sua máquina estatal multifacetada e artificiosa, esse exército de funcionários de meio milhão de pessoas somado a um exército regular de mais meio milhão, essa terrível corporação de parasitas, que envolve o organismo da sociedade francesa como uma membrana e entope todos os seus poros, surgiu no tempo da monarquia absoluta, na época da decadência do sistema feudal, para cuja aceleração contribuiu. [...] Todas as revoluções somente aperfeiçoaram a máquina em vez de quebrá-la. Os partidos que lutaram alternadamente pelo poder consideraram a tomada de posse desse monstruoso edifício estatal como a parte do leão dos despojos do vencedor. (MARX, 2011, p. 140-141)

Mesmo que Marx esteja falando a partir do contexto da França, ele chama a atenção para o número de funcionários na política e também no exército que, somados, dão mais de meio milhão da população daquela época. Fala ainda que esse tipo de sistema surgiu da monarquia absolutista, sendo então uma forma de dar continuidade ao que se tinha naquele outro período, mas de forma que consiga se sustentar. Ao falar das revoluções, ainda diz que nenhuma delas serviu efetivamente, visto que acabaram se unindo ao processo de poderio e a aperfeiçoaram, ou seja, ampliaram ainda mais a capacidade de exercer o poder. Desta maneira é de se atentar para a falta de um sistema que garanta a segurança absoluta, pressupondo falhas que podem ser aproveitadas. Na obra de Brandão o governo que vigora sobre os cidadãos possui grande autonomia de mando no que tange o “dar a ordem”, independente do absurdo que possa ser, e serem ouvidos sem que ninguém possa fazer nada para contestá-lo.

Jouvenel (2010) diz que:

Não pretendo aqui me opor ao crescimento do Poder, ao inchaço do Estado. Sei tudo o que os homens esperam dele e quanto sua confiança no Poder que virá é alimentada por todos os sofrimentos infligidos pelo Poder que desaparece. Eles desejam apaixonadamente uma segurança social. Os dirigentes, ou os que aspiram a sê-lo, não duvidam que a ciência os capacite a formar os espíritos e os corpos, a adaptar cada indivíduo a um alvéolo social feito para ele, assegurando pela interdependência dos serviços a felicidade de todos. É uma tentativa que não carece de grandeza, é o coroamento da história do Ocidente (JOUVENEL, 2010, p. 36)

Por que me proponho a explorar o ponto do poder ligado ao Estado, pelo aumento dos exércitos? Primeiro, porque é necessário que se entenda a formação dos sistemas de governo e seu funcionamento perante a sociedade, já que a pesquisa está voltada ao entendimento da

distopia na obra do autor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, que traz essa perspectiva no contexto brasileiro e por isso acaba se referindo historicamente a esse contexto, com um futuro que não “deu certo”. Há um motivo evidente por detrás desse domínio de poder, através dos quais venho explicando com o aumento do alcance e das funcionalidades do governo. Levanto essa exposição para relacionar com a distopia presente na obra de Brandão, já que está ligada a aspectos do contexto brasileiro com um sistema governamental que possui determinada parte dos governantes como ameaçadores ao sistema atual, que podem impedir recursos ligados à saúde, por exemplo, ou extinguir ministérios que se fazem importantes para o andamento do país.

Mas de que forma isso é perceptível? A partir da leitura da obra, diversos acontecimentos específicos narrados se assemelham a situações do contexto brasileiro, como a presença da cidade São Paulo, o trânsito que muitas vezes está engarrafado e que reflete, de alguma forma, o grande número de habitantes – engrandecido pelo grande número de migrantes desde a industrialização – e a falta de infraestrutura para comportar. É também perceptível como as indústrias impactam diretamente a saúde daqueles que vivem na cidade. Claramente há um exagero intencional em como todos esses aspectos da obra são apresentados, mas refletem aspectos que partem de um tempo anterior e que se vê amplamente agravado no tempo em que acontece a narrativa. Para uma obra que é apresentada em um local no futuro, isso só poderia acontecer por se tratar de ficção, mas é preciso atentar para o que diz Hilário: “a narrativa distópica procura potencializar, num futuro próximo, as forças do presente que estão vencendo” (2013, p. 207). Então, de algum modo, é necessário que, para montar uma sociedade num dado tempo futuro, parte-se de acontecimentos do tempo presente.

Bentivoglio (2019) é outro autor que também pensa a perspectiva da distopia e fala especificamente sobre a condição da distopia partir de algum lugar, mesmo que num tempo futuro:

O leitor deve ter percebido que, ao contrário da literatura que coloca a distopia majoritariamente no futuro, considera-se aqui que na história a distopia tem seu lugar no passado. E refletir sobre a distopia significa pensar esses gradientes de diferença que surgem nos discursos e narrativas produzidas sobre este lugar-tempo. (BENTIVOGLIO, 2019, p. 28-29)

De acordo com Bentivoglio, é importante esta percepção dos gradientes e das diferenças entre os discursos que são desenvolvidos pelos autores de literatura, visto que é um processo reflexivo que se observa os discursos e narrativas para que, também por meio dele,

seja falado sobre as perspectivas importantes que realçam os perigos e além disso também proporciona um novo olhar que podemos lançar daquele momento em diante.

## **2.4 As condicionantes distópicas**

A teoria utilizada para obter embasamento do que será analisado está estabelecido em Durkheim (2007), pela via sociológica, e em Freud pela via psicológica, acompanhada dos desenvolvimentos analíticos de Kraepelin, estudados por Ana Oda (2010) e Jaques (2012). Ambos possuem como chave a ideia do fato social pelo primeiro e sobre os desenvolvimentos de transtornos mentais (a psicose) pelo segundo. Essas duas perspectivas nos darão um espectro de como isso está manifestado a partir do que chamo “condicionantes distópicas”.

As condicionantes da qual falo partem do que se tem no conceito, isto é, é aquilo que estabelece condições para que algo se desenvolva ou ocorra. Como a pesquisa se faz a partir da obra de Brandão, essas condicionantes são específicas para determinados acontecimentos que procuro analisar. Com o entendimento de que são muitas as possíveis condicionantes que condicionam o desenvolvimento de algo, as específico apenas na perspectiva negativa do governo sobre a cidade e os cidadãos.

O grande “condicionador” é o regime totalitário, que exerce um amplo poder e que, por consequência, gera inúmeros agravamentos que nos levam a ver o estado degradado em que se encontra a cidade de São Paulo na obra. Parto, exclusivamente, das características possibilitadas pela narrativa distópica. Isso contribui para a análise porque se consegue perceber mais claramente os impactos que são causados tanto na cidade como nos habitantes desse local, ao mesmo tempo que se pode mapear se há essas consequências em nossa sociedade atual e perceber a degradação atual.

Como já vimos no início do capítulo, na obra DTNVS, um dos fortes agravantes desse condicionamento é o surgimento de novos tipos de doenças e outras já conhecidas que aparecem pioradas. A falta de investimento na saúde é algo que condiciona um aumento dos agravamentos e acaba gerando novas condicionantes que influenciam a vivência entre os personagens e suas reações diante dos problemas enfrentados. Dois dos personagens parecem possuir um conhecimento acima do da maioria da população, já que demonstram entender o funcionamento dos mecanismos internos do governo enquanto aquele que é totalitário, e fornece os meios necessários para o surgimento das condicionantes, cultivadas por esse mesmo sistema.

Pensando nisso, como a distopia aparece nesse tipo de recorte? Ela é percebida enquanto manifestação do controle radical sobre o meio social que impacta diretamente na vivência das pessoas. Pode causar influências de inúmeras ordens, como psicológica, física, biológica e outras. Isso acontece porque o homem está submetido às ocorrências causadas por ele mesmo e pelo movimento das outras pessoas ao seu redor. Ou seja, questões como o funcionamento do nosso corpo, como alguma dor ou alegria, o nascer e o pôr do sol, nossas tomadas de ação diante de algum objetivo, a conduta em um meio social. Entendo o interesse desses assuntos nesse tipo de pesquisa pois envolvem as condicionantes naturais do mundo que nos moldam, abarcados pelos interesses e vontades que conduzem a complexa tensão da vida humana. Sendo, portanto, a análise feita sobre as ações dos personagens, de ordem sociológica e psicológica, condicionadas pelo contexto distópico.

Nesse sentido, o meio que vivemos possui condicionantes que nos moldam. Ao pensarmos em um tempo distante, por exemplo a era das cavernas, considera-se que o meio em que aqueles antigos estavam tinha certas influências sobre o modo em que viviam. Explico, nesse dado período, ainda não se havia descoberto os materiais para construções mais sólidas como um muro, por exemplo. Portanto, diante de situações como o período da noite, em que havia a falta da luz natural, necessitava-se de algum local protegido para poderem descansar e dormir sem que estivessem expostos aos perigos. As cavernas serviam como uma solução natural de proteção e recolhimento para essas pessoas, já que tinham um melhor controle daquele espaço delimitado. O que percebo disto são dois movimentos que falei no início, um em que o meio no qual eles estão os condicionam a realizar seus determinados atos, ao mesmo tempo que, ao buscarem essas soluções, estão “modificando” o ambiente onde estão, criando barreiras, usando armas, utilizando-se do fogo.

Para pensar essas ideias no contexto mais recente, a partir da pesquisa sociológica, baseio-me nas ideias de Durkheim (2007), do fim do século XVIII e início do século XIX, que é considerado como o pai da sociologia, aquele que inaugura esse tipo de análise e a introduz enquanto uma ciência, sistematizando e demonstrando-a na prática, a partir do seu funcionamento no cotidiano.

À vista disso, ele diz que o homem é capaz de transformar a sociedade em que vive, através do que ele chama de *Fato Social*, elaborado em sua obra intitulada *As Regras do Método Sociológico* (2007), obra a qual inaugura a sociologia como ciência. Dessa ideia, extraio dois traços que a compõem, em que uma é o que se chama de *coercitividade*, que remete à natureza impositiva dos fatos sociais. Durkheim explica que muitos fatos com os quais convivemos nos influenciam independente do uso que fazemos dele, ele diz:

O sistema de signos de que me sirvo para exprimir meu pensamento, o sistema de moedas que emprego para pagar minhas dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo em minhas relações comerciais, as práticas observadas em minha profissão, etc. funcionam independentemente do uso que faço deles. (DURKHEIM, 2007, p. 2)

Isso significa dizer que há uma série de condutas inteiramente dadas antes mesmo do sujeito nascer, sendo todas manuseadas por ele em um sistema que funciona desde fora do indivíduo, como algo externo, mas que precisa ser utilizado, seja entendido ou não, como uma “coerção” e essa condicionante da cultura local vai sendo integrado à vivência do sujeito. É importante considerar o que Vares (2016) fala sobre as tendências intersubjetivas, que seriam como as tendências internas, como uma outra consequência advinda dessa situação das condutas que já estão estabelecidas:

Ela também pode ser pensada em termos intersubjetivos, na forma de constrangimento moral. É este, aliás, o seu sentido mais original. Afinal, a coerção vai muito além dos deveres expressos pelo sistema jurídico ou pelas normas coletivas. Nesse sentido, pode-se falar em uma pressão interior, de cunho eminentemente psíquico, que através do processo de socialização se impõe às pulsões individuais. (VARES, 2016, p. 108-109).

Essa noção que nos apresente o pesquisador é de relevante observação, já que a coerção é especificamente a ideia de reprimir e não apenas uma repressão física, mas também psicológica, expresso pelo “sistema jurídico” ou pelas “normas coletivas”. Olhando nessa perspectiva para a obra em análise, considerando a noção de condicionante como aquele que parte do sistema totalitário presente, depreendo que a imposição opressiva do sistema jurídico e das normas coletivas influenciam com grande intensidade a noção de repressão colocada inicialmente. Na obra DTNVS os avisos aparecem constantemente, são propagandas sobre o modo correto de se andar na rua, ações estabelecidas pelo próprio governo e que condiciona a vivência dos indivíduos a certos requisitos, como por exemplo, o dever de andar na rua sem apresentar nenhum tipo de “anormalidade”, porque isso apresenta ameaça e o sujeito é passível de ser capturado e levado pelos policiais para não se sabe onde. A narrativa não deixa explícito essas “anormalidades”, mas do que posso inferir, seriam as tomadas de ações que vão contra aquilo que é posto pelo Estado, e até outras ações que serão interpretadas pelo próprio Estado. Nesse sentido, creio não ser possível inferir até que nível de subjetividade essa interpretação pode chegar.

A sociedade distópica está a todo instante submetida às consequências das más influências advindas das decisões políticas, isto mostra um outro lado da forte degradação dos

sujeitos que ali vivem, funcionando uma coerção tanto “externa” quanto “interna”, o que leva a atingir com mais força a “pressão interior” da qual fala Vares (2016), a partir das pressões externas.

Um outro traço que compõe a noção de Fato Social é a *generalidade*, no qual se percebe o caráter universal dos fatos, seja em qualquer sociedade do mundo. Isto está diretamente ligado às ditaduras que aconteceram e acontecem pelo mundo, ou seja, apesar de cada ditadura ter seus próprios elementos que as diferenciam das outras, há elementos universais que compõem essas ações<sup>13</sup>. Nesse sentido, o governo totalitário da obra DTNVS, apesar de representar uma sociedade fictícia, descreve diversos elementos que são considerados universais e que estão presentes, como a ideia de um poder central que exerce controle em todos ao seu redor, ditando inclusive detalhes íntimos que deveriam ser da particularidade de cada indivíduo.

Rousseau é um outro sociólogo que complementa os estudos de Durkheim, ao colocar que o homem é fruto do ambiente em que vive, de onde abstrai as regras de convivência e cria seus hábitos culturais. Portanto, é de se esperar que a política tem reflexos a partir das pessoas que vivem na sociedade, e diante disso a personalidade do sujeito vai sendo moldada pelo local que o cerca ao mesmo tempo que ele a modifica. Considero questões como a cultura local e geral, o contexto que se está, desde o bairro em que vive, da família que o cria, dos amigos com quem convive, indo até a influência dos símbolos que são universalmente compartilhados, isto é, a socialização presente na vida das pessoas se dá pela intersecção com outras pessoas, a partir de diferentes meios sociais. Ainda mais ao considerar o advento das novas tecnologias que possibilitam a conexão entre pessoas e o acesso a materiais sobre elementos dos outros locais do mundo, permitindo pequenas alterações locais de uma cultura pelo acesso as outras culturas, seja de lugares próximos ou distantes.

Quero chegar à ideia de que há influências da cultura circundante sobre os chamados “Astutos” que governam o país, e que, antes de serem parte do corpo político, atuavam como cidadãos e não influenciavam tão diretamente no curso do país como agora influenciam. Portanto, esses cidadãos agora eleitos são como parte da sociedade, influenciados pelas ideias de *coerção* e das *generalidades* de que falava Durkheim. Isto significa dizer que, de certa maneira, as ações dos que estão na política advém também de comportamentos já presentes na sociedade. Ressalto que parece haver, dentro das cúpulas políticas, uma espécie de cultura

---

<sup>13</sup> A autora Hannah Arendt, por exemplo, em seu livro “Origens do totalitarismo”, se delonga por três sistemas de governo sendo eles o Antissemitismo, Imperialismo e o Totalitarismo, sendo as duas primeiras formas que levam à terceira, configurando tipos diferentes de uma mesma noção totalitária.



local que possui uma “força” influenciável, aqui interpretado como a esfera que incita a decaída dos políticos, vez ou outra, às mazelas da corrupção. E isto só pode acontecer plenamente quando aquele que decidiu fazer parte desse corpo governamental não apresenta uma personalidade madura o suficiente para recusar aquilo que o corrompe, apenas mostrando que a sociedade sofre de influências perante propostas “irrecusáveis”.

De uma perspectiva mais psicológica dos personagens da obra de Brandão, e de como se dá a narrativa, percebo que os sobreviventes sempre estão sobre uma pressão de ameaça de morte, que é mais alarmante e perigoso que as pressões comuns do dia a dia como as conhecemos. Ora, se as pressões diárias já conduzem o homem a altas situações de estresse, como seria viver ameaças de morte diariamente? Além de diversos outros fatores como todo o tipo de informação que é recebida, as histórias que são relatadas, a influência psicológica causada pelas redes sociais, dentre outras.

Ana Jaques (2012), uma psicanalista estudiosa da obra de Freud, desenvolveu pesquisas sobre a neurose traumática, especificamente as de guerra. De acordo com ela, a neurose traumática, a partir de sua interpretação procedente das pesquisas de Freud, é desencadeada por um acontecimento traumático que surge no contato de um “campo de batalha”. Esse campo deve, primeiramente, pressupor o contexto da Primeira Guerra Mundial no qual Freud estava inserido, o que já considera um ambiente mergulhado em um clima nunca antes vivido, de grandes desavenças, constituído de inúmeros mortos e picos de adrenalina dadas a cada instante, levando o corpo humano a novos limites. Esse período de guerras foi de notável surgimento de problemas que acabaram auxiliando o psicólogo a entender algumas questões de sua teoria que ainda estavam soltas, dando-as mais solidez, como por exemplo, entender que há diferenças entre a neurose e a neurose traumática ou de guerra. Pensando nisso, Jaques diz que:

as neuroses de guerra são neuroses traumáticas desencadeadas por um acontecimento traumático ou provocadas por um conflito no eu. A base desse conflito é formada pela situação de risco experimentada no campo de batalha. Nessa situação, o eu pacífico foge para a doença, se defendendo do eu bélico, do qual derivam ameaças à vida do eu pacífico. Compreendemos o campo de batalha como o solo que nutre as neuroses de guerra, posto que elas são o resultado dos efeitos de um perigo mortal. (JAQUES, 2012, p.12-13)

Nesse sentido, vemos que existem inúmeras condicionantes que levam às neuroses traumáticas e como esse ambiente nutre um local mais depressivo, conseqüentemente levando à problemas mais graves como o suicídio, ainda mais em contextos que ocasionam a extirpação da liberdade dos indivíduos proveniente do poder ditatorial.

Vejo que a sociedade da obra de Brandão é esse tipo de ambiente que condiciona todos esses fatores, como no caso do personagem protagonista Felipe, que resulta nas alucinações, a desorganização do pensamento e, pelo que temos descrito, do acesso da população a ideia do caos, desesperança, falta de sentido, depressão, fatores que veremos em análise no próximo capítulo. Esses fatores são resultantes da apatia decorrentes de um processo anterior, nutrido pela falta de preocupação dos políticos com as questões de saúde, condições de trabalho, direitos humanos, dos abruptos cortes em diversos investimentos que serviam para a organização do controle de doenças, dos níveis de poluição, dentre outros fatores fundamentais para manter um controle mínimo que estabelecem as boas condições da saúde, trabalho e lazer.

A partir do que já vimos na obra, o autor Brandão denota uma sociedade que está imersa na desordem social, não qualquer desordem, mas uma de amplitude complexa, já que não existe escapatória, as pessoas apenas sobrevivem. Segundo a vivência de cada sujeito deste lugar, como será que é olhar para tudo ao seu redor e se dar conta de que nada tem valor? Estas e outras questões são de suma importância para proporcionar reflexões, já que esse ambiente propicia a presença de tópicos marcantes da vida humana como os transtornos, traumas, a depressão e o suicídio.

O sociólogo Durkheim na sua obra intitulada *O suicídio* (2000), coloca três tipos de suicídio. Desses, dois consideram como determinantes para o suicídio as questões de desordem social, que são o “anômico” e o “egoísta”<sup>14</sup>. O anômico é aquele tipo de suicídio que se dá pelo rompimento da coesão social, por fatores como o desregramento social, pela falta de respeito das pessoas e também pelas instituições, a partir de suas normas. O “egoísta” considera situações como o desamparo moral, a melancolia, o individualismo, os desejos ilimitados constantemente não realizáveis ou realizados.

Um dos fatores que condiciona os personagens da obra distópica, levando-os a desenvolver diversas condutas consideradas como “insanas”, tem fortes influências do ambiente distópico em que se vive, considerando a situação de perseguição que é uma das situações ocorridas, ou pelos julgamentos acompanhados de xingamentos da população, pelas redes sociais, que serão vistos mais adiante. Essas ações aconteceram e parece ter sido um dos elementos que enfatizou o processo neurótico, servindo como uma das chaves que pode ter acelerado e desembocado no processo de surto que acontece de forma progressiva e que segundo Jaques “no combate, a neurotização do sujeito pode advir de várias maneiras, desde a

---

<sup>14</sup> O outro tipo de suicídio colocado por Durkheim, o “altruísta”, não têm funcionalidade para os fins a que proponho desenvolver esta pesquisa, por isso não o coloquei no desenvolvimento dos conceitos do sociólogo.

explosão de uma granada ou a morte de alguém, por exemplo, até acontecimentos cotidianos tolos, considerados “a gota que faltava” para a eclosão do surto neurótico” (JAQUES, 2012, p. 21).

Okumuro e Doro (2019) são outros estudiosos que pesquisam sobre isso, ao colocarem que, na perspectiva da Psicologia Analítica, a partir das ideias de Jung, “um surto se forma na psique do indivíduo. Configura-se a partir de um novo complexo carregado de afetos que se fortalecem e deslocam as ideias originárias e constituintes do ego para um segundo plano. Tal complexo apresenta autonomia e onipotência” (OKUMURO e DORO, p. 35). Para haver um surto, se deve existir algum complexo, que segundo Jung são formados por ideias inconscientes, percepções e desejos advindos das diversas experiências do sujeito que se acumulam e formam um complexo de sentimentos. Ao imaginar esse processo no ambiente distópico proposto na obra, há de se considerar um meio incomum e propenso para a vazão desses tipos de sentimentos.

Essa estrutura das condicionantes distópicas acompanhada da análise psicológica sobre os personagens da obra DTNVS se apresentam do início ao fim da obra. A tensão criada pelos laços entre sociedade e governo deveriam se dar de forma mais equilibrada possível, mas sabemos que em certas situações não é assim que ocorre, principalmente ao ter contato com um regime totalitário que se utiliza dos bens coletivos para uma proposta individual.

É importante que se tenha em mente a formação da distopia ligada à ideia da má política presente antes e durante a formação da cidade. A cidade é espaço de fundamental importância para alcançar, por exemplo, a qualidade de vida que temos acesso hoje em dia, mas é preciso perceber também as novas possibilidades quanto aquela que tem grande influência na vida social, dada a partir das condicionantes, especialmente as negativas. Essa abordagem se dá de forma cíclica e ao se falar de um tema, considero o outro mesmo que indiretamente, pondo em pauta a função da vida político social da qual levantei ser importante para alcançar o objetivo da pesquisa.

### 3. A CIDADE EM *DESTA TERRA NADA VAI SOBRAR, A NÃO SER O VENTO QUE SOPREA SOBRE ELA*

Neste capítulo busco desenvolver uma análise das consequências de uso do poder opressivo a partir do controle exercido na sociedade distópica descrita em *Esta Terra Nada Vai Sobrar, a Não Ser o Vento que Sopra Sobre Ela* (2018) do autor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, que se dá pelas decisões tirânicas do sistema político vigente, resultando nas mazelas, pobreza, doenças, envolto por um clima depressivo e pela falta de sentido daquilo que constitui o viver humano. Investigo isso para compreender a estrutura política dominante desse ambiente, perpassando pelas descrições que são apresentadas durante a narrativa do romance e apresentando um espectro de como a cidade está organizada. Além disso, perceber as condições nas quais as pessoas estão submetidas a viver mediante a execução do plano governamental proposto pelos “Astutos”, como são chamados a alta elite política encarregada por administrar e executar a tirania.

É importante entender como a obra de Brandão está estruturada, pensando primeiro pela “forma externa”, que seria como os capítulos da obra estão organizados e compreender mais “internamente” seu funcionamento, partindo da narrativa para perceber as temáticas abordadas e a maneira como a sociedade está constituída. Em termos externos, todos os diálogos e descrições da narrativa acontecem por meio dos objetos eletrônicos abundantes no local, isto é, ao narrar um diálogo entre dois personagens, antes se coloca o meio do qual isso foi visto ou ouvido. Por exemplo, a descrição dada sobre os comboios que levam os corpos defuntos e enfermos para as montanhas onde são descartados. Essa descrição é dada a partir do que os drones sobrevoam, capturando a presença dos comboios e sendo utilizados na narrativa, “CÂMERAS E GRAVADORES ACOPLADOS A DRONES SOBREVOAM OS COMBOIOS”<sup>15</sup> (BRANDÃO, 2018, p. 19).

Nesse recorte específico, só é possível saber que alguns dos corpos são defuntos e outros estão vivos, “gemendo de dor”, pela descrição narrativa que há dos microfones presentes nas câmeras. Sem isso, não seria possível entender que esse sistema de descarte funcionava deste modo. É a partir desses objetos eletrônicos que temos acesso à narrativa. Em outros momentos, por exemplo, a narrativa advém de um *post* nas redes “POSTADO NA REDE SOCIAL” (BRANDÃO, 2018, p. 145), é só com isso que temos acesso ao que dizem sobre o valor do dinheiro ter perdido o sentido. Essa afirmação, nesse recorte, advém de uma

---

<sup>15</sup> As letras em maiúsculo estão fiéis ao escrito no livro DTNVS.

pessoa individual, um representante da sociedade civil, sendo a opinião dela narrada. Todo o sistema comunicativo e tecnológico está a todo momento nos dando o desenrolar dos acontecimentos na obra, o que denota uma alta quantidade de objetos eletrônicos espalhada por todos os lugares, e que demonstra ser uma condicionante dessa cidade, mostrando um lado negativo dos aparelhos, pois servem como instrumentos de vigia, já que contém gps, câmera, microfone.

Indo para a forma mais interna da obra, a narrativa se dá em uma São Paulo<sup>16</sup> distópica, no fim do século, ou seja, pelo que a escrita possibilita da margem de leitura temporal, é algo próximo aos anos 2100. Pensando no tempo atual da obra, a população está calculada em aproximadamente 305 milhões de pessoas, mas não sabemos bem como estão espalhados pelo país. Olhando para nossa realidade atual no Brasil, há uma projeção da ONU, colocando que o Brasil alcançará 182 milhões de habitantes no ano em que se passa a obra, ou seja, utilizando esse dado em relação aos dados da obra, vejo uma queda no número de pessoas. Isto significa que a obra propõe um grande aumento no número de pessoas nesta época, dados que são próprios desta construção narrativa.

O tema principal que perpassa toda a obra está envolto do relacionamento entre Felipe e Clara, dos diálogos entre o personagem Andreato, amigo de Felipe e Marina, irmã de Clara, em que todos os quatro personagens se conhecem. Para além dos personagens é descrito também as mazelas da sociedade, as diversas decisões que levaram à degradação do ambiente. Também evidencia o modo pelo qual as pessoas vivem nesse ambiente, sobre como está a saúde de forma geral e representando um considerável aumento de ansiedade e depressão, o espalhamento de doenças, como em uma peste, e o desânimo constante na vontade do povo. Minha análise parte da observação desses aspectos da obra, e nesse sentido, além de refletir essas situações específicas, chamarei atenção para certas relações que a narrativa DTNVS demonstra ter com relação ao que se vive contemporaneamente.

A estrutura social é exposta de forma desorganizada, em que as esferas políticas que conhecemos no Brasil, envolvendo os poderes, as funções de cada poder, as correntes auxiliares em função da execução do planejamento, não funcionam do modo que deveriam. Tanto há alteração das funcionalidades específicas de cada poder, como também a inserção de novas forças autoritárias que influenciam diretamente na corrupção do sistema. Tendo um sistema político incoerente com sua finalidade, não se executam as manutenções necessárias para o devido funcionamento da sociedade. Em razão disso, as propostas e objetivos do

---

<sup>16</sup> Vale notar que a narrativa acontece em São Paulo, mas as consequências das decisões políticas são espalhadas por todas as cidades do Brasil, podendo analisar São Paulo/Brasil como em um único contexto distópico.

governante não ficam claras, enfatizando um sistema que oculta e ao mesmo tempo despreza seu povo.

Ainda assim, não é possível definir com certeza o que restou do sistema governamental, pois não sabemos como ele está organizado. A sensação que se passa é que as coisas estão desordenadas, como um sistema que não demonstra objetivos claros ao público. Esse ambiente distópico da cidade é uma condicionante para o caos, desde a desorganização até o alcance de epidemias com o surgimento de novas doenças, ansiedade, pressão social e mal-estar, que dão o tom depressivo deste local, conduzindo-os ao caos.

Nesse sentido, pensando em como esse sistema está organizado, segui um padrão, baseado na democracia representativa já conhecido como o sistema político do Brasil. A existência de uma Constituição, intransponível em alguns pontos, busca garantir a regulamentação da política, da vida pública e dos direitos e deveres de todos, mantendo a igualdade perante a lei. É necessário que, pelo povo, seus representantes sejam eleitos.

Para que o sistema político da democracia representativa funcione de forma eficiente, pensando na esfera do país como um todo, existem os três poderes, executivo, legislativo e judiciário, sendo o executivo e legislativo eleitos pelos votos do povo. O executivo tem a função de administrar o orçamento recolhido no país, direcionar e fiscalizar, tendo os ministérios que auxiliam diretamente o presidente em diversas áreas de importância para atuação no país. No Brasil atual, por exemplo, são mais de 20 ministérios, como o ministério da cidadania, das comunicações, da defesa, do desenvolvimento regional, da economia. Existem reuniões que alinham os projetos e investimentos em cada setor, priorizando certas condutas que são avaliadas como mais importantes em um dado momento.

No poder legislativo, há um sistema bicameral, constituído pela câmara dos deputados e o senado. A câmara dos deputados é encarregada pela elaboração de soluções das problemáticas advindas da sociedade, que darão na formação de leis. O senado, então, é o que revisa as leis que chegam da câmara, avaliando a relevância, funcionalidade e aplicabilidade do que é proposto como solução para os problemas. O poder judiciário é o único que se chega a atuar efetivamente sem o voto do povo e é constituído pelos tribunais, tendo hierarquicamente o mais alto desses, o Supremo Tribunal Federal (STF), e os demais subsequentes tribunais, que tem como finalidade fazer valer as leis já em vigor na sociedade, decidindo sobre conflitos dos cidadãos, principalmente entre eles e o estado, coordenado pelos juízes em diversos âmbitos da esfera social.

Com isso, percebemos a hierarquia dos poderes, seguindo um grau de poderes do maior para o menor, no sentido de que as mais baixas têm poder para executar determinadas

ações, mas apenas executam o que foi decidido, isto é, estão restritas ao que foi delimitado pelas três esferas superiores, que dão as condições para que as de baixo funcionem, a partir das discussões, reflexões, arguição e votação.

Quando olho para a organização do sistema político que se tem na sociedade distópica em DTNVS, vejo que ela possui sua base na democracia representativa – por possuir a estrutura básica com os três poderes, o presidente como representante e seus ministros, o Supremo Tribunal Federal, o “falso” sistema de votação, mas que, em tese, funciona como conhecemos no Brasil –, mas a integralidade dessa estrutura está violada, no sentido de que algumas funções sistematizadas que vimos anteriormente não existem. Os três níveis de poder, judiciário, legislativo e executivo não funcionam harmonicamente, o que mostra a confusão na qual o sistema de poderes está. Há, dentro desse sistema, um grupo de poderosos que acabam tomando todas as decisões por meio de intervenções e imposição de leis “emergenciais”, inclusive se sobrepondo ao poder executivo, já que esse não exerce sua função. Por isso, esse grupo determina autoritariamente os passos para a utilização dos recursos econômicos.

Grito de guerra de milhões de pessoas, de norte a sul, faixas e cartazes e camisetas, durante uma quinzena repleta de manifestações a fim de obrigar o 359º presidente da República, cujo nome me escapa, a reassumir o Executivo, uma vez que, tendo apenas uma semana de mandato, preferiu passar doze dias com a equipe de assessores econômicos e sexuais, iates (BRANDÃO, 2018, p. 129)

Um dos fatos é que o presidente da República foi eleito, mas não se sabe como. Também nunca participou das funções do executivo, até que os ministérios, que apresentam importante função para o funcionamento do poder executivo, foram extintos, sem se repor nada no lugar, deixando um espaço vazio na administração econômica e comprometendo todos os orçamentos que proporcionavam um melhor funcionamento.

Um dos primeiros problemas que se tem é o vilipêndio da Constituição, que desmoraliza e abre espaço para quaisquer mudanças. A “Constituição escrita e reescrita, feita e refeita, parágrafos retirados ou acrescentados, tem hoje 111 mil páginas. Demora ano ou décadas – para se tomar uma decisão que satisfaça a qualquer corrente” (BRANDÃO, 2018, p. 23). Dessa forma, novos decretos são acionados em *status* de “urgência”, dando então possibilidade para condutas que priorizam valores particulares, já que os processos para novas leis estão sempre em andamento.

A suposta “democracia”, que deveria ser regida pela Constituição, é constantemente ferida em favor de vantagens individuais e benefícios próprios desse sistema. O sistema

político, além de aparecer vilipendiado, se mostra unido a diversos outros políticos que fazem parte do Esquema e auxiliam o sistema despótico.

Em dada parte da cidade tem-se o “Morro dos Queixumes”, onde se encontram recados e declarações de todos aqueles que participam (ou participaram) do corpo político do país, que mostra um pouco de como funciona a política: “aqui estão recados e declarações de milhares de Astutos, ministros, secretários, juízes, governadores, vereadores, assessores, lobistas, laranjas, denunciante, Segunda, Terceira, Quarta, Vigésima, Centésima Instância (a prisão só pode vir depois da 163ª Instância Suprema)” (BRANDÃO, 2018, p. 241). Isso revela que os “lobistas, laranjas, denunciante” estão juntos do corpo constituinte do governo, além das excessivas quantidades de Instâncias para que se execute uma lei de prisão, que muitas vezes tem caráter de urgência para que se resolva problemas que prejudicam o país. Por esse trecho, conseguimos ver como se tem desenvolvido o governo, sempre por meio da corrupção e pela criação de facilidades/dificuldades para executar determinadas ações mediante a necessidade dos que precisam.

Os tribunais do judiciário não seguem nenhuma norma ou conduta, apenas executam ações quando precisam corrigir condutas que vão contra sua soberania, ignorando o que é do interesse coletivo. Na obra, o nome que se dá ao tribunal principal é “Areópago”, também conhecido por “Ultrasuperior Tribunal”, que manda em todas as outras esferas, e apresenta uma supremacia, já que funciona quase de forma independente, só dependendo em alguma medida dos “gestores”. Também é ele quem define quem será eleito, desvalidando o voto individual e escolhem qual presidente ficará ou não, ou seja, usam o presidente como um fantoche para a “validação” de um sistema governamental inexistente, dadas por medidas de cunho totalitário.

Na obra, esse sistema funciona a partir de novas condutas que segue um outro tipo de funcionamento em que os políticos no geral, que não fazem parte do Areópago, não possuem autoridade alguma, a não ser por uma classe chamada de “gestores” que representam a “pressão das agências de publicidade, pela indústria e comércio” (p. 22) que são os únicos que conseguem interferir nas tomadas de ação da cidade, por meio da pressão aos juízes do Ultrasuperior Tribunal, já que são uma das fontes de economia. Os gestores conseguem influenciar, por exemplo, a definição e implantação de leis, a divulgação de produtos e o uso do dinheiro em geral. Quando é decidido que a saúde pública naquele local não tem mais importância para eles, todos os postos, hospitais, recursos, o ministério da saúde, são extinguidos, sem demonstrar os motivos da decisão, apenas por realização de uma “vontade” individual.



O uso do poder e controle são exercidos de forma opressora e conduzem as personagens a viverem sobre o jugo de uma vida controlada, dependentes das decisões tomadas pelos seus governantes, sem a possibilidade de participação dos cidadãos na política, dependentes de um sistema totalitário que se tornou forte. O ambiente entre o povo e seu governante é desproporcional, o que pela indignação deveria gerar conflito, mas não se tem os meios para fazer nada a respeito. Em um dado trecho se fala sobre a conduta realizada para a queima dos defuntos, por meio dos fornos, e nessa situação há um diálogo entre Felipe e um estranho. Felipe, ao descobrir que alguns cadáveres são queimados, diz:

- E a população não sente o cheiro dos queimados? Não reclama, protesta? Suporta calada?
- Proteste e verá. Os Militantes, chamados de Seguranças Sociais, ou SS, entram em ação, dissolvem agitações. (BRANDÃO, 2018, p. 166)

Os militantes no nosso significado atual estão para aqueles que se revoltam com as condutas de um governo ou movimento e buscam “militar” em prol de alguém e/ou de alguma ideia da qual defendem. Esse processo é legítimo desde que não fira certas normas, como por exemplo a integridade física de outra pessoa, e são anunciadas por meio de manifestações para demonstrar a indignação dos indivíduos sobre algum problema do qual o país passa e, muitas vezes, não recebe a devida atenção das autoridades. Esses militantes que conhecemos hoje, na obra são os “Seguranças Sociais”, agora “trabalhando” para o governo, minando os protestos. O uso do termo SS foi calculado, já que lembra do movimento Nazista, em que haviam as tropas de proteção, os *Schutzstaffel*, também abreviada como SS, uma organização paramilitar ligada ao Partido Nazista da Alemanha, por Adolf Hitler. Eram tropas brutais que funcionavam para manter a ordem do poder ditatorial, cessando manifestações e indignações que ganhassem um âmbito de manifesto contra esse sistema.

Para melhor visualizar a estrutura política que predomina na obra DTNVS, criei um organograma para ajudar na melhor visualização desse funcionamento, veja no **ANEXO A**.

No topo da figura, há uma relação entre o Areópago mediada pelos gestores que são uma fonte de economia. Logo abaixo, subordinado ao poder judiciário, o presidente, que deveria fazer parte do poder executivo. Por fim, na base da cadeia, os ministros, governadores, juízes e seus assessores, que continuam subordinados diretamente ao Areópago e não possuem poder maior ou menor que os demais da base. Conseguimos perceber que a harmonia entre os poderes não existe. Além disso, o poder legislativo que se refere ao país, estados, distrito e municípios foi extinguido, por estarem sobre o comando do Areópago e dos

gestores. A criação e execução das leis se dão unicamente pelo topo, com os Astutos, o que vemos é um sistema totalitário em que tudo é subordinado por um único grupo e apenas realizado pelos demais. Além disso, todas as outras forças como a polícia, os agentes, dentre outros, não são revelados de onde são subordinados para execução do seu trabalho, o que se sabe é que tudo que está abaixo se subordina às vontades do Areópago.

Dando continuidade, é preciso ter a elaboração de uma análise sobre a cidade de enfoque da obra, bem como sobre os ambientes em que se vivem as situações para as experiências da sociedade. É relevante buscar entender sobre como se forma uma cidade, seu surgimento e o funcionamento do poder político nela, que no caso de DTNVS se dá por uma relação “desproporcional”. Por conseguinte, analisar essas situações no contexto da obra DTNVS. O referencial teórico para coadunar com a análise da obra se baseia, principalmente, nos estudos de Coulanges (1998) Montesquieu (1973), Bertrand de Jouvenel (2010) e Maquiavel (2010).

### **3.1 O cenário do condicionamento distópico no ambiente da obra *DTNVS***

No ambiente distópico se percebe uma grave situação com relação ao seguimento das leis, pressupondo que antes já haviam processos que degradam seu funcionamento, dados ao longo de certo tempo e que rompem a configuração de governo, burlando e minando seu propósito. Nesse contexto, encaixa-se o que diz Maquiavel, em que os poderosos se comportam dessa maneira, imbuídos pela individualidade e desunião na busca da realização de suas próprias vontades, sem calcular os impactos que surgirão sobre os povos. Ainda assim conseguem persuadir a população de que as mudanças devem acontecer urgentemente, por ser a melhor conduta para a melhoria do país.

As consequências do ato de corrupção, por exemplo, não são tão facilmente calculáveis. Dependem de uma especulação sobre a quantidade de recursos que foram desviados e o impacto que haveria com a falta daquele recurso para o país, ou dos ganhos caso fossem utilizadas em algum investimento. Por um lado, alguns poucos usufruem do desvio, de forma ilegal. Por outro lado, que é de maior parte dos indivíduos, eles acabam perdendo. Esse tipo de ato, por si só, demonstra um desbalanceamento, que funciona como um dos elementos da narrativa distópica.

O local descrito no livro do Brandão reflete que a situação está fora do comum, ou seja, fora do que se espera pelas normas, que minimamente concedia alguns direitos e

garantias aos cidadãos. A situação degradante em que se encontra a região descrita na obra se evidencia pelas más condições, como se pode ver no seguinte trecho:

Numa capital, cujo nome ora me escapa, em uma avenida de dez faixas, ou talvez onze, o trânsito foi interrompido nove quadras antes e quinze após o cruzamento com a ferrovia. Placa:

*Em três minutos circulará o expresso Corruptela Pestífera. Aconselhamos a fecharem hermeticamente os vidros de seus veículos. O governo não se responsabiliza por contaminações. Em seguida, aguardem com calma e em ordem o comboio dos mortos* (BRANDÃO, 2018, p. 19, grifo do autor).

O número de faixas nas ruas, quando comparadas com o Brasil, parece dar uma noção de ampliação do espaço em que os carros passam, demonstrando que há uma grande quantidade de automóveis e, provavelmente, de mais pessoas, já que as escritas distópicas geralmente colocam o ambiente no futuro em que a tecnologia avançou e os espaços são remodelados, ampliados ou destruídos. Mesmo diante de tantas faixas, o trânsito está engarrafado pela quantidade de carros parados, sendo uma das causas o expresso “Corruptela Pestífera”. Mas não só há engarrafamento antes de placa, como também depois do cruzamento, mostrando que o engarrafamento não se dá apenas pelo fato do expresso que passava, mas também devido a quantidade de carros e até outros possíveis motivos não explicitados. Em grandes cidades no Brasil atual se sabe que diariamente são publicadas notícias de engarrafamentos, principalmente no que se chama os “horários de pico”, que de forma simplificada são aqueles horários em que as pessoas saem para trabalhar, ou quando saem do trabalho, de volta para casa.

O primeiro fato a se perceber é o de que, mesmo com a quantidade de faixas disponíveis para a circulação dos carros, há um enorme engarrafamento de “nove quadras antes e quinze quadras depois” do cruzamento. Um dos efeitos que essa situação causa é o estresse, a limitação do tempo que os sujeitos têm fora do trabalho, dentre outras consequências que afetam a vivência e podem ser prejudiciais a saúde – notícias como essas, no cotidiano brasileiro, são anunciadas regularmente, principalmente nas cidades de grande porte populacional, como São Paulo, em que se anunciam engarrafamentos quilométricos. Há relatos em que os entrevistados dizem passar mais de três horas em trânsito na volta do trabalho para casa, todos os dias de trabalho úteis, ou seja, além da limitação do tempo, o estresse e a ansiedade acabam gerando mais casos e problemas de saúde, demonstrando as preocupações típicas dos tempos modernos, acompanhadas de cada vez mais casos.

O segundo fato é o de que, em meio a essa situação, um expresso com corpos de pessoas mortas, ou quase mortas, passa diante de todos, nomeada de “comboio dos mortos”. Junto a isso, há uma placa na rua com uma mensagem do governo dizendo: “O governo não se responsabiliza por contaminações”. O aviso da placa é controverso pois foi por meio de uma decisão do governo que os corpos mortos deveriam ser levados pelo expresso, e mesmo não garantindo nada, considera a possibilidade de vazarem um cheiro tóxico gerado pela decomposição em excesso, que na obra é considerado como mortal. A situação é apresentada de forma crítica, na qual as pessoas tinham de circular pela cidade carregando máscaras para garantir que o cheiro tóxico não as atingisse: “Os treminhões exalam cheiro nauseabundo. A população se habituou a carregar máscaras, usadas quando caravanas fecham cruzamentos (BRANDÃO, 2018, p. 21)”

Com este trecho é possível observar os primeiros sinais de que nessa cidade a forma como as coisas acontecem não é razoável. As leis e condutas determinadas servem para a regulação da vivência coletiva, como exemplo a resolução de problemas mantendo o máximo da integridade dos cidadãos. O fato de haver tantos mortos que seja preciso levá-los de expresso é uma situação que espanta, tanto pela forma como os corpos são conduzidos, quanto pela quantidade, quando se diz que os corpos são despejados na “montanha de corpos” (BRANDÃO, 2018, p. 21).

A cidade apresentada é dada de forma deteriorada, por isso é relevante notar que as pessoas observam o comboio de mortos, como quem amedrontados espera ser o próximo. Nos espaços distópicos a esperança é retirada das pessoas, e aquela construção das cidades desenvolvidas se tornam lugares de desespero. Em que as cidades proporcionam grandes avanços e progridem em seu desenvolvimento, mas ao serem utilizadas como nessa narrativa negativa e caótica se tornam locais torturantes e de experimento.

Um dos fatos marcantes na história e que mostravam vários corpos juntos, formando algo como uma “montanha” e também aparecendo próximo de transportes como um “trem”, foi na segunda guerra mundial, localizado nos campos de concentração nazista, como exemplo o de *Auschwitz*<sup>17</sup>, em que centenas de corpos são empilhados perto de trilhos – por motivos de fome, doença e desobediência – sendo uma possível forma de condução dos defuntos. Enquanto acontece a passagem dos vagões, o narrador continua e passa a explicar qual o motivo da condução de tantos mortos:

---

<sup>17</sup> *Auschwitz* é um campo de concentração nazista e foi escolhido como exemplo por possuir fotos da época que comprovam o que é dito.

Os vagões passam e a gente espera. O tempo que for. A caravana leva os mortos por dengue, zika, H1N1, chikungunya, varíola, obesidade mórbida, vertigem posicional paroxística benigna, malária, vaidade, tifo, crack, tatuagens que arrancam as peles, febre amarela (BRANDÃO, 2018, p. 20)

Nesse trecho há alguns dos motivos pelos quais os corpos estão empilhados aos montes, quando comparados com o que foi dito sobre o motivo dos corpos nos campos de concentração, a situação se correlaciona. Dentre as doenças descritas, como as do vírus, a “vaidade”, aparece como uma das causas. Para além do seu sentido físico, pode ser pensado como um elemento humorístico, pensado em uma situação prática, por exemplo, a “vaidade” como elemento de desobediência frente à situação em que se vive, se tem como resultado para esse comportamento a eliminação do sujeito que se opõe ao sistema, pela “vaidade” de não seguir a obrigação determinada pelos Astutos.

Há de se chamar a atenção para a forma com que o autor Ignácio de Loyola Brandão, profeticamente, descreve as características da sua cidade, chamando atenção para o vírus como consequência da grande quantidade de corpos doentes e falecidos. Correlacionando-o com o ano de 2020, no mundo depreendeu-se a pandemia de coronavírus, que causou (e causa) inúmeras mortes constatadas todos os dias. No ano de publicação da obra DTNVS, em 2018, as notícias e propagandas sempre estiveram presentes nos noticiários (inclusive a presença de uma política de fiscalização, em que determinadas pessoas instruídas pelo governo vistoriam casas para controle da disseminação), o que explicita uma preocupação pública quanto a disseminação dos vírus como a Dengue, Zika, H1N1, Chikungunya, dentre outras.

Ao partir de condutas políticas que não seguem nenhum tipo de critério objetivo sobre o funcionamento da sociedade, percebo um grande desinteresse que resulta na degradação em todos os aspectos da vivência humana. Por atingir certos graus de calamidade, é preciso de urgente retomada dos meios eficazes para o controle da situação, algo que não ocorre nas distopias, já que não há interesse em sanar os problemas pessoais dos outros. É de se atentar que esses tipos de situações, como em uma pandemia e ao se governar de má fé, como se vê na atualidade do governo brasileiro, vemos uma certa aproximação do que acontece nas distopias, em que se deve exaltar mais uma vez o caráter de alerta e emergência proposta pela narrativa.

A cidade da obra DTNVS é relatada como um ambiente inseguro, caótico e violento, lembrando dos campos de concentração nazistas. A ideia de que há algo errado, tendo em vista as situações incomuns já citadas anteriormente são reforçadas, como no caso da placa no

local do engarrafamento. Nas páginas seguintes da obra é revelado o motivo do porquê que situações como essa vem acontecendo:

Com a extinção dos ministérios de saúde, prontos atendimentos e o fechamento de hospitais públicos, nos últimos trinta anos a sífilis, a hepatite e a gonorreia voltaram a ameaçar o país [...] Um dos muitos presidentes-fantasmas, como a população os chamava, porque jamais governaram, passou o mandato a se defender de processos, sabe-se lá há quantas décadas, o tempo deixou de ser medido, não tem mais importância (BRANDÃO, 2010, p. 20-21)

As diversas ações tomadas pelo governo confirmam o que já vinha sendo visto. O que se apresenta é uma espécie de ignorância e despreocupação com a saúde da população, visto que as atividades públicas essenciais para a manutenção do bem-estar social, que no Brasil atual já não se encontra no auge de um funcionamento efetivo, é extinguido por completo, o que desorganiza e causa ruptura em uma estrutura que já está em funcionamento. Com a extinção dos ministérios do governo, por exemplo, que são órgãos criados com a responsabilidade de liderar e organizar uma área específica, o ministério da saúde que trata da organização e resolução de problemas estruturais no que tange a área da saúde é afetado, atingindo tudo o que está ligado a ela. Pensando no contexto atual dos ministérios no Brasil, até o dado momento esses órgãos têm-se mostrado, em certa medida, eficientes, apresentando um mapa de planejamento dos recursos do país.

O fechamento do Ministério da Saúde, dos prontos atendimentos e fechamento dos hospitais públicos é um dos motivos para o que acontece nas descrições anteriores. Mas qual o motivo de tais ações? Não se fez nada para suplantiar o que foi desfeito e por isso se perdeu um dos pontos de “sustento” de bom funcionamento da sociedade – no contexto da maioria da população brasileira, na atualidade, não há vaga e nem renda suficiente para as consultas em hospitais particulares. A despreocupação gerou uma perda de controle devido ao mau uso da administração para o desenvolvimento daquele local. O problema da administração se torna mais grave quando se falam dos processos que o “presidente-fantasma” estava, a todo momento, tentando se defender.

O presidente é nomeado com a característica de “fantasma”, modo como se passou a chamar. Isso é dado, em uma primeira medida, pela falta de visibilidade do público sobre quem é o presidente, sendo uma espécie de “fantoche”. Um presidente que é eleito por sua incompetência na administração, que é o que dá menos trabalho aos Astutos, ainda era acusado juridicamente “há décadas” por processos. É certo que aconteceram situações para a criação desses processos, o que só mostra o despreparo da administração deste cargo.

Por que um presidente passou tanto tempo no poder sem solucionar problemas essenciais para o funcionamento da sociedade? Isso implica outros problemas que podem ser constatados. No Brasil, dentro da lei atual, um mesmo candidato só pode governar por dois mandatos seguidos de quatro anos cada, sendo proibido de permanecer mais quatro anos no governo após os oito anos seguidos. Por toda a obra em análise são expostos problemas ligados ao descumprimento da Constituição. Se isso acontece, há algo que contribui para que continue acontecendo, ou seja, provavelmente há alguma exigência que obriga o apoio ao que se é decidido, já que não se encontra conflitos contrários ao governo.

O único presidente que passou tanto tempo no poder<sup>18</sup> foi o presidente Getúlio Vargas que, através do golpe, instituiu o Estado Novo, no fim do ano 1937, um ano antes das próximas eleições, que se dariam em 1938. Nesse golpe, Vargas determinou o fechamento do Congresso Nacional do Brasil e, por meio de uma modificação na Constituição, passou a ter livre controle do poder executivo, o que lhe dava o poder de mudar quase que todo o governo do país, sem intervenção de outros poderes que dariam o equilíbrio necessário para não haver tanto poder nas mãos de uma única pessoa. Esse acontecimento se deu sem a possibilidade da discussão política, portanto sem nenhum uso dos meios democráticos, que ao menos concedia um controle quanto aos usos do poder governamental.

A primeira etapa do plano golpista foi a decretação de um “estado de guerra” (em plena paz) sob texto de que havia perspectivas de nova revolução comunista e perturbação da ordem (forjou-se para isso a existência de um “Plano Cohen” que consistiria na implantação do comunismo no Brasil e no assassinato de centenas de figuras da política nacional). Enquanto o deputado Francisco Negrão de Lima percorria diversos Estados para obter dos governadores (Não foram visitados Juraci Magalhães na Bahia e Carlos de Lima Cavalcanti em Pernambuco) apoio para a implantação de um novo sistema político, Francisco de Campos preparava, sigilosamente, uma Constituição autoritária que deveria enfeixar nas mãos do futuro ditador uma enorme soma de poder. O golpe foi executado com o apoio das forças armadas, sem maiores atropelos. Na manhã do dia 10 de novembro foram simplesmente fechados os edifícios da Câmara e do Senado; reunindo Getúlio Vargas, às 10 horas, seus ministros, apresentou-lhes o documento que instituíu a “nova ordem”: a “Constituição elaborada por Francisco de Campos. [...] Algumas prisões haviam sido feitas. (MAIOR, 1977, p. 339)

As tomadas de poder, por meio da usurpação dos cargos de um sistema político, demandam um poder autoritário e é uma das tendências para o funcionamento da distopia. Nesse caso, a tomada de poder se utiliza, em um contexto negativo, de argumentos positivos à tomada, com intuito de convencer a população de que certas ações são necessárias para a melhoria do país, mesmo que não seja verdade. Isso se dá a partir de um processo que gera a

---

<sup>18</sup> Refiro-me aqui, ao período brasileiro em que o presidencialismo já está em funcionamento.

ilusão – também é um outro recurso utilizado nas distopias –, ou seja, é possível manter uma participação ativa dos sujeitos a favor dessa ação sem explicitar o real motivo daquela ação.

Nessa tomada há, portanto, a falta de honestidade com as regras morais da vivência coletiva, o que nega a possibilidade de outras pessoas se candidatarem. É também nesta perspectiva que se tem a implementação de novos significados aos processos políticos que ressignificam o passado a esses acontecimentos do presente, mantendo o controle autoritário por meio do convencimento.

Pois bem, um daqueles presidentes obrigou todos a obedecerem aos preceitos elaborados pelos Comunicadores Aconselhantes, em remotas eras conhecidos como marqueteiros, raça inextinguível:

*Não se entregue ao abismo, trabalhe.  
 Não se deprima, reaja, enfrente.  
 Não tente entender, cresça.  
 Não atrapalhe, colabore.  
 Não pense em depressão, acredite no mercado.  
 Nossas cidades são belas, pura poesia.  
 Para frente, Brasil. Siga (BRANDÃO, 2010, p. 21, grifo do autor).*

O termo “Comunicadores Aconselhantes” são aqueles considerados os “marqueteiros”, ou seja, aqueles que são capacitados para criar propagandas que consigam chamar a atenção da sociedade e convencê-los daquilo que deve ser o desejo das pessoas. Brandão nomeou esse grupo a partir da ideia de “conselhos”, como se o que estivesse ocorrendo não fosse negativo, mas tendo um “peso” para aquele que lê, já que gera incômodo. Nas distopias, e até mesmo nos acontecimentos ditatoriais dados no mundo, esse tipo de propaganda é disseminada com ênfase e repetida inúmeras vezes para se tornar comum no cotidiano.

Em *Admirável Mundo Novo*, do autor Aldous Huxley, esses tipos de repetições padronizadas aparecem com certa ênfase na obra, servindo como uma estratégia que condiciona as pessoas que ainda estão em desenvolvimento biológico, as crianças, e também os que já são mais velhos, que por já terem um maior desenvolvimento cognitivo e biológico são incitados à utilização de comprimidos, que são drogas auxiliadoras nesse processo de “mudança” para o novo “padrão”. Sobre essa problemática na obra do Huxley, o estudioso Leomir Hilário diz que:

Huxley problematiza, desta forma, a produção de sujeitos a partir do diagrama de poder vigente. Por isso, além de *produzir sujeitos*, também se os *condiciona*. E “tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, 2003, p. 25). Assim, em *Admirável Mundo*



*Novo*, diversos mecanismos sociais de controle são dispostos, destaco dois: comprimidos de uma droga que inibe sentimentos e pensamentos ruins, o *soma*, e o condicionamento social que se dá na mesma dinâmica da *Indústria Cultural*, isto é, repetições padronizadas de enunciados que devem ser inculcados nos indivíduos (HILÁRIO, 2013, p. 208, grifo do autor)

Além disso, sobre o conteúdo presente na propaganda, percebo a utilização de verbos no imperativo, indicando quais as melhores condutas que podem ser tomadas pela população para as circunstâncias da sociedade, em que há um prévio entendimento de que as pessoas têm (ou estão perto de ter) depressão. Os dados sobre a depressão, não só no Brasil, mas no mundo, aumentam a cada ano que se passa, a cada nova pesquisa os números oficiais estão sempre em uma crescente. Se esse tipo de acontecimento está ocorrendo, há de se atentar para o fato de que, a circunstância em que as pessoas vivem as levam a esse resultado. Nesse sentido, a projeção distópica é a de que o aumento continuou, talvez até de forma mais drástica.

A concepção da propagando disseminada pelo governo do presidente-fantasma se dá a partir da ideia dos fatores de depressão que podem levar, em última instância, ao suicídio. Nesse sentido, as formulações são desenvolvidas como em “Não se entregue ao abismo”, “Não se deprima”, “Não pense em depressão”. No momento em que a obra se passa, é considerado o contínuo aumento desse tipo de doença, sem contar as que já foram mencionadas, as pestes e os inúmeros vírus que assolam a cidade.

A estratégia do anúncio é de se utilizar das situações em que as pessoas se encontram, e dar uma palavra de “apoio” ou de “reflexão”, na ideia de que quem lê, encontrando-se naquela situação descrita, venha a perceber que existem possibilidades para que ela “trabalhe”, “enfrente”, “cresça” e “colabore”. Essa publicação, em uma obra dessa, está colocada de forma deslocada, pois apenas demonstra a ausência de organização para um tratamento adequado da situação. Mediante as situações a que os cidadãos estão submetidos, não é simples que esses tipos de problema se resolvam apenas com uma mudança de “mentalidade”, pois além do aspecto biológico que precisa de tratamento, o ambiente de doenças e incertezas ampliam a problemática.

O ambiente contextualizado representa um fato trágico, nas quais as ações tomadas pelo governo apenas agridem a concepção de sociedade enquanto formação primária, ou seja, enquanto melhoria da qualidade de vida mediada pela segurança e vivência em conjunto. Justamente esses valores são os exaltados na propaganda, apresentados como em uma dicotomia, pois o ambiente que se vive não oferece esse tipo de vivência com uma mentalidade no sentido proposto pela propaganda. Além disso, as descrições dadas pelo

anúncio, relatam as pessoas sofridas e doentes, especificamente as que estão depressivas por terem perdido o sentido da vida.

Em outra medida, há uma necessidade do governo de que haja pessoas para exercer os trabalhos mínimos para o sustento da máquina estatal. Um anúncio publicado dessa forma por um governo totalitário, é de se estranhar que não haja interesses por trás, ou seja, apesar da demanda necessária para manter o país “sobrevivendo” no limite, obriga-se que essas ações aconteçam, de acordo com os verbos imperativos que regem o anúncio, e dos cumprimentos da lei que devem ser seguidos para que as pessoas sejam consideradas como parte da sociedade, caso contrário podem ser cassadas e expatriadas.

É interessante perceber a forma como o autor vai narrando a obra, pois se utiliza da chave satírica para criar ficcionalmente novas situações que geram um momento cômico, apesar da gravidade das situações que normalmente são abordadas em uma distopia, mas que no exemplo serve para entender como essa cidade está sendo constituída, da qual decorre uma ação corrupta:

A epidemia ocasionada pela corrupção dos parlamentos, do Judiciário, dos ministérios, das secretarias, das confrarias de lobistas, dos doleiros, dos empresários que negociavam leis, provocou uma doença incurável, pior do que o câncer, a gripe espanhola, a peste negra, a aids. Morrem milhares. As pessoas se dissolvem em uma gosma que exige vagões lacrados, semelhantes aos usados para gasolina, óleo diesel, etanol, produtos químicos ou radioativos. Se um vagão radioativo descarrilar e vazar, o efeito será semelhante ao Chernobil.

Basta um contato com um corrupto, leve que seja, um sopro ou aspirar sem querer a respiração de um contaminado, para desencadear o processo em que se perdem membros, barrigas explodem, vísceras, cérebros e ossos se liquefazem, olhos saltam, dentes se desprendem das gengivas. (BRANDÃO, 2018, p. 22)

Antes de considerar o sentido denotativo que o texto passa, a epidemia da qual se fala no trecho é ocasionada pela corrupção, ocorrida pelos parlamentos, Judiciário, ministérios, secretarias, confrarias de lobistas, doleiros, empresários, como complemento do que vimos anteriormente no modo de organização desse ambiente, negociando leis, provocando doenças incuráveis e constantes mortes. Se apenas víssemos esta explicação, conseguiríamos entender o que está sendo dito, pois uma epidemia foi ocasionada por causa da corrupção.

A epidemia é uma doença contagiosa que se espalha rapidamente e atinge grande números de pessoas. Nesse sentido, ao colocar a corrupção com um status epidêmico que acaba matando milhares de pessoas, podemos interpretar que, de fato, isso pode acontecer. O desvio de recursos de um investimento que iria para a saúde, por exemplo, pode acabar ocasionando o não tratamento de várias pessoas que precisam urgentemente de um tratamento. Nesse sentido, a corrupção pode ser considerada como uma “nova doença” e

colocada como “incurável”. O termo incurável se encaixa nesse contexto porque, diante da história do Brasil, sempre houve casos de corrupção e em uma narrativa como essa, um fato como esse chega ao ponto de ser considerado uma doença, utilizada em sentido extremo.

Isso é o que entendo levando em conta o recorte que fiz, mas o autor vai além e por isso que entra o elemento satírico. O crítico literário canadense Northrop Frye (1957) diz que “A sátira requer pelo menos uma fantasia mínima, um conteúdo que o leitor reconhece como grotesco, pelo menos um padrão moral implícito, sendo o último essencial, numa atitude combativa, para a experiência (FRYE, 1957, p. 220)”. No trecho, a fantasia não parece mínima, e o conteúdo é grotesco, com um padrão moral implícito, como foi o colocado um exemplo no parágrafo anterior.

Percebemos, então, que a doença epidêmica e incurável, decorrente daqueles que são citados como corruptos, dissolvem as pessoas em gosmas, necessitando que fiquem em espaços lacrados, senão o dano causado seria semelhante ao que aconteceu em Chernobil. A doença é colocada como algo que funciona de forma exagerada: “Basta um contato com um corrupto, leve que seja, um sopro ou aspirar sem querer a respiração de um contaminado, para desencadear o processo em que se perdem membros, barrigas explodem, vísceras, cérebros e ossos se liquefazem, olhos saltam” (BRANDÃO, 2018, p. 22). O uso do exagero intencional é a forma pela qual Brandão lança um olhar para chamar atenção sobre fatos que se repetem constantemente no Brasil, que em o país está classificado dentre os maiores índices de corrupção, índice publicado pelo indicador da Transparência Internacional<sup>19</sup>.

Como a narrativa distópica chama a atenção e serve de alerta para os que a leem, a busca de reflexão e diálogo servem para repensar a melhoria de problemas, além de partirem de exemplos que beiram o grotesco, pode-se utilizar da sátira. Para diversas situações algumas possuem certos caminhos mais claros para serem solucionados, como por exemplo o da pesquisadora Sadek *et al.* (2012) que fala sobre os procedimentos para casos de corrupção que podem e devem ser executados: “Contudo, havendo ou não punição judicial, uma conclusão se impõe: já não se pode mais afirmar que certos agentes públicos e grupos privilegiados estão inteiramente blindados. O Ministério Público tem contribuído para forçar rachaduras” (p. 459). Até mesmo em contextos mais complexos há condutas que podem ser buscadas, apesar de necessitar de certo esforço por parte dos agentes responsáveis.

---

<sup>19</sup> A Transparência Internacional é um órgão que ranqueia países; no relatório de 2020 o Brasil, segundo o índice de países mais corruptos no mundo inteiro, ficou na posição 94 de 179 países. A escala funciona assim partindo do 0, isto é, o mais corrupto, até a numeração 100, que representa alto grau de integridade. O Brasil, portanto, encontra-se na numeração 39, denotando um alto grau de corrupção.

O mesmo sistema que foi montado para organizar e exercer o poder possui também ferramentas que conseguem limitar certas ações políticas na busca para não chegar a um desequilíbrio que favoreça uma espécie de intervenção, como na Era Vargas ou do golpe militar em 1964. Por isso, ultimamente, tem se dado importância ao sistema que dá transparência dos usos de recursos públicos aos cidadãos, chegando a criar um ministério específico para cuidar disso. No site do governo, o Portal da Transparência<sup>20</sup> diz que “o cidadão pode encontrar informações sobre como o dinheiro público é utilizado, além de se informar sobre assuntos relacionados à gestão pública do Brasil”.

Prisão e mortes marcaram a luta (frágil) da mídia que nada mais investiga, conformada com os contínuos impeachments golpistas, baseados na Constituição, o “livrinho”, como é designado com desdém pelos Astutos. A Novíssima Constituição, em seu parágrafo primeiro, estabeleceu que o termo político fosse abolido dos dicionários, textos, discursos, livros, documentos, mídias, teses, manuais. A palavra político perdeu o sentido. Passou a ser sinônimo de sicofanta, ímprobo, desonesto, infame, pérfido, falso [...] Em seu lugar deve ser utilizado o termo Astuto, com maiúscula, uma vez que para fazer leis é preciso sagacidade, juízo, engenho, esperteza (BRANDÃO, 2018, p. 23)

O importante trabalho da mídia nesse contexto já não possui valor, além da “prisão e mortes” que marcam a luta, a deterioração do sistema foi tanta que acabou se conformando com as inúmeras ações irregulares que regem a nação. A quantidade de controle alcançada pelo sistema é tanto que se consegue facilmente anular as intervenções opostas a ela. Sendo a mídia um dos meios pelo qual se chegam as informações, e uma das quais executam as pesquisas da transparência para que sejam divulgadas à população, como uma forma de disseminar as notícias.

O uso do termo “livrinho” traz a ideia de desprezo e denota dois sentidos, um no sentido físico e outro no sentido moral. Ora, sabemos que a Constituição daria um “livrão”, se pensássemos pelo lado do tamanho físico, oposto ao uso do termo livrinho. Descartando um tipo de uso, cabe que considere o uso desse termo enquanto algo que ridiculariza, pondo que o diminutivo se não se refere ao tamanho, e é entendido pelo uso do desprezo. Deve-se atentar que a Constituição foi criada e vem em desenvolvimento desde a Antiguidade. O filósofo e político germânico Karl Loewenstein (1979) diz que o constitucionalismo se deu a partir do fim da era mitológica, com origem a partir do povo hebreu, com o exemplo dos profetas, também na Grécia Antiga<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Link para acesso: <http://www.portaltransparencia.gov.br/sobre/o-que-e-e-como-funciona>

<sup>21</sup> Tradução minha. No original em espanhol: Pero con el fin de la era mitológica, el hombre se descubrió a sí mismo como un individuo libre, y empezó a dudar de la legitimación mística del poder de sus dominadores

Mas com o fim da era mitológica, o homem se descobriu como um indivíduo livre, e começou a duvidar da legitimação mística do poder de seus governantes políticos, exigindo um fundamento racional para a obediência devido à autoridade política. Enquanto que os hebreus ainda acreditavam que os limites do poder político se encontravam na lei do Senhor, submetendo da mesma forma governantes e governados, é o mérito imortal dos gregos terem procedido à secularização e racionalização do processo de poder. Desta maneira, foi descoberta a forma constitucional de governo (LOEWENSTEIN, 1979, p. 150)

Com o desenvolvimento das sociedades e com a reflexão acerca do uso do poder sobre um povo, houve então o processo de “legitimação do poder” para buscar um maior controle diante das atitudes de um povo que vive em coletividade, normalmente guiados por um líder. Dessa forma, o desenvolvimento das regras comuns, baseado a partir de explicações racionais das decisões, foi um próximo passo a ser tomado, dando por um lado a perpetuação das decisões para as próximas gerações como também para regulamentar a relação entre cada grupo e evitar as más condutas de uso do poder. Loewenstein diz que o povo hebreu se utilizava da Constituição advinda de um poder político da lei do Senhor, como algo divino, em que se tinham diversos exemplos de condutas como exemplo do que mandava a lei.

Loewenstein coloca também que o processo de racionalização da atividade do poder se deve muito aos povos gregos, dando-lhes o mérito para o descobrimento e aplicação da forma constitucional. O pesquisador inglês, H.D.F Kitto (1970), escreveu o livro *Os gregos* (1970), e ao falar da vivência dos gregos em Atenas, diz que “o dever de tomar parte, na idade própria, em todos os assuntos da *polis* era dos que o indivíduo devia tanto à *polis* como a si próprio. Fazia parte dessa vida plena que só a *polis* era capaz de dar.” (KITTO, 1970, p. 213). Nessa época era algo comum que os homens, assim que atingissem certa idade, deveriam obrigatoriamente tomar parte nos assuntos da *Pólis*, pois era uma atividade tão viva (se mostrava importante para o desenvolvimento tanto intelectual como físico) que era preciso dar uma parte do seu tempo para essa atividade, sendo um vivente que usufrui das vantagens geradas pela *Pólis*<sup>22</sup>.

---

políticos, exigiendo un fundamento racional de la obediencia debida a la autoridad política. Mientras que los hebreos creyeron todavía que los límites del poder político se encontraban en la ley del Señor, sometiendo por igual a gobernantes y gobernados, es el mérito inmortal de los griegos haber procedido a la secularización y racionalización del proceso del poder. De esta manera fue descubierta la forma de gobierno constitucional. (LOEWENSTEIN, 1979, p. 150)

<sup>22</sup> É necessário colocar que, ao usar o termo “vantagens”, se considere que nessa época, datada no século quinto a.C., em que muitas das regiões vizinhas a Atenas funcionava segundo ordens ainda fracas e destituídas de amplas discussões e interesse no desenvolvimento racional de leis, podendo ser consideradas civilizações ainda “bárbaras”. Por isso considerava-se de grande vantagem fazer parte de uma sociedade preocupada com a vivência coletiva e com uma busca assídua pelo entendimento e desenvolvimento da justiça.

Kitto ainda coloca: “para os Atenienses, pelo menos, o auto-governo através dos debates, a auto-disciplina, a responsabilidade pessoal, a participação directa na vida da polis em todas as suas manifestações, constituíam o ar necessário à própria vida” (KITTO, 1970, p. 213). O desenvolvimento cada vez maior da *Pólis* estava dando aos atenienses um avanço que ainda não se havia chegado. As melhorias da qualidade de vida, aliada às condições de trabalho vinham melhorando e dando mais suporte em todas as vias que eles precisavam se desenvolver, tanto militarmente quanto intelectualmente. No contexto dessas descrições ainda haviam conflitos e guerras, muitas civilizações vizinhas atacavam periodicamente outras regiões na busca de armas e recursos para sobreviver. Nesse sentido, Atenas foi uma das que conseguiu criar essa esfera “racional” e começar a encontrar alternativas menos violentas e mais vantajosas para ambos.

O sistema político da democracia é herdado da Grécia Antiga, sistema que surge advindo de dois (ou mais) gregos, Clístenes e Sólon, que são considerados os “pais” da democracia, cuja iniciativa leva a, posteriormente, novos aprimoramentos. O grego Clístenes, mesmo fazendo parte da aristocracia, com a obra de Sólon liderou a revolta contra os poderes tirânicos que se instauravam naquela época. Como arconte de Atenas, convocou o povo e impediu a instauração da tirania almejada pelo golpe tramado por Cílon. Deu-se então primeira fase da democracia que se espalhou pelo mundo e influencia até hoje.

A Constituição, portanto, é desenvolvida a partir de uma estrutura que vem da Antiguidade, moldada por discussões, análises, testes, em que ao perceber as melhorias e vantagens que conseguiram atingir, se disseminou para o resto do mundo. Na obra de Brandão, a Constituição foi alterada por motivos que se aparecem incoerentes, sendo mudada para o uso do termo “Novíssima”, que pode indicar diversas novas alterações, a favor mais dos interesses dos que a alteraram do que para a necessidade pública.

Diante o que é dito, a retirada de algo como uma palavra, apenas pelo sentido que seu termo conota, é algo que não se encaixa dentro da finalidade de uma Constituição, por exemplo. Houve uma substituição de um termo para outro, pondo um novo significado, como “desonesto”. Alguns termos como “sagaz” e “esperto”, no cotidiano de nossos tempos, já possuem uma conotação negativa, ponto em que se percebe o elemento satírico, já que a substituição foi de um nome que apresentava um sentido negativo, para outro termo que também expressa um outro sentido negativo.

Para tanto, um dos grupos que articulam e comandam as ações e que manuseiam o “presidente-fantasma” é o Ultrassuperior Tribunal, que se esconde da população em um ambiente totalmente fechado, sem demonstrar qualquer atividade aparente:

O Ultrassuperior Tribunal, também conhecido como Areópago Supremo, ao qual se recorre em última instância, está localizado em um prédio de granito negro, blindado, sem janelas, sem portas aparentes de entrada ou saída. Os juízes penetram por vias secretas que ninguém conseguiu verificar e igualmente saem por túneis que cada vez desembocam em uma vila, bairro, localidade, cujos nomes agora nos escapam. Vitalícios, apenas se sabe os nomes de tais juízes. Nunca suas fotos, idades, salários, sentenças foram divulgadas – porque cada um está a serviço de um grupo, partido, facção, legenda, empresa, multinacional – e seus computadores são à prova de hackers. Estes afirmam que tais computadores não existem (BRANDÃO, 2018, p. 23)

O significado do termo “Areópago” vem de *Colida* de Ares (deus da guerra, sanguinolento), e segundo o dicionário Aulete significa “1. Hist.: Supremo tribunal de justiça de Atenas, célebre pela retidão e imparcialidade; reunia-se na colina de Ares; 2. Ext.: Reunião de magistrados, sábios, cientistas.”. Percebo que esse termo é utilizado pensando no uso do satirismo utilizado por Brandão, pois se retoma o Supremo Tribunal de justiça de Atenas, mundialmente conhecido e considerado “célebre”, indicando que os magistrados do Areópago Supremo possuem uma assembleia respeitada pela justiça, munida de probidade no seu julgamento e cobertos pela retidão e imparcialidade. Do que vimos e sabemos até agora, nas descrições da obra DTNVS, nenhuma dessas definições se encaixam dentro do contexto da cidade e das atitudes dos governantes.

O próprio termo “político” teve de ser alterado pelos próprios políticos, visto que o significado já não correspondia a real definição do termo, sendo comumente entendido como algo negativo. Mesmo assim, o termo foi alterado para uma correspondente que possui um sentido pejorativo, o “Astuto”, pois pode validar a ideia de que aquele político é “esperto” e consegue burlar a lei para obter algum tipo de vantagem, ou seja, intensifica a não correspondência com o uso do termo Areópago. O local também pode ser chamado de “Ultrassuperior”, em que não sendo suficiente o uso do termo “superior”, se adiciona o termo “ultra”, que pelo dicionário Aulete significa “Adepto das ideias mais avançadas ou radicais; EXTREMISTA”, indicando agora novas possibilidades quanto as decisões que podem ser tomadas, atingindo inclusive o “extremo”, como já vimos acontecendo em situações passadas. Isso poderia ser o mesmo que dizer que esse tribunal pode reger sobre tudo, quase que “sem limites”, utilizando-se da autoridade e poder.

Outro fato a ser atentado é o local no qual está localizado esse Tribunal. Pela descrição é um “prédio de granito negro, blindado, sem janelas, sem portas aparentes de entrada ou saída”. O que se descreve fica cada vez mais bem colocado para o entendimento de como é e funciona esse ambiente distópico. O prédio é blindado, sem janelas e sem portas aparentes,

características essas daquilo que busca ser protegido contra qualquer ataque que seja realizado, inclusive de armamentos pesados de fogo, apresentando uma ligação com a proteção advinda do “medo”. Isso considera que se fossem mesmo “respeitados” e “imparciais”, não haveria a necessidade de fechar todo o prédio e que “Os juízes penetram por vias secretas que ninguém conseguiu verificar e igualmente saem por túneis que cada vez desembocam em uma vila, bairro, localidade, cujos nomes agora nos escapam.”.

A questão das “vias secretas” é uma situação da qual não se sabia da existência, e mesmo que soubessem não conseguiriam nem indicar aonde desembocam. Essas descrições apenas intensificam, por um lado, o grau satírico do que se quer passar, como também um enorme medo dos juízes que compõem o Supremo Tribunal com relação à população, que em muito depende deles para que haja “justiça” e “equilíbrio”. Algo que se relaciona diretamente com o Brasil contemporâneo, e que está sendo descrito, é uma decisão que foi noticiada pela revista Exame em 2019, ao noticiar que foi autorizada a construção de obras para a construção de uma “passagem reservada”, com intuito de evitar assédio da população e da imprensa, em Brasília.

Brasília — Durante os momentos mais turbulentos da Operação Lava Jato, ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) pediram à segurança da Corte uma solução para o que consideravam um problema: o assédio da imprensa, que abordava os magistrados nos corredores da instituição, enquanto eles caminhavam por um túnel que liga o prédio anexo — onde estão os gabinetes — ao edifício-sede, que abriga o plenário.

Agora, a gestão do presidente Dias Toffoli pretende garantir a privacidade com uma "passagem reservada", que dará acesso exclusivo para os ministros e outras autoridades chegarem e saírem do Supremo sem serem vistos. (REVISTA EXAME, 2019, Online)

As descrições coincidem com o que acontece no nosso cotidiano, mostrando a forma com que o autor Brandão se utiliza da narrativa para informar e alertar sobre dadas situações que aconteceram e outras que podem vir a acontecer. Ajuda a entender mais profundamente o motivo desses tipos de acontecimentos, criando uma narrativa ficcional.

Em Atenas, na época do Areópago, apesar de se considerar algumas disputas de cargo e poder entre os magistrados da época, havia uma participação direta do povo sobre as discussões nas assembleias, dando-lhes transparência. Claude Mossé (1997), historiadora e estudiosa especializada em Grécia Antiga, fala sobre a funcionalidade da política Ateniense: “essa política resultava não apenas de uma reflexão calculada, mas também de uma escolha deliberada com o objetivo de assegurar, ao povo, os recursos para viver condignamente e exercer livremente sua soberania” (MOSSÉ, 1997, p. 38). Ou seja, não havia apenas escolhas



e influência dos aristocratas, ao considerar a ideia de “reflexão calculada”, mas havia uma participação direta do povo, dentro de certos limites, para exercer sua soberania, que é justamente de onde surge a ideia da democracia, o poder exercido pelo povo, mediado por um sistema.

A democracia depende da participação das pessoas que, a princípio, deveriam buscar se formar para que pudessem, de fato, exercer seu voto. Além disso, acompanhar a participação do candidato em que se votou para entender quais os passos e ações estão sendo tomados, pois também faz parte da ideia de se informar sobre o que está acontecendo e saber se a voz do povo está sendo atendida. No Brasil, realizar esse tipo de “proposta” não é algo tão simples, visto que isso depende de diversos fatores sociais, econômicos e culturais do país. É nesse sentido que a obra de Brandão parece se encaixar, já que o país chegou até esse nível de degradação por vários fatores que não tiveram uma devida atenção. Em DTNVS, as pessoas que têm voz, que são as das redes sociais, não aparecem como sujeitos “iludidos”, mas estão cansados e conformados sobre como o sistema funciona, e por isso sabem que não existe motivo para denuncia ou reclamação, pois essas ações começam a perder o sentido, como todas as outras coisas também vão perdendo:

Salienta-se que, a certa altura, o povo (seja o que quer que signifique), desiludido, passou a fazer pouco de tudo e de todos. Veio o afastamento das eleições. Abstenção total ou votos nulos ou em branco. No dia do voto, as salas ficavam às moscas, os mesários dormiam, o povo ia para as praias, spas, cassinos, bingos, concursos de videogame [...] Chegou-se a tal ponto que um dia houve 100% de abstenções (BRANDÃO, 2018, p. 52)

Diferente do que propõem as distopias, as pessoas estão “desiludidas”, estão sabendo das ações ocorridas, mas mesmo assim não possuem meios eficazes e força suficiente para que suas indignações valham a pena. O que se percebe é uma espécie de tortura, em que o cidadão consciente da desgraça que acontece consigo e com os outros, não tem como agir, apenas acompanhando passivamente a degradação. Se essas pessoas estão desiludidas e sabem o que acontece onde vivem, deve-se considerar que estas mesmas pessoas viveram em uma época que o domínio totalitário ou não existia ou ainda não tinha tanta força. Isso significa que, de fato, a ideia de “tortura” colocada está presente, pois outrora o local em que viviam funcionava de forma diferente, mostrando um pouco da indignação restante, mas que a partir do momento em que as pessoas desistiram de se importar, a nova geração que virá será condicionada a essa realidade.

A noção do que significa o termo “povo” é colocada em questão, em que o próprio narrador diz “seja o que quer que signifique”, reforçando que a perda de sentido das palavras adentra mais profundamente na deterioração do uso da linguagem. O primeiro impacto é que a comunicação vai se tornando incerta, pois os significados e o entendimento dos símbolos coletivamente compartilhados entre as pessoas perdem o sentido, assim como o tempo, que não tem importância, e dessa maneira, por exemplo, a noção de compaixão pode ir perdendo o sentido, o que inicia uma nova série de conflitos e problemáticas.

Uma outra problemática é que as eleições não acontecem porque é anunciado “abstenção total”. Os mesários dormem nas salas por falta de eleitores, enquanto estes iam para as praias, e outros lugares voltados à diversão, pois o significado do voto perdeu o sentido. O exercício democrático se perdeu por inteiro devido a todos os acontecimentos em que os “Astutos” criam uma nova esfera social, onde são inalcançáveis e que não há saída, a não ser aceitar os fatos. O que torna este trecho irônico é que, mesmo com esses acontecimentos, ainda continua havendo “eleições”, mesmo todos já estando cientes da situação. É como se houvesse uma espécie de máscara, que serve para anunciar a existência de algo que não funciona, apenas com o interesse de divulgar a ideia de uma “nação democrática”.

Há também as pessoas que ainda conseguem se divertir. Algo semelhante acontece na obra *Admirável Mundo Novo* (1932), em que as pessoas são incitadas, de modo programado, para em certos períodos estarem nos ambientes de diversão, pois há interesses voltados para a manipulação das pessoas por meio das emoções, isto é, o sistema desenvolvido utiliza os momentos de “diversão”, sempre a partir de técnicas que envolvem os sentimentos ligados ao prazer. Depois do trabalho escravo que estão destinados a realizar, os momentos de prazer são exaltados como forma de criar vícios ligados ao fator de “recompensa”, após um trabalho difícil e chato. Cria-se então uma dependência do organismo daquele que está sempre em busca de recompensas, que são entregues em grande quantidade pelo prazer advindo dos momentos de diversão, formando uma horda de pessoas facilmente manipuláveis e prontos para qualquer comando do sistema totalitário, pois sabem que sempre serão recompensados depois.

Na obra DTNVS é colocado com ênfase atividades como “cassinos, bingos, concurso de videogame”, que são atividades que criam vício e dependência. Também se sabe que o interesse da população pela política é praticamente nulo, mas também há de se considerar que o sentido do ser político e da vivência política se perderam por completo e por isso não há interesse em nenhum dos lados sobre o princípio e a finalidade do que seria a sociedade. Os

Astutos, então, preferem se isolar do resto da população, tendo em vista que as opiniões de nada valem:

Os suplentes, os assessores dos Astutos e os agregados dos suplentes. Daí as centenas de megaedifícios construídos para abrigar a multidão de apaniguados, como assessores de imprensa, de imagem [...] Custaram uma fortuna, as estatais financiaram por meio do sistema de propinas Caixas 18, 23 e 27, legalizadas pelo Areópago.

O que se sabe é que a capital é um reduto protegido, vigiado. Os Astutos ali nada sabem do país. Não ouvem noticiários não leem mensagens, o país não interessa a eles, a capital é uma ilha (BRANDÃO, 2018, p. 52)

Os Astutos vivem em uma ilha, em um espaço fechado com um reduto protegido e vigiado, e “ali nada sabem do país. Não ouvem noticiários”. Os limites que tínhamos estabelecidos sobre a distopia, na obra de Brandão, vão sendo ultrapassados. De acordo com o que vimos, em que os governantes não ligam para nada sobre o país que regem, vivem longe de tudo o que acontece, talvez apenas agindo quando necessário para cessar a voz contrária. O sarcasmo é utilizado constantemente pelo autor, no qual os exageros intencionais ressaltam um desinteresse não apenas do povo, mas também dos próprios políticos que estão envolvidos nas corrupções do plano político. Vimos que os gregos viviam para a *Pólis*, em uma busca diária para a melhoria e o melhor entendimento do que é constituir uma sociedade. Nesta obra, em análise, o que se percebe é o contrário: há um desinteresse diário e conflitante.

Em meio a situação dada, “os membros do Areópago Supremo, que reúne os juízes da mais alta categoria, decidiram que a melhor solução seria o voto entre eles, nomeando o presidente. Afinal representavam o povo.” (BRANDÃO, 2018, p. 53). Com isso, a política nacional passa a funcionar apenas entre os Astutos. É suficiente lembrar que a Constituição é praticamente descartável, já que não se sabe quais leis estão em vigor, dando a ideia de um caos generalizado, como se segue, “Venceu a proposta de se cancelarem as eleições e se escolher o presidente por turnos de 47 dias. Mal empossado, o presidente é processado por um tribunal. Por necessidade de transplante de cérebros já foram afastados 117 presidentes. A altura mínima de um presidente é, por lei, onze centímetros” (p. 53).

Novas condutas começam a fazer parte da narrativa, no sentido de uma intromissão direta dos políticos na criação de novas leis que, aparentemente são absurdas e racionalmente sem sentido. Esse é justamente o panorama que está sendo demonstrado, de um alto nível de alteração que causa uma instauração caótica. As pessoas têm noção de alguns acontecimentos, o que já é suficiente para não quererem mais participar por não verem sentido. Agora os conflitos se dão entre os próprios donos do poder. A ideia de trocar o presidente em turnos de

47 dias e a do processamento do presidente por necessidade de transplante de cérebro, seriam situações impossíveis para funcionar como lei, mas que são regidas apenas pela “enunciação”. Isto é, pelo poder da palavra, sem o levantamento de dados e da avaliação das hipóteses, política e biológica, por exemplo. Então, são consideradas leis impertinentes, mas que funcionam para suprir interesses de determinados grupos.

Sobre o funcionamento de como o dinheiro circula para que todo esse cenário se sustente, não se tem muita informação. O que se sabe é que o dinheiro chega em malas, de forma misteriosa, e que as malas de dinheiro que aparecem nos apartamentos, dos quais os políticos são os donos, não são provas para nada.

Sabe-se que o dinheiro vem de formas nebulosas, misteriosas, labirínticas. Entre a extinta Brasília e Uberaba, em Minas Gerais, foram construídas centenas de apartamentinhos térreos, cada um pertencente a um político, nos quais, de tempos em tempos aparecem misteriosamente malas com cédulas novas que não se sabe de onde vêm, nem para onde irão, uma vez que se determinou que malas não são provas suficientes para processos (BRANDÃO, 2018, p. 54)

Não se sabe a forma com que o dinheiro aparece, mas surgem especificamente em apartamentos nos quais os donos fazem parte do grupo dos Astutos. Esse tipo de acontecimento pode ser relacionando com casos do cotidiano brasileiro. Em 2017 foi encontrado, em um apartamento em Salvador, malas com 51 milhões de reais advindos de propinas, de uma ação penal contra o Geddel Vieira, pela Operação Lava Jato.

A PGR pediu a condenação de Geddel a 80 anos de prisão. Quer ainda que Geddel e Lúcio devolvam R\$ 42,6 milhões e US\$ 2,688 milhões aos cofres públicos, por danos morais coletivos. Essa foi a quantia exata apreendida no apartamento, conforme a Procuradoria - a conversão da parte em dólar leva à soma de R\$ 51 milhões (OLIVEIRA; D'AGOSTINO, 2019, Online)

O ex-ministro Geddel, preso<sup>23</sup> desde 2017 em Brasília, é réu junto com seu irmão. Casos como esses são constantemente noticiados, mostrando certa precariedade dos esquemas políticos. Esse é apenas um exemplo dos vários que já foram noticiados e que coadunam com algumas perspectivas apresentadas na obra de Ignácio de Loyola Brandão. As consequências resultam em atrasos no desenvolvimento do país, no qual os trabalhadores ralam para se manter em pé, mas que acabam sendo usados e, por ironia, pagam o preço devido as propinas, desvios, má distribuição da verba.

---

<sup>23</sup> Atualmente está em prisão domiciliar.

Além de todo o dinheiro recebido pelos Astutos, que esbanjam “ostentação” morando em ilhas isoladas com blocos de apartamentos construídos em seus nomes, há além dos altos salários, os benefícios, que de forma sarcástica são próprios daqueles que governam o país, pois arriscam suas vidas e desempenham um importante papel na participação ativa para o desenvolvimento da sociedade.

Além dos salários, cada político recebe o BNDES, ou seja, Benefícios Nacionais De Estímulos Sociais. São: mensalidade para alimentação; para o banho (sabonetes, óleos para a pele, cremes, adstringentes, xampus) [...] Há a mensalidade do vinho, da vodca, da poire, da grapa, do Carpano, do gim, do leite para os filhinhos, da compra de castanhas-de-caju, do algodão-doce para netos e bisnetos, do salário de cozinheira, copeira, arrumadeira, faxineira, jardineiro, pintor de paredes, do ticket transporte, dos gastos com táxi, avião, do pagamento de férias, décimo terceiro, décimo quarto, quinto, sexto, vigésimo (BRANDÃO, 2018, p. 56)

O narrador é enfático e enumera diversos benefícios e mensalidades que são distribuídos para os políticos. O nome de “BNDES”, que significa “Benefícios Nacionais De Estímulos Sociais”, funciona como uma sátira ao que é o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), uma empresa pública federal com sede localizada em Brasília, cuja atividade se volta para o financiamento e investimento em todos os segmentos da economia brasileira. No BNDES citado na obra, se coloca como benefício de “estímulos sociais”, em que o uso da linguagem apresenta um sentido, mas na prática observamos que os estímulos sociais são válidos apenas para os próprios integrantes do Areópago e da Câmara Alta, o que contradiz o entendimento do que significa “estímulos sociais”.

Em grande escala há referência sarcástica aos benefícios que os políticos brasileiros (e também de outros países) têm acesso quando alcançam os altos cargos, o que se torna ainda mais irônico, visto que possuem salários muito acima da média quando comparado ao que constitui o salário mínimo, demonstrando por si só um desequilíbrio. Alguns são os mesmos benefícios vistos para os políticos, em que, por exemplo, para deputado e senador no Brasil, os benefícios como auxílio moradia, plano de saúde, carro oficial, chegam a mais de 100 mil reais, além do salário.

Os elementos predominantes que descrevem e constituem a cidade presente na obra *Desta Terra Nada Vai Sobrar A Não Ser o Vento que Sopra Sobre Ela* (2018), demonstram um ambiente caótico, tomado pela corrupção e longe do que se espera de um ambiente “politicamente” construído, pois é de total opressão. As relações sociais e políticas aparecem de forma amplamente degradada, destituídas de sentido e que já não dão mais condições para

o funcionamento da sociedade. A sobrevivência é dada no seu extremo, em que pessoas morrem aos montes, as ruas pelos quais se passam são locais perigosos para se transitar e o governo é distante de seu povo, conflitantes entre si e que regulam as necessidades diante de seus próprios interesses.

#### 4. AS CONDICIONANTES DISTÓPICAS EM *DESTA TERRA NADA VAI SOBRAR, A NÃO SER O VENTO QUE SOPRA SOBRE ELA*

Neste segundo capítulo busco analisar como se dá a vivência das personagens diante das situações as quais estão submetidas, considerando o contexto opressivo de um poder totalitário. Dessa forma, percebo que há influências que alteram a percepção do mundo e transformam as tomadas de ação, em específico das personagens da obra que envolvem Felipe, Andreato, Clara e sua irmã Marina. Os recortes para análise serão feitos a partir de diálogos e pensamentos dessas personagens, seguindo uma ordem de fatos que vão se desenrolando ao longo da narrativa.

Felipe é o personagem principal, e é o mais desconectado do meio *online*, por possuir um celular das gerações mais antigas, e também por ter tido, no passado, contato próximo aos Astutos, trabalhando para eles. Por algum motivo não explicitado se afastou deste trabalho e buscou viver fora daquele ambiente. Não se tem muitos detalhes da vida pessoal desse personagem, o que se vê com ênfase são suas condutas com outros personagens e, às vezes, um diálogo interior sobre dadas situações que aconteceram perpassados em contextos próprios do local no qual vive. Vale ressaltar que, diante da condição da sociedade vista no capítulo anterior, esse personagem aparenta certa condição financeira superior em relação a grande parte dos indivíduos da cidade e isso lhe garante certas vantagens como, por exemplo, a fácil locomoção com um carro próprio.

A personagem Clara, que é a ex-namorada de Felipe, justifica o término do namoro utilizando-se de vários motivos, sendo um deles quando ela diz “você me usou, sempre. Não passei de uma amante que você aproveitava quando era conveniente” (BRANDÃO, 2018, p. 30), e depois do término decide tirar um ano sabático, já que sempre esteve trabalhando em vários locais a um bom tempo, e aparentando estar cansada de tanto trabalho que se junta a ideia de superação desse relacionamento que durou mais de sete anos. Também trabalhou por muito tempo em uma “agência”, que suponho ser de modelo. Nesse sentido, a condição financeira de Clara parece estar dentro de uma classe com renda superior a maioria das pessoas que vivem naquele local, da mesma forma que Felipe. Isso se confirma mais quando ela aparece dirigindo seu “Jipe”, que será visto mais a frente, e também pela condição de decidir tirar férias por um ano, sem trabalho.

Marina é a irmã de Clara e só aparece nos diálogos com o papel de ouvinte, as vezes de conselheira, sempre em rápidas passagens acompanhando sua irmã. Andreato é o melhor amigo de Felipe, sendo colocado como um dos melhores *hackers* em atividade do país. É um

personagem que está sempre conectado às atividades manifestadas nas redes sociais e atento as informações que chegam a cada instante. Faz, de certa forma, um contraponto com Felipe, quando se olha para o quesito da alta conectividade pelas novas tecnologias. Ele, da mesma forma que Marina, surge como alguém que ouve e participa, principalmente nos diálogos com Felipe, em que é pedido a realizar favores ligado ao uso da internet e se mostra como conselheiro em alguns momentos, como por exemplo quando Felipe pede para Andreato desativar o funcionamento do *GPS* conectado à tornozeleira eletrônica, trecho que será visto adiante.

Andreato ainda é um personagem que tem mais ênfase na narrativa do que a irmã de Clara e se mostra como um elemento fundamental para a construção do personagem Felipe, lhe trazendo novas informações das notícias que são publicadas a todo instante, para ajudar o amigo nas tomadas de decisão, sempre o auxiliando ao longo da narrativa. Dessa forma, sobre um aspecto geral, as condições na qual esses personagens estão inseridos, mesmo considerando um maior nível de poder aquisitivo, é que eles são fortemente influenciados pelo meio em que vivem. Felipe, por exemplo, chega a demonstrar certas condutas que não condizem com aquilo que ele demonstra pensar, como por exemplo a tentativa de assassinar Clara. Em um diálogo posterior ao acontecimento ele diz que perdeu a cabeça e não queria que ela morresse.

Outro ponto interessante a colocar é que as narrativas distópicas normalmente iniciam em meio a uma degradação que está em andamento, na qual chamo de distopia formada. Emprego o termo “distopia formada” pois a distopia se forma ao longo de certo tempo até se concretizar, considerando certas características mínimas como, por exemplo, o estabelecimento de um governo totalitário ou autoritário. Há, então, uma espécie de “distopia em andamento”, que acontece por um processo de instauração despótica, qual forma seja, ainda em andamento para seu pleno desenvolvimento.

Chamo atenção para isso, já que se percebe, no contexto do Brasil, que certas situações semelhantes acontecem, como os atos inconstitucionais, os atos antidemocráticos, a disseminação de *Fake News*, dentre outros. Portanto, no contexto de escrita da obra, as distopias já estão formadas, dando um aspecto de completude em relação aos atos que vemos no Brasil atual. Portanto, não posso avaliar com grau de certeza sobre nada do que veio antes do contexto da obra, apenas por probabilidade, e essa é uma condição da pesquisa que serve para perceber como se comportam os personagens na obra, partindo de uma alteração no ambiente atual da cidade distópica, que antes provavelmente não estava tão avançado quanto agora.



A obra se inicia em meio a distopia formada, portanto não posso afirmar com certeza sobre como era o funcionamento antes da tomada de poder e estabelecimento do caos, mas posso inferir, diante do que é disponibilizado. Busco perceber como se comportam os personagens no recorte desse contexto. Se a cidade está deteriorada, é porque antes havia um lugar melhor, se havia uma situação melhor as pessoas não reclamariam tanto, denotando que não haveria tantas mortes e doenças espalhadas, então havia um ambiente menos caótico e mais equilibrado.

Os conceitos utilizados foram vistos no capítulo teórico. Autores como Durkheim e Freud, com as análises de Krapelin. A ideia de Fato Social foi desenvolvida por Durkheim e o estudo dos transtornos mentais por Freud. As condicionantes desse local resultam nos agravamentos e como tudo isso impacta a vivência dos personagens. Vimos que as causas são de inúmeras ordens como psicológica, física, biológica, portanto, a análise é feita sobre as ações das personagens a partir deste contexto que foi posto anteriormente.

A ideia de Fato Social supõe a *generalidade*, em que se dá o caráter universal dos fatos. Posso conectar esta ideia ao fato que compõe as ditaduras, que apesar de em cada local haver particularidades e elementos próprios da cultura que as diferenciam das outras, há fatos universais que compõem as ações fundamentais. Desse mesmo modo, a distopia se utiliza de fatos universais para embasar a estrutura do regime.

No contexto da obra DTNVS, percebo que as pessoas estão sob condições que as impactam severamente, como o elevado nível do estresse, as preocupações, a ansiedade, a falta de esperança e o medo constante. Como se percebe, é um contexto que está mais propício ao surgimento de doenças severas como a depressão, por exemplo, como é o caso do que já foi visto no capítulo dois, em que a propaganda é criada sob o pretexto de uma sociedade acometida pela doença. Como reflexo disso, esses ambientes acabam arrasando as relações sociais e familiares e condicionam a causa para desavenças e mal-estar constante.

Ora, relacionando com o que está sendo falado, o autor Machado de Assis, em sua época, narrava sobre a melancolia<sup>24</sup>, vemos por exemplo no seu romance Memórias Póstumas de Brás Cubas uma espécie de espírito melancólico que ronda toda a trama como pano de fundo da construção, sempre agindo diretamente nas relações. O personagem Brás Cubas aparece desacreditado da natureza humana, acompanhado por um foco narrativo que descreve

---

<sup>24</sup> Além de autores mais antigos que já falavam sobre, escolhi o Machado por já fazer parte de uma sociedade em certa medida num processo de alta pela industrialização, no qual muitas pessoas já estavam vindo do campo para o ambiente urbano, tendo então um contexto mais semelhante ao que é o espaço urbano atual. Com isso, fiz uma ponte de uma época mais antiga para colocar que esse tema que já vem de certa tradição, inclusive anterior ao autor.

as misérias da sociedade, considerando a época no contexto do autor. As condições daquela época não são melhores que as de atualmente, já que estas foram sendo aperfeiçoadas, pelo menos quando se pensa no ambiente físico, com o advento das tecnologias e das novas descobertas, pensam novas medidas e alcançam novos resultados para, por exemplo, entender e aprimorar questões como o saneamento básico, tornando-a uma atividade obrigatória no contexto de uma cidade, como o tratamento mais eficaz para o combate de determinada doença e assim por diante.

Portanto, a capacidade de melhoria e recriação na sociedade de DTNVS pode ser colocada como precária: as pistas superlotadas de carros, tomadas pela dominância de pestes, falta de cuidados hospitalares e de saneamento básico, sobretudo ocorrida pelo desprezo e despreocupação dos Astutos em solucionar esses problemas. Quando se pensa no quesito da vigilância, mesmo com todas as tecnologias disponíveis, até os novos investimentos para a criação de dispositivos que fornecem informações sobre as condutas da sociedade, são todas desenvolvidas e aplicadas para propiciar esse condicionamento. O fato é que: o desprezo pela melhoria do país é tão evidente que, mesmo com todo o investimento nessas tecnologias, esses instrumentos não funcionam com a mesma eficácia que pode ter funcionado antes, pois não se solicita a manutenção. Isso mostra que a cidade está controlada e que, por isso, esse monitoramento não tem importância.

Para entender isso, os principais personagens da obra são Felipe, Clara e Andreato. O protagonista Felipe, ainda no início da narrativa, após o término da relação de namoro com Clara, e depois de ter realizado um crime contra o sistema governamental, precisou se desconectar das redes por um tempo, para despistar a fama negativa que o leva a ser constantemente ameaçado de morte. Andreato em diálogo com Felipe, diz

- Corre uma história de que localizaram o criador da campanha Vada a Bordo e do vídeo da Nova Ordem Política Para Eleger Presidentes. Os dois têm sua digital. E tome pau! [...]
- Querem te matar. E matam. Não fisicamente, te arruinam.
- Caralho! O que faço?
- Não se exponha.
- Nem me lembrava mais daqueles vídeos. (BRANDÃO, 2010, p. 26)

Interessante notar que, além dos Astutos financiarem a perseguição a Felipe, algumas pessoas da internet que veem esse tipo de conduta também se irritam, o que demonstra a presença de uma outra condicionante que eleva a pressão física e psicológica sobre o sujeito, que mesmo não sabendo da quantidade de pessoas que causam o ataque, sofre uma negativa

influência em sua vivência, como no trecho “Querem te matar. E matam. Não fisicamente, te arruínam”. Chamo a atenção para um fato que acontece no mundo inteiro, proporcionado pelo meio tecnológico da internet que possibilita a criação de usuários falsos, tidos como “anônimos” e que conseguem agir de diversas maneiras por este meio, pois conseguem esconder sua identidade por detrás das telas<sup>25</sup>. Gois e Abreu (2021), ao abordar essa temática falam sobre as consequências negativas que esse tipo de situação pode propiciar:

Antes, os crimes se configuravam através de relações sociais físicas e diretas, necessitando de um contato imediato, como por exemplo, o caso dos crimes de extorsão, que ocorriam materialmente no local da ação e consumação do ato criminoso. Com o advento da escrita, dos telefones, e de outros meios de comunicação mais antigos, aumentou-se o alcance de tais delitos, pois as injúrias, calúnias, difamações, bem como as extorsões, podiam ser feitas com um alcance maior, podendo atingir mais indivíduos. Na Era Moderna, com a evolução da tecnologia e dos meios de comunicação, surgiu o meio digital, que, com o passar dos anos, tornou-se parte integradora das relações sociais. Nesse sentido, com o alcance e a praticidade dessas ferramentas, que, apesar de melhorarem diversos setores da sociedade, também geram brechas para infrações. (GOIS e ABREU, 2021, Online)

Esse não é o caso específico do trecho da obra apresentado, mas é uma percepção possível, já que as situações de xingamento e discurso de ódio é algo mais fácil de se acontecer nesses meios do suporte *online*. Os indivíduos estão protegidos do contato físico e por isso agem como usuários anônimos, escrevendo o que querem e sem pensar nos possíveis impactos negativos podem causar a uma pessoa específica, principalmente os impactos de ordem psicológica. Considerando o contexto distópico em que se situa Felipe, uma pequena ação pode se tornar maior do que é. Muitas dessas ações são consideradas como crime cibernético, uma nova modalidade de crime surgida das decorrentes situações semelhantes a esta.

As campanhas de que Felipe participou/criou, são consideradas como crime tanto pelas pessoas da cidade que possuem acesso à internet e participam ativamente das redes sociais como também pelos Astutos que, percebendo a ironia, não gostaram do tom e lançaram notas de perseguição contra o personagem. A primeira campanha é intitulada de “Vada a Bordo”, cujo termo se originou de um acidente real acontecido em um cruzeiro, no mar Tirreno, em que o capitão Francesco Schettino<sup>26</sup> abandonou o navio, no lugar de prestar socorro as mais de 4.200 pessoas que estavam a bordo.

<sup>25</sup> *Link* de acesso disponível nas referências.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/frase-dita-ao-capitao-de-barco-que-naufragou-vira-camiseta-na-italia.html#:~:text=O%20telefonema%20mostra%20ind%C3%ADcios%20de,dois%20deles%20em%20estado%20grave.>

A campanha é criada por Felipe e lançada de modo anônimo. As informações sobre o assunto de que tratava não são explicitadas. O que se observa advém da fala de Andreato sobre Felipe, que diz “Acertava na mosca. Fazia de tal modo que os filhosdaputas nem percebiam a ironia, a ferocidade. Era o campeão anônimo das redes” (BRANDÃO, 2018, p. 26). Com Felipe sendo considerado um criminoso seu amigo fala sobre ele “acertar na mosca”, citando os “filhosdaputas” e também a “ironia” e “ferocidade”. Este contexto está interligado e ganha novas camadas de valor, explorando mais concretamente o que de fato acontece na obra.

Isto leva a considerar que Felipe, no período das campanhas, tinha algum intuito de atingir os governantes do país, fosse apenas para chamar atenção ou para, de fato, tentar desestabilizar o sistema e conseguir algum espaço para que a intervenção do povo fosse suficiente na retirada dos governantes do poder e, possivelmente, tentar restabelecer uma nova condução ao país. Apesar disso, o acidente chamado como “Vada a Bordo” aparece como uma comparação entre o acontecimento real e aos governantes do país distópico, já que, como é perceptível, eles “abandonaram” a condução do país, deixando a população a deriva.

Nesse sentido, o seu amigo Andreato, que é um *hacker* dessa sociedade super conectada, se diz “o melhor hacker do Brasil” (p. 26) e possui a capacidade de “desligar” seu amigo Felipe das redes sociais, na busca de não o expor até que a situação de perseguição cesse. Felipe diz:

- [...] Tem como me tirar das redes por um tempo?
- Não tivesse, não seria o melhor hacker do Brasil, estou conectado com o mundo. Ouça, vê se desaparece por uns tempos. Fecha tudo, apague.
- E a tornozeleira?
- Dou um jeito, anulo o sinal [...] No fundo, cara, tanta vigilância é fajuta, eles vão atrás de quem querem, odeiam. Agora, quer saber de uma coisa? O que corre? É que a maior parte dessas porras de tornozeleiras não funcionam há anos. Vivem desligadas, é efeito psicológico. (BRANDÃO, 2018, p. 26)

Para além do contexto em que os Astutos estão inseridos, o corpo político do país serve para demonstrar um ativo sistema de corrupção. É possível ver que algo em comum acontece na função que o personagem Andreato exerce, que é amigo de Felipe e um dos melhores *hackers*. O termo *hacker* é de origem inglesa e, segundo o Dicionário de Português Online significa “Quem invade sistemas computacionais ou computadores para acessar informações confidenciais ou não autorizadas, apontando possíveis falhas nesses sistemas”, também conhecido pela expressão “ciberpirata”. Observando o que se passou antes, podemos perceber que não há apenas corrupção entre os políticos como há entre os próprios

personagens. Isso aponta a ideia de que, para existir um mundo como esse, é de se esperar que a sociedade como um todo também haja conforme as noções de corrupção.

Além do que aconteceu com Felipe no caso da perseguição, há uma certa presença distópica na obra que difere das obras clássicas do mesmo subgênero, em que o governo central não investe tanto na manutenção do controle totalitário, mas aproveita a presença do medo psicológico apenas pela presença física do objeto, no caso a tornozeleira, que é utilizada desde o nascimento dos novos sujeitos. As tornozeleiras não funcionam mais e mesmo assim, por meio do medo psicológico, é algo que condiciona a população a estar sempre suspeitando do ato de ser perseguido, para onde quer que se locomovam. Esse é um peso a mais que recai sobre o indivíduo e denota mais uma condicionante, relacionando-se ao que já vimos em algumas situações analisadas anteriormente.

Ao mesmo tempo a esse tipo de condicionamento, Andreato fala sobre a “vigilância fajuta”, ressaltando a “falta de investimento” em equipamentos, até mesmo para manter o controle e o funcionamento do poder tirano. Além do Brasil ser um país mais pobre economicamente do que os países do nível “desenvolvido”<sup>27</sup>, se mostra a falta de interesse, contexto esse que é complementado pela situação em que os comboios fedorentos atravessam a cidade, interrompendo o trânsito além do que já estava interrompido. Considerando as narrativas distópicas das obras que citei como clássicas, seria feito de tudo para que os corpos defuntos, caso lá estivessem citados, fossem escondidos da população sem o menor risco de que algum rastro fosse percebido, mantendo a manutenção constante da vigilância, manipulando cuidadosamente o que a população pode ter acesso e mantendo-os como servidores do Estado.

A obra DTNVS demonstra que, mesmo em uma distopia que a população sabe e reconhece em algum grau o que está acontecendo, não se diminui a ideia de medo que paira, pois há um local totalitário que, apesar da situação de exposição dos aspectos negativos, os riscos são ainda maiores, pois o desprezo pela saúde, higiene, segurança, levam à insatisfação, agravando também outros problemas. A situação parece ser ainda piorada, nos fazendo comparar os níveis de mentira e ilusão das outras narrativas, com a degradação do local e dos grandes números de mortes da narrativa de Brandão, enlevados pela noção de saberem estar diante de um local degradante.

---

<sup>27</sup> Aqui considero os gráficos que mostram o Brasil ser um país considerado “subdesenvolvido”, por suas más condições dentro dos parâmetros em que são medidos, mostrando o alastramento de diversos problemas que em países “desenvolvidos” não acontecem.

Brandão em sua obra parece estar nos avisando que o país não tem jeito, mesmo existindo uma resistência por manter a vida das pessoas, por meio do trabalho e das lutas, mas os meios não são suficientes para alcançar a finalidade da melhoria. Os sujeitos começam a ser condicionados a certos tipos de “prisões”, para descrever a ideia da exaltação dos vícios cada vez mais eminentes, ou seja, quando se corrompe certas faculdades da psique humana, essa corrupção pessoal acaba se evadindo para outras áreas da conduta humana, chegando as áreas como o plano político, que está associada a importantes iniciativas para a melhoria de um local.

Esse é uma alerta de impacto para nós, já que nos leva a refletir o que está acontecendo em nosso contexto atual. Conseguimos perceber que há a presença de uma luta entre o povo e seus governantes. Algumas vezes as condutas e decisões deles ferem o direito democrático, já que muitas dessas decisões estão sendo tomadas contra a vontade popular e, por enquanto, o poder que podemos demonstrar se dá pela resistência, analogamente guiada pela exposição de uma voz popular forte que ressalta a democracia. Hannah Arendt diz que um fato curioso da Segunda Guerra mundial foi a população alemã que passou a concordar com o ditador Hitler, apoiando-o nas suas decisões, uma descoberta que chama atenção e que denota o quão perigoso pode ser confiar irrefletidamente nas decisões dos políticos. O que resta, portanto, é o fato de que há esses acontecimentos. Para reverter essa situação é preciso buscar novos entendimentos e lancemos reflexões sobre hoje e o futuro. O que estaremos construindo hoje para que alcancemos posteriormente?

#### **4.1 As relações das personagens no ambiente distópico**

Além do que vimos com Durkheim, há outras categorias que servem para reger com mais precisão esse subcapítulo que aqui pontuo, que seria pensar a ideia das influências do meio social de um local distópico sobre os personagens, a partir do condicionamento que levam aos possíveis surgimentos de neuroses, atualmente melhor intitulado por transtornos mentais, mas que Freud chama “neurose traumática”, chegando à ideia da “amnésia dissociativa”, ambos desenvolvidos por uma alta pressão social do ambiente, como também através da inalação de substâncias químicas que atingem as funções psíquicas dos indivíduos, fazendo com que as decisões comecem a se tornar cada vez mais irrefletidas, que resulta em consequências como a depressão, bipolaridade, ansiedade, transtorno delirante e outras. Na obra DTNVS, coloco como ocasião principalmente dos fatores externos que alteram os internos, isto é, as condições de doença, surgimento de novas doenças, o mal cheiro espalhado

por toda parte, o desinteresse com a segurança do trabalho nas empresas e assim por diante, como fatos que vão alterando a psique humana, o modo de pensar e se guiar dentro da sociedade.

Considero analisar que o ambiente distópico da obra DTNVS possui algo de “novo”, da mesma forma como foi a Primeira Guerra e suas consequências, ao refletir a situação dos ambientes em que se estavam, dos limites a que o corpo humano poderia chegar em um lugar de ameaça e destruição como aquele. Da mesma maneira, esse ambiente da obra demonstra ser ameaçador e destrutivo, só que em um outro contexto também nunca vivido. Portanto, o uso do termo “campo de batalha” é condicionado pelo fator “batalha” que aconteceu na guerra, da mesma maneira que os personagens Felipe e Clara estão passando, com a tensão de a qualquer instante poderem ser mortos, sobre os efeitos do ar tóxico que respiram ou de alguma perseguição política.

Poderia assemelhar as situações da obra com um dos recortas da guerra que marcam momentos de tensão até os dias de hoje, as minas terrestres. Escondidas por debaixo da terra, funcionam como armadilhas explosivas que acionam a partir da presença de sensibilidade no solo, podem explodir como resposta a simples passos de caminhada, que tinha como finalidade evitar o avanço das frotas inimigas. O fato de não saber onde pisa, ou até de identificar que existe um obstáculo, mas não saber onde ele se encontra exatamente, são situações que até hoje repercutem, já que existem locais que são proibidos de passar por ainda possuírem minas terrestres que não foram acionadas, e além disso são perigosas para desativar. Essa tensão se assemelha com o da cidade em DTNVS, pois não se sabe qual local é mais “seguro”, já que em todo lugar há câmeras, drones e outros fatores que constituem essa tensão. Nesse tipo de situação, encaixa o que disse Jaques, “compreendemos o campo de batalha como o solo que nutre as neuroses de guerra, posto que elas são o resultado dos efeitos de um perigo mortal”.

Quanto às neuroses traumáticas, são inúmeras as condicionantes percebidas, o que nos denota o ar depressivo, os problemas de saúde e que levam até ao suicídio presentes nesse local. As alucinações de Felipe são um outro resultando das condicionantes que agravam um problema anterior. Como já vimos, há a presença da desorganização do pensamento que resulta em outras possíveis consequências dessa confusão. Todo esse novo ambiente é proporcionado pelo sistema, que acaba inclusive prejudicando os próprios políticos, já que também tiveram de mudar radicalmente o modo como vivem em vistas das vantagens que conseguem.

Da análise da obra de Brandão se denota um ambiente propício aos transtornos, traumas, depressão e suicídio. Os três tipos de suicídio definidos pelo sociólogo Durkheim, em sua obra *O suicídio* (2000), servem para que possamos entender melhor como isso se desenvolve. O “anômico”, como vimos, é aquele tipo de suicídio que se dá pelo desregramento social, a falta de respeito das pessoas e as normas das instituições. O “egoísta” se dá pelo desamparo moral que favorece o individualismo.

Observando esses dois conceitos colocados pelo sociólogo, é perceptível que o primeiro tipo tem sua condicionante a partir de elementos naturais do ambiente, que acabam influenciando as ações do homem. Já no segundo, o desenvolvimento se dá por elementos internos ao sujeito, de modo que, dá a parecer que um tipo de suicídio, de certa forma, complementa o outro. Frente as análises já feitas da obra DTNVS, encontro algumas características que se dão pelas manifestações do tipo de suicídio anômico e egoísta, haja visto as grandes influências do ambiente distópico, que em si possui os meios para a falta de coesão, o desregramento social e também o desamparo moral. É perceptível, na obra de Brandão, que a partir da condicionante anômica, advinda das decisões dos “Astutos”, a condicionante “egoísta” se desenvolve, favorecendo a melancolia e o individualismo.

A partir das condutas dos personagens Felipe e Clara, a configuração dos conceitos citados anteriormente, com a ideia dos transtornos e do ambiente depressivo. Além desses, o personagem Andreato tem grande importância na sua relação como amigo de Felipe, contribuindo com diversas informações sobre as notícias do dia a dia, que ajuda na condução do seu amigo em várias situações, na busca de sobrevivência, já que Felipe é perseguido pelos Astutos. O contexto do personagem principal é de uma fuga do local onde está, pois se localiza na cidade principal da obra, exposto a um maior grau de adversidades, mas também com a finalidade de perseguir sua ex-namorada, que cansada dos altos níveis de trabalho e da dificuldade de se viver na cidade São Paulo, busca um local distante para tirar férias, coincidindo com a conduta primeira de Felipe, que é fugir por uma vida mais propícia.

É importante alertar para o ato da perseguição de Felipe pensando no contexto do Brasil contemporâneo, pela existência da Lei 14132, de 2021, que coloca a “perseguição” como crime. O Artigo 147-A dessa lei prevê pena de cadeia e multa quando o(s) indivíduo(s) “perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade.” (BRASIL, 2021). Então, o crime de perseguição está sobre o contexto de “por qualquer meio”, considerando também o meio da



internet, que se relaciona com o exemplo das manifestações contra Felipe, e agora de Felipe com Clara, situação essa que ameaça a integridade e interfere na liberdade do outro.

Vejo que o personagem Felipe, no começo da narrativa, demonstra grandes preocupações com a situação dele perante o ambiente caótico. Nesse início já é perceptível os elevados níveis de estresse e ansiedade que desembocam posteriormente em situações de mais transtorno mental. Com o desenrolar da trama, é interessante considerar que a perseguição por Clara advém também de um contexto das condutas neuróticas de Felipe, que não demonstra saber aonde ela está indo, senão por intuição. Ele continua incessantemente na busca dela, ato que se alonga até ao fim da narrativa, e mesmo sem encontrá-la definitivamente, ainda a espera, em uma situação sumamente deplorável, em meio a delírios e morando nos escombros de um prédio abandonado, demonstrando a decadência a que o personagem principal chegou.

Considero que um dos fatores que levou Felipe a desenvolver esses tipos de conduta tem fortes influências do ambiente distópico em que vive, considerando a situação de perseguição no qual está exposto e os xingamentos da população. Essas ações estavam expostas quando Clara decide terminar o namoro de oito anos entre eles. Esse acontecimento pode ter sido uma das ações que desencadeou no processo de neurótico, que leva ao desenvolvimento do surto. Como já vimos, Jaques diz que “no combate, a neurotização do sujeito pode advir de várias maneiras, desde a explosão de uma granada ou a morte de alguém, por exemplo, até acontecimentos cotidianos tolos, considerados “a gota que faltava” para a eclosão do surto neurótico” (JAQUES, 2012, p. 21).

Partindo de um desses contextos, ainda no início da narrativa, Felipe pede auxílio a seu amigo Andreato, que o estava ajudando a desaparecer das redes sociais pelo fato de ter sido descoberto sua participação em gravações “proibidas” que tiveram grande repercussão na internet, sendo algo que atingiu os Astutos de forma negativa. No diálogo Felipe se despede do amigo:

- Tchau! Se estiver vivo, te encontro à tarde.
  - Se estiver vivo?
  - Posso morrer na esquina. Ao sair do restaurante, no cruzamento, ao entrar no meu prédio. Uma faca, uma flechada de um desembargador. Nenhuma pessoa sabe se continua viva no minuto seguinte.
  - Você não está bem, amigo.
  - Não aguento mais. Por isso nunca comprei uma arma. Se tiver uma, o cara encosta, atiro.
  - Não é diferente de ninguém. Todo mundo no limite.
- Os trens passam, vem o silêncio. Permanece o fedor, longo. Tristeza e desalento. Não aguento mais. Fazer o quê? Não tenho para onde ir. Pensar que basta terem descoberto que estive por trás de gravações que viralizaram como loucas, vistas e compartilhadas por milhões, traduzidas e vistas em 81 países, e sou colocado no

índice d'Eles. E isolado, escorraçado, metido na lista negra. (BRANDÃO, 2018, p. 27)

Deste trecho, melhor se nota a constante pressão e ameaça que é viver neste local, dada pelos picos de adrenalina a cada novo movimento, gerando ansiedade por encontrar um local “seguro”. Na primeira fala, após Felipe se despedir, ele coloca uma condição específica para encontrar seu amigo, que é “se estiver vivo”. Importante observar que isto é dito com certa tranquilidade, dando a impressão de que tem conhecimento do local em que vive e que pode ser eliminado a qualquer momento. Isto significa dizer que, em algum grau, se sabe do totalitarismo presente no país, até entendendo como o jogo político funciona.

Nesse contexto específico, o personagem em ação sabe dos perigos eminentes, continuando sua jornada enquanto está vivo. Esta situação apresenta um peso de cunho psicológico, uma situação adversa daquilo que se vive comumente. Em todos os lugares há câmeras e todos os viventes possuem tornozeleiras. Essa é uma situação que constantemente afeta o senso de sobrevivência, tensionando situações estressantes que, se tidas em excesso, causam problemas de saúde.

No diálogo seguinte, Felipe mostra saber do que está falando sobre sair vivo ou não, pois até elenca os vários locais nos quais pode morrer. Isso aumenta a tensão, já que em qualquer lugar que ele estiver pode ser morto, como diz “posso morrer na esquina”, “restaurante”, por “uma faca, uma flechada de um desembargador”. Seu amigo Andreato o alerta de sua situação, dizendo que ele não está bem, e Felipe responde, “Não aguento mais [...]”, delatando que há uma grande tensão sobre si, certificando as possíveis consequências dos perigos que vimos e mostrando o contexto ambiental que condiciona o desenvolvimento e agravamento de doenças como a ansiedade e a depressão.

Andreato ainda diz que “Não é diferente de ninguém. Todo mundo no limite”, ou seja, há uma outra confirmação por parte do amigo, que essa circunstância incide sobre todas as pessoas se chegando ao “limite”. Ainda assim, o diálogo termina com Felipe se queixando de sua condição no dado momento, descrevendo o ambiente como triste e de desalento, acompanhado de um discurso sem perspectiva, “não tenho para onde ir”. Além deste contexto que delata as más condições nas quais se vive, ele continua e diz que está “isolado, escorraçado, metido na lista negra”. Essa consequência é própria dele, visto que foi descoberto estar por trás de uma gravação que viralizou. Apenas mostra que o personagem está sob mais estresse que os demais, por ser um alvo direto do sistema.

No início da narrativa, quando Felipe estava no trânsito, ainda não perseguindo, mas tentando reatar seu namoro em um último diálogo entre ele e Clara, se encontra com ela em

algum lugar semelhante a um bar ou restaurante, para conversarem sobre o término e Clara explicar sua situação. O diálogo vai se dando por argumentos de Clara para comprovar seu ponto, imutável, de que o namoro já não existe mais. Sempre estressada em um diálogo sempre pontuado com exclamações, pondo suas ideias em voz alta e passando a raiva que ela sente do seu ex-namorado, enquanto que ele tenta rebater os argumentos, de forma “irracional”, pois se utiliza dos aspectos mais sentimentais no diálogo para convencê-la do contrário.

Em certo momento do diálogo, no qual Clara fala sobre as situações pelos quais passou sobre estresse, raiva e ansiedade, ela argumenta que quer se livrar de tudo, além do ex-namorado, se livrar do trabalho e “tirar um ano sabático, cansei de viver com a angústia me sufocando a garganta” (p. 33), por não aguentar mais manter sua situação e passar por tudo o que está vivendo. Dessa forma, Clara vai elencando o que já passou como forma de argumento para comprovar sua decisão de tirar “férias”:

Me enchi da agência, tive um colapso. Este semestre foram 27 demissões. Estou cansada da insegurança, do medo a cada minuto de ser chamada ao RH. Exausta, meu corpo dói quando entro no trabalho. Todo mundo tem alergia, não se sabe a que, olhos inflamados, dor de estômago, uma merda qualquer. Está no ar. Receio me roubarem, já me levaram a bolsa no restaurante cinco vezes, clonaram meu cartão de crédito. (BRANDÃO, 2018, p. 33)

Pela narrativa da personagem Clara, ela sempre esteve trabalhando ou em busca de trabalho, já que chegou a ter 27 demissões. E antes já trabalhava em uma agência, chegando até a ter “um colapso”. Além das demissões, pôs-se a falar das inseguranças pelas quais passou na cidade, sobre os altos níveis de trabalho exaustivos, porém é um dos meios que concede a possibilidade de sustento, por isso a frenética busca por trabalho dos sujeitos de uma sociedade. Além disso, alguns problemas no trabalho começaram a ser percebidos por Clara, que pelo que parece são decorrentes propriamente das consequências do trabalho, considerando o ambiente que se utiliza para realizar o trabalho.

A personagem Clara diz “meu corpo dói quando entro no trabalho”. Se o corpo dói quando entra no trabalho, suponho que antes de entrar não doía. Começo a especular por quais razões se dá esse tipo de dor quando se entra no trabalho, considerando que mais adiante ela coloca que todo mundo daquele ambiente tem alergia, que não se sabe a que, mas que os sintomas são “olhos inflamados, dor de estômago”.

A alergia parece ter relação com a dor de quando se entra no trabalho e dos sintomas citados, visto que para se ter alergia é necessário contato com algum objeto ou cheiro,

exaltando o ponto que pode ser uma consequência própria das condições da empresa. Clara inclusive diz: “Está no ar”. Diante algumas situações que já vimos, isso parece estar ocorrendo por todas as empresas e se espalhando pela cidade, pois a inspeção parou de ser vigiada, ou seja, não há uma normatização da higienização dos locais, devido a extinção dos ministérios que cuidavam dessa manutenção. Também leva a considerar que, se tratando de um local no futuro, com o aumento no número de indústrias a poluição aumentou, principalmente nessas áreas empresariais, que sem a regulamentação para delimitar as demandas, acabam infligindo na saúde dos trabalhadores pelo uso de produtos tóxicos.

Apesar desse fato não ser comumente visto, pelo menos pensando no nosso contexto, parece ser uma situação característica dessa sociedade distópica, que por estar tão desamparada no que tange saúde e saneamento básico surgem vários tipos de doenças, da mesma forma como vimos anteriormente, em que os políticos que exalam doenças mortais para aqueles que os tocam ou estão por perto e sentem seu cheiro, lembrando do caso em Chernobil, que até hoje têm consequências aos que se aproximam da região. Apesar de se tratar de uma criação artística do autor Brandão, essa decorrência dos políticos nos mostra as consequências e atenta para certas situações.

Algumas novas informações são lançadas na internet e o personagem Felipe as grava e divulga em alguma rede social não identificada. A notícia fala sobre as questões de saúde no contexto atual da obra, abordando sobre o tema da felicidade, dos profissionais disponíveis no mercado e também sobre a depressão reinante no país:

Desesperadas por felicidade, as pessoas reviram manuais de ajuda escritos por filósofos que fizeram curso por apostilas e se dedicam ao jornalismo e aos livros, como blogues seguidos por milhões de criaturas na internet. Ansiosas por paz e bem-estar (40% da população mundial está deprimida e se entope de remédios, diz Organização Mundial da Saúde) (BRANDÃO, 2018, p. 75)

Por que há um elevado nível de depressão na obra DTNVS? Além do contexto melancólico, condicionante para a ideia de falta de sentido da vida, a população é impregnada das muitas manipulações que são feitas nesse ambiente, e sabem da sua incapacidade diante de toda essa situação. Isto significa que sempre se encontrará o fracasso na busca por “felicidade”, “paz e bem-estar”, por exemplo. Portanto, a noção de ter conhecimento que uma espécie de ditadura está em processo, e que todas as vias capazes de se contrapor foram eliminadas, demonstra-se mais uma determinante para a falta de sentido na vivência desse local. É algo que reafirma a noção perpassada por todo o livro.

As pessoas estão “desesperadas por felicidade”, essa é uma das maiores preocupações dessa época, que se assemelha inclusive ao nosso contexto atual, que percebemos pelas propagandas que passam na televisão, as manifestações nas redes sociais e várias outras. Os que buscam de forma mais curiosa sobre como se pode alcançar a felicidade, reviram manuais de ajuda, acompanham filósofos formados por “apostilas”, seguem blogues na internet e acabam se tornando ansiosas por encontrar “paz e bem-estar”, que é o sumo bem da sociedade.

Quando se coloca que os filósofos são formados por apostilas, e que blogues na internet são alvos de milhões de pessoas, parece haver uma crítica a esse tipo de ato, pois sabemos que um filósofo não só se forma apenas com apostila, já que é necessário a presença de níveis de conhecimento que, de fato, demonstrem a capacidade do professor e da experiência que ele tem na prática cotidiana, além que ensine presencialmente, tirando dúvidas estimulando no aluno o pensamento sobre determinados assuntos para fazê-lo agir.

Portanto, vejo que se chama atenção para a superficialidade com que os assuntos e temáticas levantados pelos “professores” são tratados, como também é uma demanda esperada pelo povo (sabendo dos níveis de interesse pela leitura e pelo estudo na contemporaneidade), movidos por um interesse que se dispersa com facilidade em busca de informações rápidas. Os marqueteiros perceberam que, o que funciona são informações rápidas, escritas em poucas linhas e informando algo diferente, que gera pequenas reflexões, mas que logo são esquecidas pelas quantidades de novas informações que se passam a cada instante. Isso demonstra uma das faces do capitalismo, que procura investir e insistir naquilo que mais está sendo buscado pelas pessoas, muitas vezes com a única intenção de obter vendas e lucrar com as demandas, muitas vezes geradas por eles mesmos.

Observo que isso acontece porque, mesmo com a busca desesperada que se narra, 40% da população mundial está deprimida. Ainda mais considerando o Brasil no estado de subdesenvolvimento que se encontra, agravado pelo contexto distópico no qual as maiores chances das causas de depressão, como vimos, pode ser que tenha maior enfoque nos países subdesenvolvidos.

Fazendo um cálculo em vista de uma estimativa, de acordo com os dados das 302 milhões de pessoas que residem no Brasil da obra, e aplicando os 40% de deprimidos, apenas no Brasil, daria algo aproximado a 120,8 milhões de pessoas. Quais seriam as consequências de ter quase metade da população deprimida? É até difícil de pensar sobre uma projeção dessa, mas uma noção mínima que é elaborada por Brandão é a falta de sentido das coisas e uma das grandes temáticas presente na obra.

É neste sentido que venho defendendo a ideia de que Felipe, e também a personagem Clara, em alguns momentos, estão constantemente variando na forma como lidam com o ambiente ao seu redor. Em alguns momentos há ações que podem ser caracterizadas a partir dos transtornos mentais, em outras há uma normalização da noção de depressão em massa. Em meio a isso, Clara dá continuidade a sua viagem e enquanto ela estava dirigindo, Felipe a seguia

Não posso ficar aqui. Outro dia vi que Felipe me seguia. Virei o carro numa esquina e ele se escondeu atrás de uma árvore.  
 – Ou imaginou? Por que te seguiria?  
 – Deve ter surtado. De vez em quando imagino que está me vigiando em frente ao meu prédio. Pode ser alucinação.  
 – Vocês dois estão surtados (BRANDÃO, 2018, p. 91)

Mesmo com o término da relação, Felipe não aceitou que estava solteiro. A partir do impacto da decisão ele não soube o que fazer, pouco depois começa a persegui-la. Felipe se sente inconformado pelo término do relacionamento e quer reverter a situação a qualquer custo. É nesse momento que inflige a noção dos direitos civis sobre a quebra da integridade do outro em uma relação social. A amiga de Clara pergunta por que ele a seguiria, e Clara responde que ele “deve ter surtado”, que “De vez em quando imagino que está me vigiando em frente ao meu prédio”. Nesse nível de perseguição não é apenas procura-la quando há alguma oportunidade, mas seguiu-la insistentemente, vigiando para saber o que ela vai fazer sem ele.

Outro fato que ocorre é Clara achar que pode estar alucinada, isso valida que ambos têm noção de que podem estar “alucinados” diante daquela situação, se dizem isso sentem que as coisas mudaram. O personagem principal continua perseguindo-a, e nessa cena, há um recorte na narrativa para uma conversa de Felipe com Andreato sobre a tentativa do assassinato. O homem, endossado pelo estresse, raiva e acompanhado dos transtornos psíquicos sente a necessidade de matar outra pessoa pensando ser a única solução que resolveria aquele problema.

A falta de sentido e a desimportância das coisas sobre os mistérios da vida que nos rondam constantemente, resultam em consequências aliadas a uma patologia que já vem da própria pessoa, que desemboca em atrocidades cada vez mais repetidas cotidianamente.

– Surtei! Uma cagada, amigo. Estou fodido. Mal.  
 – O que foi?  
 – Joguei o carro em cima do jipe de Clara.  
 – Atropelou?

- Acho que matei. Faz três dias.
- [...] – Clara me deu o fora.
- Porra, e quis matar? Todo mundo leva fora.
- Fiquei putíssimo. (BRANDÃO, 2018, p. 123)

O termo usado por Felipe para se definir diante da ação que cometeu é “Surtei!”. Observando essa ação após o ato cometido, é importante atentar para o que se chama “surto psicótico”. Com a Psicologia Analítica, a partir das ideias de Jung, Okumuro e Doro falam sobre o surto, que é configurada por acúmulos de afeto que se fortalecem e deslocam as ideias originárias, resultando em autonomia e onipotência, ou seja, as ideias inconscientes e os desejos do indivíduo se acumulam formando um complexo de sentimentos que posteriormente pode dar vazão a alguma ação tida como fora de si.

Nessa perspectiva, Felipe assume a culpa da tentativa de assassinato de Clara. Sem muitas palavras expressa o que aconteceu, dizendo que fez uma “cagada” e confirmando que está mal. Diz: “joguei o carro em cima do jipe de Clara”, depois disso fala que acha ter matado e tenta explicar que estava “putíssimo”, utilizando o superlativo para tentar demonstrar o seu estado naquela hora, um estado que pode ser associado aos altos graus de estresse do ambiente. Enquanto Felipe está nessa situação de dizer o que aconteceu, Andreato faz um contraponto, tentando entender melhor o que aconteceu ao mesmo tempo que aconselha: “Todo mundo leva fora”, como forma de acalmar os ânimos.

Portanto, o conceito antes colocado tanto por Clara e Marina quanto pelo próprio Felipe, sobre “surtar” ou ficar “puto”, mostra que, pela amplitude do conceito e das ações realizadas, não é apenas esse conceito capaz de explicar mais profundamente o acontecimento. Vejo a possibilidade de que há movimentos relacionados a transtornos ou traumas, contextualizada pelo ambiente, que proporciona com maior recorrência o alcance dessas reações. No ato de loucura o sujeito ofende um outro, violando um dos princípios próprios do homem, sua integridade, sendo tido como “louco” ou “surtado” por fugir dessa normatividade, e em conformidade com o que Jung, Durkheim e Freud falam. As más condutas do personagem Felipe, em certos momentos, aparecem de forma mais branda e em outros de forma mais aguda, o que implica em uma variação no temperamento percebida ao longo da narrativa, revelando o quão instável o personagem está.

Brandão está narrando uma história composta de ações dadas por relações complexas, mas o que chama atenção é que, na cena em que Felipe tenta derrubar o carro para matar sua ex-namorada Clara, parece ficar claro que é uma ação que se encaixa dentro de certa radicalidade, no sentido de que a pessoa que causa esse tipo de ato apenas incitado por um

surto, torna a sua vivência incongruente com as noções coletivas de vivência e do respeito às leis individuais da liberdade para ir e vir. Portanto, Brandão já nos chama atenção para um fato que é conhecido para nós: a tentativa ou até a efetivação da morte de um ex-namorado(a), mostrando que esse é um exemplo de um processo já distópico, presente na contemporaneidade, como vários outros vistos anteriormente.

Ainda no mesmo diálogo com seu amigo Andreato, Felipe diz que talvez precise ir a um psiquiatra ou neurologista, afirmando que esqueceu seu próprio nome,

Felipe ia saindo, voltou.

– Você não tem ideia do que aconteceu, vai ver preciso ir a um psiquiatra ou a um neurologista, se é que isso é com eles. Esqueci meu nome.

– Esqueceu? Como? Não sabe mais como se chama?

– Quando pergunta, se me sinto pressionado, me dá um branco.

– E como isso aconteceu?

– Não tenho ideia. Perdi meu nome, não sei onde, como, quando. Acordei e estava sem. Li na internet que vem acontecendo com muita gente, o que deixa as pessoas confusas. Vi também que as pessoas estão atordoadas (BRANDÃO, 2018, p. 126)

Essa é, por exemplo, uma outra manifestação desse processo do surto, que lembra o problema da “amnésia dissociativa” que em certos momentos aparece mais visível, em outros menos. Interessante notar que não se tem ideia do porquê acontece essa perda de memória, que faz o próprio Felipe se colocar em questionamento e expor sua insatisfação em saber que não consegue lembrar, entendendo que isso é sinal de que há algo errado, já que parece ser a primeira vez que essa situação ocorre com ele.

Dentro dos termos da literatura médica, considerando o ambiente no qual se está dando a situação, o processo de esquecimento do próprio nome é uma confirmação dos transtornos. Nesse sentido, nos leva mais especificamente à “amnésia dissociativa”, que está ligada às neuroses traumáticas. A amnésia dissociativa é caracterizada por uma incapacidade de recordar informações pessoais, normalmente de natureza traumática ou estressante, e muito percebida após os períodos de guerra. Pelas características observadas na obra, há situações que alteram, por exemplo, a atenção, orientação, pensamento, percepção e comportamento, como elementos constantes, visto que há toda uma alteração na estrutura do local em que se vive, comparada ao que antes se viveu. Com as situações pelas quais Felipe vem passando, e avaliando esse dado momento em que ele relata ter esquecido seu próprio nome, há de se notar a confirmação dos transtornos que vem acontecendo ao longo da narrativa.

Felipe encontra um outro fato, pela internet ele leu que esse esquecimento do seu próprio nome vem acontecendo com muitas outras pessoas, colocando ainda que essas pessoas também relatam estar atordoadas. Esse dado dá mais solidez e mostra que os



distúrbios não estão acontecendo apenas com o personagem Felipe, que posso considerar estar mais pressionado em razão da perseguição e acabando de passar por um término no seu relacionamento, mas também em parte da população, que participando do mesmo ambiente que o protagonista, sofrem do mesmo tipo de problema. Para além dos problemas mais pessoais dele, há outros problemas que correspondem ao que falei no início do capítulo, sobre as interferências do meio externo sobre o interno dos indivíduos, coadunando as teorias exploradas com a forte incidência desses problemas no ambiente distópico.

Da mesma forma que percebemos os transtornos que se passam com o personagem Felipe, e várias outras pessoas não identificadas da obra, acontece também com a personagem Clara. Nos primeiros diálogos noto que ela demonstra ter um temperamento mais colérico, além de todos os problemas condicionados pelo ambiente, como a ansiedade e pressão social. A personagem parece expor com mais facilidade seus problemas e suas angústias, sem muita reflexão sobre aquilo que expressa.

O personagem Felipe estava em sua caminhada de fuga da cidade, da difamação e dos xingamentos que recebeu pelas redes sociais, como também daqueles que o perseguem, tendo o objetivo de não ser preso (senão torturado e morto). Ao considerar que Felipe jogou seu carro ao lançar contra o carro de Clara, ele agora se locomove de ônibus. Da mesma forma, Clara também, tendo sobrevivido do acidente e sem o carro, vai em busca do único meio de transporte disponível no momento que são os ônibus, com destino ainda indefinido, mas em busca de chegar o mais longe que conseguir. Coincidentemente Felipe a encontra, e mesmo não a reconhecendo totalmente pergunta para onde aquela mulher irá:

- Vai para onde?
- Vou me matar.
- O quê?
- Vou me matar daqui a pouco.
- Por quê?
- Decidi. Não dá mais
- E está calma assim? Por que vai se matar?
- Por que dizer? Porra, você só sabe dizer: por quê? Quer explicação para tudo. A gente vive quando a vida tem sentido. (BRANDÃO, 2018, p. 177)

Ao ser perguntada por Felipe, Clara não o reconheceu, já que momentos antes ele decidiu mudar seu visual, raspando o cabelo e barba. Também mudou suas roupas, com o objetivo de não ser reconhecido pelos outros enquanto fugia, já que sua foto estava espalhada pelas redes sociais, conhecida por toda a cidade. Felipe pergunta para onde aquela mulher vai, sem saber que Clara havia sobrevivido depois da tentativa de assassinato e ela responde para

um desconhecido, sem pestanejar, que vai se matar. Ao ser questionada sobre o porquê, ela responde que “não dá mais”, sem dar explicações sobre seus motivos.

A ideia da falta de reflexão da qual falei refere-se à noção de utilizar a razão humana em meio as diversas situações da realidade, isto é, por meio dos dados disponíveis conseguir manejar e comparar as ideias para uma tomada de decisão. Aparentemente isso quase não tem sido utilizado na obra, quando pensamos, por exemplo, na situação dos Astutos que realizam ações sem pensar na finalidade do seu trabalho, mesmo estando em um importante cargo.

E o que está no diálogo é justamente a expressão da personagem Clara que se utiliza do palavrão e apresenta um “tom irritado” quanto as respostas sobre os questionamentos. O uso da locução adverbial em modo interrogativo, “por quê”, é utilizado quando se espera que seja dada uma explicação sobre determinada atitude. No diálogo, a resposta de Clara parte da emoção que ela teve pelo término da sua relação, pela decadência do ambiente e pela falta de sentido das coisas. Sem considerar essas razões por uma lógica, se comenta sobre o ato de questionar, como sendo algo normal não precisar explicar o que se faz. No fim, justifica dizendo que “A gente vive quando a vida tem sentido”. A afirmação apenas prova o que se viu sobre a falta de sentido e o quase-não uso da razão. Se viver não tem sentido, de que adianta buscar a racionalidade lógica para tentar explicar algo que se vê ou queira fazer? O aprofundamento na ideia da falta de sentido serve como um intensificador para dar uma noção aos leitores de como as situações de cunho depressivo da obra estão contextualizadas.

Momentos antes de Felipe encontrar Clara na busca do ônibus para viajar, um diálogo acontece entre um transeunte e ele, que ao ser questionado sobre a hora disse que saber as horas e os dias não era algo que importava. Neste momento o transeunte vira as costas e questionamentos surgem “As pessoas estão perdendo a razão. O que está acontecendo com os cérebros? É de tanto falar ao celular? Andam como zumbis, falando com ninguém, ou com alguém que não é visto. Mandam imagens para dizer onde estão e depois não sabem onde estiveram” (BRANDÃO, 2018, p. 10). Pelo menos este personagem, que não foi nomeado, parece não ter sido afetado pelas circunstâncias do ambiente, já que está distante da cidade e mostra um pensamento mais reflexivo e crítico dentro de um ambiente contrário a isso.

A reflexão dada pelo personagem cita o uso dos celulares e dá possíveis motivos pela qual houve a perda de razão, pois as características dadas sobre como as pessoas andam se assemelham ao que está acontecendo na obra. “Andam como zumbis”, fixados nas telas dos celulares, falam com os aparelhos, ou seja, falam sem haver uma pessoa presente fisicamente ou até gravando áudios de ideias e reflexões para poderem lembrar depois. Também enviam imagens de onde estiveram, mas tempos depois já não se lembram onde estiveram, denotando

problemas de esquecimento de uma informação dada a poucos segundos, algo que acontece também no uso das redes sociais, em que o sujeito termina de usar e já não se lembra de várias das coisas da qual teve contato.

Há uma espécie de análise da sociedade que comumente passa por situações como essas, sempre guiados pelos aparelhos, não usam mais a memória, tudo está anotado. Na obra DTNVS isso é questionado e posto como mais uma possível condicionante, além de todas as situações que já vêm acontecendo e causam problemas de várias ordens. Isso chama a atenção sobre as novas condições a que nossa memória se condiciona, em que as elaborações mais complexas que demandam alto uso da razão são, às vezes, rapidamente solucionados por uma pesquisa *online*, deixando de exercitar seu cérebro e desfavorecendo o uso da memória e das funções reflexivas.

Seguindo o trecho da obra, com a viagem no qual Felipe e Clara se encontram por coincidência sem se reconhecer, logo após o diálogo ambos se separam. Clara continua a viagem no ônibus e Felipe fica na plataforma de onde os ônibus saem, sem saber direito para onde continuar sua caminhada. Momentos depois, se passa por sua cabeça a possibilidade de que aquela mulher poderia ser Clara, que sobreviveu a tentativa de assassinato, o que desperta nele a vontade de ir atrás dela, não sabemos com qual intenção, mas a princípio na tentativa de reatar ou ao menos conversar, o que, querendo ou não, seria uma ação perigosa visto a situação por qual Felipe tem passado ao longo da narrativa, com variações de atitude e pensamento, sem demonstrar controle sobre eles.

Desta ideia, Felipe toma a atitude de procurá-la, pegando o mesmo ônibus no dia seguinte, parando em todos os pontos possíveis do caminho para descrever as características da ex-namorada afim de que alguém pudesse dar informações. Depois de alguns dias de viagem, Felipe chega no destino em que algumas pessoas falaram ter visto uma mulher que seguia as características dadas por ele. Disso, ele chega em um edifício bem afastado da cidade que aparentemente não demonstrava haver ninguém morando. Ao se aproximar mais do local ele pensa já ter ouvido falar sobre, em que na época de namoro ela havia falado sobre a existência daquele ambiente, dando diversas características sobre como era o edifício e que vez ou outra viajava para lá em busca de descanso. Importante observar que esse processo rememorativo se deu entre muitas desconfianças de que essa lembrança fosse uma alucinação de sua cabeça, o que enfatiza o processo de degradação pelo qual estão passando.

Felipe, neste momento, decidiu rondar o espaço para tentar encontrar alguma pista que desse a confirmação de que há alguma pessoa morando por ali. Passam-se horas circundando os arredores, até que em certo momento ele consegue identificar que algumas janelas se

iluminaram e passa a se questionar se poderia ser ela mesmo e sobre qual seria exatamente o apartamento que poderia estar.

No edifício, algumas janelas se iluminaram parcamente. Em qual moravam Clara e sua irmã?

Adrenalina solta, Felipe subiu a rua esburacada, suja, lixo por toda a parte. Voltou pela calçada oposta, observando um terreno em frente ao prédio. Pequena edícula abandonada, varandinha, arbustos ressequidos, grama alta. Forçou a portinhola apenas encostada. Cheirava a mofo e recinto fechado há muito. Ao menos, ninguém tinha entrado, cagado, mijado e fumado maconha.

Por três horas, de dentro da edícula, pelo vidro quebrado, Felipe observou o prédio. Nenhum movimento. Na madrugada, ele percebeu uma luz no fundo, vozes difusas. Ficava atento para ver se uma fresta se abria nas persianas e alguém olhava para fora. (BRANDÃO, 2018, p. 316)

O personagem Felipe, ao ver as luzes acessas, se enche de adrenalina e procura um local para se estabelecer enquanto fica de olhos nos movimentos que são dados, na espera de encontrá-la saindo ou voltando ao prédio. Estando aficionado por encontrar Clara, relembro as possíveis noções de cunho psicótico: uma perseguição, em que ele passa no mínimo três dias na pequena edícula abandonada, rodeado de lixo, mas na espera dela. Ou seja, além de estar perseguindo Clara por vários dias e apenas por um palpite da possibilidade de ela estar lá, se submete a situações degradantes, chegando até a passar fome.

Há como que uma gama de processos mentais em curso, desde os transtornos, com as neuroses, até a situação que se percebe a presença da amnésia dissociativa, dando a ideia de um “enlouquecimento” progressivo, conforme se passa o tempo exposto aquele mesmo local, onde se aumentam os sintomas, e talvez até se agravam cada vez mais. Os traços psicóticos são percebidos no personagem, portanto cabe relacionar com todo o estresse daquele local. Trata-se de um comportamento de quem vive fortes tensões em uma guerra civil. Por exemplo, questões de impotência, desemprego, morte e fome.

Essa tensão da qual Felipe se encontra pode ser um dos fatores que possibilita um grande nível de decaída do sentido das coisas. Tudo isso ocasiona as condutas neuróticas? Sim, mas por quê? O estresse e a ansiedade gerada pelos acontecimentos o levam ao limite do corpo, assim ativando em si um processo de angústia e tristeza reforçado pela falta de sentido da vida e de tudo que está exposto ao redor.

No contexto atual do Brasil é notável o aumento desses tipos de condicionantes que são colocadas em evidência pelo autor Brandão. Há a representação de um local estressante e ansioso, que, por consequência, proporciona cada vez mais produção de remédios para ajudar no controle individual dos afetados. A exposição diária a todas essas condicionantes vai, de forma progressiva, agravando os problemas e se assemelhando ao que tem representado na

obra. Por isso a importância desta obra que lança luzes para todas essas situações que estão sendo vividas como uma primeira vez, sem sabermos quais serão as consequências dessas condicionantes e novas condicionantes em um tempo futuro.

Cabe à população o estado de alerta, não apenas para o processo político, mas também para as decisões tomadas e suas consequências, como por exemplo a forma como se dá a manipulação pelos cuidados com a saúde, tendo-a também como uma ferramenta de controle, que apesar dos grandes avanços na área da saúde, da melhoria e garantia de qualidade e dos avanços de conservação, se mostra cada vez mais dependente de recursos advindos do controle do sistema governamental. Portanto, há de se atentar para esses fatores que englobam a esfera da vivência, já que cada vez mais esses elementos estão sendo politizadas e utilizadas como ferramenta de uso do poder, que pode posteriormente resultar em outra catástrofe como as obras distópicas representam.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seleção e análise das estruturas distópicas serviram para facilitar a análise da narrativa e entendimento do subgênero literário. Essa literatura não se limita apenas a uma crítica de um determinado sistema político, mas principalmente ao totalitarismo como um todo. Até hoje, além das obras literárias do subgênero distopia, são lançadas mais do que apenas obras literárias, como por exemplo séries, filmes, jogos e outros, mostrando que há uma forte influência do cenário editorial quanto a este tipo de literatura nos tempos modernos.

A proposta que dei para essa dissertação delimitou o corpus literário a uma obra brasileira do autor Ignácio de Loyola Brandão, intitulada *Deste Terra Nada Vai Sobrar, A Não Ser O Vento Que Sopra Sobre Ela* (2018), que é uma obra recente e nos apresentar um olhar mais atual sobre a narrativa distópica. Para isso, foi necessário retornarmos aos cânones desse tipo de literatura, obras como *1984*, de George Orwell e *Admirável Mundo Novo*, do Aldous Huxley. Para entendermos como essa literatura se iniciou é preciso investigar como a utopia funciona, para conseguirmos entender a distopia, já que a noção de projeção de um futuro foi dada pela utopia.

A análise se cumpre pela delimitação de alguns elementos que são características essenciais da distopia. Dividi em subtópicos para obtermos uma compreensão mais clara de como cada um surgiu e como elas funcionam na prática. Todas elas estão presentes na narrativa analisada e se entrecruzam, voltando o olhar para a noção do regime totalitário que é um dos princípios da teoria distópica.

As cidades são o ambiente no qual tudo ocorre; esse tipo de sistema que incidiu sobre a cidade, depende da própria formação de uma cidade, já que nela se dá o “estoque” dos diversos recursos que são recolhidos para o desenvolvimento do local. Disso, a forma com que esse sistema dita e manuseia as ferramentas de controle é um dos pontos altos para o desenvolvimento das condicionantes e das possíveis alterações nesse local.

Platão foi o primeiro a repensar a sociedade a partir da sua própria, buscando entender melhor o que rege cada uma e como se poderia alcançar uma a partir da utilização dos princípios corretos em sua plenitude. Tudo a partir da idealização, algo distante do que o autor vivenciou, apesar de, na Grécia, ser um momento de grandes avanços quanto a questões de vivência em sociedade.

Com os escritos de More, na *Utopia*, que temos o significado do termo *u-topos*, que significa o não lugar. Disso que se tem a noção de um local perfeito em todos os seus âmbitos. Apesar disso, o local em que o autor viveu também estava muito distante do que ele propôs,

tal como Platão. É mais concretamente depois desse período que se dá o surgimento da distopia, como oposição da que propunha a utopia, como a criação de uma realidade negativa.

Em *1984*, de Orwell, o cenário é de um local amplamente dominado em que as pessoas que ali vivem, e até as que trabalham, não sabem que estão em um local opressor. As atividades são impostas pelos ditadores e os que trabalham precisam executar sua tarefa com grande qualidade, mesmo sem saber exatamente a atividade que estão realizando, já que a dominação dessa sociedade já se dá a um bom tempo. Portanto, toda a vivência diante do que é imposto se tornou algo comum, consenso entre os cidadãos. Aqueles que por algum motivo desconfiam de algo, pensam ou agem diferente do que é esperado são vigiados por precaução e, se necessário, são retirados da vivência coletiva em vistas do bom andamento daquele local diante das regras impostas pelo regime totalitário.

Na obra *Admirável Mundo Novo*, Huxley traz novos elementos para acompanhar a obra que, como *1984*, também possui um regime totalitário. Nesta narrativa vemos uma sociedade mais “limitada” quanto ao raio da cidade. Aqueles que estão na cidade fazem parte da esfera que engloba a convivência controlada. Os que estão fora da cidade convivem de forma diferente e não têm fácil acesso a cidade. Além disso, parte da população é geneticamente modificada com o intuito de que nenhum dos cidadãos se virem contra o próprio sistema e sempre sirvam com eficiência.

A ideia nas duas obras é de que a população seja enganada sobre o que está acontecendo desde a mudança para o regime totalitário e sirvam como operários para a formação do estado forte. O próprio povo serve como construtores do novo estado, a partir de mudanças que se dão com o tempo e acabam resultando na tomada completa do sistema. Ambas as obras, enquanto narrativas de ficção, alertam para a estrutura de funcionamento e do condicionamento social como ferramentas possíveis na realidade. A distopia pode ser vista como uma narrativa que busca pensar e alertar sobre os perigos dos sistemas de governo e modos de manipulação na modernidade.

A cidade torna-se relevante como um espaço que viabiliza todas essas possibilidades de configuração na organização de um local. As condicionantes são dadas a partir da organização no qual aquele local está sendo configurado, observando principalmente os impactos na vida daqueles que ali vivem, lembrando que é importante ressaltar que as cidades estão sempre mudando de alguma forma, se reconfigurando para buscar atender novas demandas, novas ocorrências.

Na narrativa da obra *Desta Terra Nada Vai Sobrar A Não Ser O Vento Que Sopra Sobre Ela*, um dos pontos de interesse para a pesquisa são as diversas possibilidades que a

distopia pode proporcionar a depender do local e do autor de onde é escrita, em que mesmo possuindo diversos elementos diferentes das obras distópicas canônicas, apresentam o ponto central de opressão proporcionado pelo regime. Desta perspectiva, em DTNVS, o interesse do regime em condicionar os indivíduos a acreditarem que a sociedade em que vivem não é dominada negativamente é muito baixo. Talvez em alguma medida houvesse tido tentativas para isso, mas na perspectiva em que se começa a narrativa, percebo que ainda há alguns resquícios de elementos do passado, como a propaganda<sup>28</sup>, mas que já não funcionam no nível da narrativa atual, pois vemos que a proporção chegou ao reconhecimento de estarem vivendo sob um regime totalitário.

Ainda é possível inferir que a obra de Brandão em análise representa uma sociedade em que as perspectivas dadas podem se concretizar e que os elementos representados possuem conexão com os elementos da realidade na qual vivemos, desde algumas possibilidades políticas como também sociais, culturais e outras. A concretização de algo negativo, em nossa sociedade, vem se dando há vários anos, o que apenas mostra como podemos estar em um processo de “distopificação” da sociedade, no qual cada vez mais se veem concretizadas ações negativas em nossa sociedade. Por isso também se mostra importante o estudo sobre as cidades e suas condicionantes, positivas ou negativas, já que há uma enorme mudança no mundo a partir desse desenvolvimento societário.

A hipótese desenvolvida se deu pela distopia como uma ferramenta de denúncia para acontecimentos que não são percebidos pelos sujeitos da sociedade, já que estes são enganados e creem, muitas vezes, cegamente em promessas políticas sem analisar mais detalhadamente alguns fatores dos quais passamos por esta dissertação. Dessa forma, o objetivo da pesquisa se volta para dar completude a perspectiva da hipótese, em que se buscou analisar como as relações sociais estavam deterioradas, tendo como enfoque um local no futuro que apresenta um extremo desequilíbrio de poder, e como as condicionantes desequilibram essas relações, tanto da perspectiva política como da social e psicológica, passando por um mapeamento das diversas causas presentes na narrativa e que influenciaram negativamente os acontecimentos.

Com a base dos inúmeros trechos analisados da obra DTNVS, pode-se dizer que a hipótese foi significativamente suprida, já que esta foi elaborada pensando em como as denúncias são importantes para o anunciar o andamento de uma sociedade, principalmente a

---

<sup>28</sup> A propaganda é um dos principais recursos para convencer a população da ideia que está sendo passada. Hannah Arendt, em seu livro *Origens do Totalitarismo* (2012, p. 475), fala que a propaganda é utilizada para que haja a doutrinação, como aconteceu no regime de Hitler.



partir da perspectiva da literatura, como aquela que possibilita uma liberdade criativa que extrapola as barreiras do possível, mas que parte fundamentalmente de aspectos da realidade para criar. Nesse sentido, se percebeu as referências entre os acontecimentos da narrativa com aspectos da realidade vivenciada pelos brasileiros, o que reforça a ideia de denúncia e alerta de local.

A ideia da tese também é reforçada, pois foi visto, na prática, as relações das personagens, que vão denunciando, pouco a pouco, as situações que suprimem a liberdade, impedem o uso da razão pelo constante uso da irracionalidade, do descuido e do estado de perigo eminente. Toda essa situação condiciona o comportamento dos indivíduos dentro de um espaço degradante, que interfere até mesmo na vivência dos próprios políticos que não saem em público, já que podem ser alvo e por isso sempre estão em lugares distantes e desconhecidos.

A obra DTNVS se diferencia por vários aspectos e perspectivas, que nos dá um outro vislumbre de como a narrativa distópica pode funcionar. Loyola usa a “gramática do não”, do negativo, do distópico, do inaceitável e do infeliz. Todo esse sentido da negatividade é arrastado para sua narrativa que parece inaugurar uma “distopia radical”, utilizando de uma hipérbole para melhor compreensão. Apesar de apresentar o lado pior e perverso das coisas, é uma narrativa de língua portuguesa, produzida no Brasil e que muito acrescenta sobre o pensar e refletir o Brasil, como se criou, como se transformou, como se está atualmente e como poderá vir a estar caso continue do como está. É preciso, portanto, valorizar e refletir o conteúdo de obras como esta, para que se possa agir em alguma medida contra essa perspectiva negativa que atinge nossa vivência.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela**. São Paulo: Global, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 14.132, de 31 de março de 2021**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/L14132.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14132.htm). Acesso em: 09 de setembro de 2021.
- BENTIVOGLIO, Julio. **História & Distopia: a imaginação história no alvorecer do século 21**. 2. ed. Vitória: Editora Milfontes, 2019.
- BIANCHETTI, Lucídio; THIESEN, Juarez da Silva. **Utopias e Distopias na Modernidade: educadores em diálogo como T. Morus, F. Bacon, J. Bentham, A. Huxley e G. Orwell**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2009.
- CARNELUTTI, Francesco. **Como nasce o direito**. São Paulo: Editora Pillares, 2015.
- CAVALCANTI, Ildney; CORDIVIOLA, Alfredo. **Em busca das utopias da/na América Latina: identidades, literatura e cultura**. Morus – Utopia e Renascimento, n.6. Campinas, p.413-421, junho 2009.
- Os caminhos secretos dos chefes dos três Poderes para evitar serem vistos. **Revista Exame**, Online, 20 de outubro de 2019. Brasil. Disponível em: <https://exame.com/brasil/os-caminhos-secretos-dos-chefes-dos-tres-poderes-para-evitar-serem-vistos/>. Acesso em: 15 de julho de 2021.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Trad. Paulo Neves. 3 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2007.
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. Trad. Monica Stahel. 3 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2000.
- FORTUNATO, Pedro. **Uma micro utopia na distopia: A recusa à lógica do canibal em A Estrada, de Cormac McCarthy**. 2016. 22 f. TCC (Graduação) – Curso de Letras - Inglês, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2016.
- FRYE, Northrop. **A imaginação educada**. Trad. Adriel Teixeira, Bruno Gerardine e Cristiano Gomes. 1. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.

GOIS, Caio Cezar de Orleans Furtado; ABREU, Daniel Dylan do Nascimento. **Os crimes realizados por perfis falsos nos meios digitais e as suas consequências jurídicas**. Artigos. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/89313/os-crimes-realizados-por-perfis-falsos-nos-meio-digitais-e-as-suas-consequencias-juridicas>. Acesso em: 04 de setembro de 2021.

GALVÃO, Romildo. **Suicídio**: principais fatores de risco. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/enfermagem/suicidio-principaisfatores-risco.htm>. Acesso em: 07 de agosto de 2021.

H. D. F. Kitto. **Os gregos**. 3. ed. Penguin Books, 1979.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Santa Catarina, v. 18, n. 2, p.201-215, 2013.

HOBBS, Thomas. **Do cidadão**. Trad. Renato Janine Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOBBS, Eric J. **A Era das Revoluções**: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. (1932) Trad. Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009.

JAQUES, Ana Augusta Brito. As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 10-24, jun. 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912012000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000100003&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 09 set. 2021.

JOUVENEL, Bertran De. **O poder**: história natural de seu crescimento. Trad. Paulo Neves. 1. ed. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2010.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Nélio Schneider. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

LOEWENSTEIN, Karl. **Teoría de la Constitución**. Trad. Alfredo Gallego Anabitarte. 3. ed. Barcelona: Ariel, 1979.

MAIOR, A. Souto. **História do Brasil**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTESQUIEU, Charles Louis de Secondat, Baron de la. **Do espírito das leis**. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MORE, Thomas. **Utopia**. Trad. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MOSSÉ, Claude. **Atenas**: a história de uma democracia. 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

MOYLAN, Tom. **Distopia**: fragmentos de um céu límpido. Trad. Felipe Benício, Pedro Fortunato e Thyron Ibsen. Maceió: EDUFAL, 2016.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. A paranoia em 1904 – uma etapa na construção nosológica de Emil Kraepelin. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 318-332, junho 2010.

OKUMURA, Iris Miyake; DORO, Maribel Pelaez. Tramas do inconsciente: surto psicótico pela abordagem analítica. **Psicol. hosp. (São Paulo)**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 34-54, jan. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-74092019000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092019000100004&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 15 out. 2021.

OLIVEIRA, Mariana; D'AGOSTINO, Rosanne. **Caso das malas de dinheiro em que Geddel é réu entra na última etapa antes do julgamento no STF**. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/27/caso-das-malas-de-dinheiro-em-que-geddel-e-reu-entra-na-ultima-etapa-antes-do-julgamento-no-stf.ghtml>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hubner, Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PASOLD, B. **Utopia X Satire in english literature**. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/UFSC, 1999.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

SUVIN, Darko. **Um breve tratado sobre a distopia 2001**. Morus – Utopia e Renascimento, Florença, p.465-487, maio 2015.

HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; ZIZEK, Slavoj; DAVIS, Mike et. al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Boitempo Editorial, 2013, 122 p.

**ANEXOS****ANEXO A – Estrutura básica do Esquema**